

Jisike



Educação Antirracista

Nossa luta inscrita no corpo 2023/2024



Prefeito

Gustavo Henric Costa

Secretário de Educação

Alex Viterale

Subsecretária de Educação

Fábia Costa

**Diretora do Departamento de Orientações
Educativas e Pedagógicas - DOEP**

Solange Turgante Adamoli

FICHA TÉCNICA

Centro Municipal de Educação a Distância
Maria Aparecida Contin - CEMEAD

Coordenação Geral

Patrícia Cristiane Tonetto Firmo

Autoria

Angélica Aparecida de Oliveira
Cristiane Inocencio
Débora Rosangela Philomeno Caputi
Lilian Fernandes Negreiros de Oliveira
Raquel Carapello

Equipe CEMEAD

Adriana Hollais Santos, Alex Cabral de Pontes, Angélica Aparecida de Oliveira, Bárbara Luísa de Souza Vieira, Cristiane Inocencio, Daniel Alexandre da Silva Coutinho, Daniele Araujo Brum, Débora Rosangela Philomeno Caputi, Dosília Espirito Santo Barreto, Eliane de Siqueira, Evelyn Maia Souto, Fabiana de Almeida Melo, Fabiana Soares, Flávia Aparecida Ferretti de Lima, Giuliane Almeida Cubas Lipolis, Juliana Cordeiro Batista, Juliana Portella de Freitas, Leila Macedo Oliveira, Lilian Fernandes Negreiros de Oliveira, Luciana Caliente de Souza, Marcilene de Jesus Elvira, Maria Gabriella de Souza, Patricia Cristiane Tonetto Firmo, Patricia Macieira de Souza, Raquel Carapello, Raquel Guidini Rezende, Regiane dos Santos Costa, Sergio Henrique de Santana, Silene de Freitas Oliveira Polari, Silvia Piedade de Moraes, Simone Dultra Cordeiro Dantas, Tatiane Campos dos Santos, Thaís Andrea de Carvalho Calhau, Thaís Maier de Jesus, Veronica Freires da Silva.

Revisão de Texto

Flávia Aparecida Ferretti de Lima

Cidades Educadoras

Ana Paula Lucio Souto Ferreira

Carta ao leitor

É com grande satisfação que publicamos esta revista que traz as temáticas abordadas no curso **Jisike: Educação Antirracista, nossa luta inscrita no corpo**, oferecido em 2023/2024 pelo Centro Municipal de Educação a Distância Maria Aparecida Contin - CEMEAD.

Com um viés reflexivo, esta publicação é uma ferramenta que pretende colaborar com a renovação da práxis pedagógica apresentando possibilidades de combate ao racismo por meio da visibilidade do protagonismo do povo negro em suas lutas e conquistas ao longo da história, valorização de sua cultura e **cosmopercepção** e pela **decolonização** do currículo. Este material foi elaborado com o objetivo de ser disparador de ações cotidianas que transformem as relações étnico-raciais na escola e na sociedade.

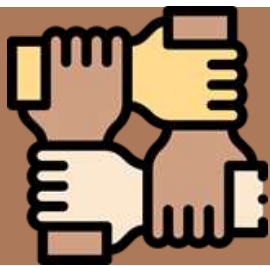
Ao longo da publicação, usaremos alguns conceitos e expressões que serão fundamentados teoricamente, além disso, contextualizaremos o porquê de seu uso e quais seus significados. Sabemos que a língua e a linguagem podem receber diferentes significados a partir do contexto e das situações em que são utilizadas. Por isso, alguns termos serão escritos na cor **roxa**, essa sinalização indica que esta palavra tem uma definição no glossário para facilitar a compreensão.

Convidamos você para conhecer também toda a coleção de publicações do CEMEAD 2023, disponível no Portal da Secretaria de Educação Municipal de Guarulhos.

Desejamos a todos uma inspiradora leitura!

Equipe Cemead





Jisike: Educação Antirracista, nossa luta inscrita no corpo

Este título expressa o objetivo do curso: **Jisike - aguentar firme, não desistir** e combater toda e qualquer manifestação de racismo dentro e fora da escola. A ação educativa desconstrói preconceitos, estereótipos e visões distorcidas, dando visibilidade e valorizando a cultura, as diversas contribuições e os variados saberes, passados e atuais, do povo africano e afro-brasileiro em todas as áreas do conhecimento humano, promovendo uma **Educação Antirracista**.

Nossa luta, porque essa é uma luta de todos. A história do nosso país é constituída por colonização, escravização e desigualdades, mas também por resistências, ressignificações e conquistas. E esse fato atravessa a história de vida de cada pessoa, ainda que de formas diferentes. Por isso, o combate ao racismo é uma luta de todos que desejam uma escola e uma sociedade mais justa e inclusiva.

Essa luta está **inscrita no corpo**, nas memórias, nas vivências, nas relações sociais estabelecidas. Diante disso, é urgente a conscientização de que nós educadores deixamos marcas, construímos lembranças, que podem inibir ou incentivar posicionamentos, romper com estereótipos ou reforçá-los.

Que marcas são deixadas nos educandos? Que lembranças estão sendo inscritas?

Este corpo, que é marcado constantemente, também é o seu, o meu, o nosso!



Ilustração: Thiago Adonai, 2023

Fique ligado!

No decorrer desta revista, há a presença de um símbolo muito importante, **Sankofa**. A presença dele sinaliza que o assunto tratado tem enfoque na historicidade dos povos africanos e afro-brasileiros, especificamente questões que ficaram na invisibilidade e hoje precisam ser evidenciadas de maneira diferente para proporcionar ressignificações e avanços.

*Jisike - termo da língua Igbo, que expressa encorajamento, incentivo. Significa "agente firme", "não desista".

SUMÁRIO

06

Ìlo síwájú (Avanço, progresso) -
Lei 10.639/03 - Contribuições e
desafios rumo à uma Educação
Antirracista

16

Èniyàn Iaso: Os humanos são
roupas, cobrindo os defeitos
uns dos outros e confortando
os infortúnios uns dos outros

30

Àgbájowó la fi n' sóyà - Unidos
nós permanecemos

42

Kaa Kwa ushupavu - Agente
firme

58

Ubuntu: Eu sou porque nós
somos / A cosmovisão
africana

67

Mate Masie / Aya -
Conhecimento e Resistência:
O Movimento Negro Como
Agente Pedagógico

76

Sankofa: Educação
Antirracista do apagamento
ao reencontro

86

Referências

91

Glossário



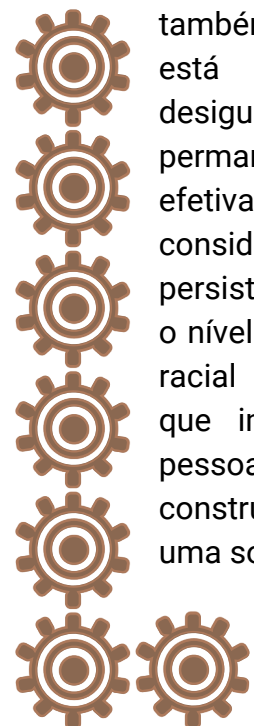
Ìlòsíwájú (Avanço, progresso) Lei 10.639/03 - Contribuições e desafios rumo à uma Educação Antirracista

* Ìlòsíwájú - significa Avanço, Progresso em Yorubá

A Lei 10.639/03 busca garantir maior visibilidade às contribuições históricas de **negros** nas ciências, na cultura, na economia e desenvolvimento do Brasil. Reconhecendo seu protagonismo na construção da própria história e em suas conquistas. A educação tem um papel fundamental para a transformação e reparação de desigualdades, por vezes reforçadas por um ensino que privilegia a perspectiva, a cultura e os saberes **eurocêntricos** em detrimento de outros. Sendo assim, a escola não pode furtar-se de sua **função social** e de sua responsabilidade com a mudança.

Problemas que acontecem fora da escola, afetam o interior da escola também, e por isso, a educação escolar está profundamente marcada pela desigualdade de acesso e de permanência, e essa desigualdade se efetiva entre os grupos **étnicos-raciais** considerados brancos e negros. A persistência de desigualdades conforme o nível sócioeconômico e o grupo étnico-racial revela um conjunto de ausências que impede o direito de acesso de pessoas negras às aprendizagens construídas na escola e a convivência em uma sociedade democrática.

Um estudo realizado pelo **Inspere** (Instituto de Ensino e Pesquisa) demonstra essas desigualdades no campo educacional. A partir dos resultados do Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), constatou-se o aumento da diferença entre as notas médias de negros e brancos ao longo do período de 2007 a 2017. Nesse estudo intitulado **Desigualdade racial na educação básica**, constata-se que, apesar de no âmbito geral as notas alcançadas terem crescido ao longo dos anos, tanto para brancos como para negros, as questões de raça e gênero são marcadores importantes de desigualdade educacional. Acesse o estudo na íntegra através do QR Code.





A plataforma **QEdu** divulga dados educacionais (Prova Brasil, Saeb, Censo Escolar, Ideb) e diversas informações sobre a Educação Básica Brasileira, tornando possível observar o percentual de aprendizagem dos educandos considerando os indicadores Matemática e Português e o marcador Equidade por meio de raça/cor e nível socioeconômico.

O marcador **equidade** envolve as interações no ambiente escolar e as relações que se estabelecem entre os diversos sujeitos do processo educacional.

Na imagem abaixo são apresentados os dados coletados por meio de questionário respondido pelos educandos do município de Guarulhos nos anos iniciais, no momento da realização da prova do Saeb - Sistema de Avaliação da Educação Básica.

Equidade

Percentual de estudantes com aprendizado adequado

Anos iniciais

Português

Nível Socioeconômico

Baixo NSE
60%

Alto NSE
78%

Raça/Cor

Pretos
51%

Branco
72%

Matemática

Nível Socioeconômico

Baixo NSE
50%

Alto NSE
71%

Raça/Cor

Pretos
45%

Branco
64%

● ≥ 70% Aprendizado
 ● ≥ 50% Aprendizado
 ● ≥ 25% Aprendizado
 ● < 25% Aprendizado

Ao analisá-los é possível perceber a desigualdade educacional entre os educandos **pretos** e brancos e entre os educandos com alto ou baixo nível socioeconômico. Esses dados são autodeclarados pelos educandos, sendo assim é necessário pensar: Os educandos recebem alguma orientação ou possuem conhecimentos que possibilitem a realização dessa ação? Possuem repertório suficiente para que possam se conhecer e se autodeclarar de acordo com a sua realidade e suas experiências?

Será que educamos para o racismo? Então, por que uma Educação Antirracista?

A educação ocupa lugar central na redução das **desigualdades sociais***. E por isso, diferentes movimentos sociais, entre estes, o **Movimento Negro**, se **mobilizaram em favor do direito à educação como luta prioritária de combate as desigualdades sociais**. O Movimento Negro há décadas reivindica que a escola promova uma Educação que fortaleça a identidade negra e contemple em seus currículos e em sua prática a História e a Cultura Africana, bem como reconheça o dia 20 de novembro, como Dia da Consciência Negra. A perspectiva de Educação Antirracista não é nova, e se consolida com a aprovação de leis que tornaram o Antirracismo uma garantia de direitos.

A Lei 10.639, tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino **fundamental e médio**, entretanto, nos estabelecimentos de **Educação Infantil** também é necessário trabalhar essa temática. Em Guarulhos, foi sancionada a Lei nº 6.494/09, que torna obrigatório o tema História e Cultura Afro-Brasileira e indígena no programa de ensino dos estabelecimentos de Educação Infantil, públicos e privados do Município.

Acesse o QR Code e conheça na íntegra a Lei 10.639/03.



***Desigualdade social:** Representa a diferença no padrão de vida e nas condições de acesso a direitos, bens e serviços entre integrantes de uma sociedade. Pode se manifestar de diferentes formas, no âmbito econômico, escolar, profissional, de gênero, entre outros. Por isso, é comum também a utilização de termo no plural: **desigualdades sociais**.



Ilustração: Thiago Adonai, 2023.

Pense nisso!



É necessário refletir sobre o que leva a essa desigualdade? Qual o papel da educação e, em especial, da escola e de educadores na reparação dessas disparidades?



Acesse o QR Code e conheça na íntegra a Lei Municipal 6.494/09.

Lei 10.639/03 - Uma luta do Movimento Negro, uma conquista postergada por décadas



Você sabia que a Lei 10.639, é resultado de reivindicações do Movimento Negro realizadas desde a década de 1950? Diante da discriminação racial contra negros e seus descendentes, produzida e reproduzida no sistema educacional brasileiro, os movimentos sociais negros, e intelectuais negros militantes, passaram a reivindicar junto ao Estado Brasileiro que a Educação promovida no país contemplasse: o estudo da história do continente africano e dos africanos; a cultura negra brasileira, a luta dos negros no Brasil e o negro na formação da sociedade nacional brasileira (Santos, 2006). Algumas dessas reivindicações já estavam presentes na declaração final do I Congresso do Negro Brasileiro, que ocorreu no Rio de Janeiro entre 26/08 e 04/09 de 1950 e foi promovido pelo Teatro Experimental do Negro (TEN). Destaca-se como recomendação expressa no documento “o estímulo ao estudo das reminiscências africanas no país, bem como dos meios de remoção das dificuldades dos brasileiros de cor e a formação de Institutos de Pesquisas, públicos e particulares com esse objetivo” (Nascimento, 1968, p.293). A declaração da data do dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra também é muito anterior à promulgação da Lei 10.639 e já constava no **Manifesto Nacional do Movimento Negro Unificado** (MNU) em 04 de novembro de 1978. Leia um trecho deste documento:

“Nós, negros brasileiros, orgulhosos por descendermos de ZUMBI, líder da República Negra de Palmares, que existiu no Estado de Alagoas, de 1595 a 1695, desafiando o domínio português e até holandês, nos reunimos hoje, após 283 anos, para declarar a todo o povo brasileiro nossa verdadeira e efetiva data: 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra! Dia da morte do grande líder negro nacional, ZUMBI, responsável pela PRIMEIRA E ÚNICA tentativa brasileira de estabelecer uma sociedade democrática, ou seja, livre e em que todos – negros, índios, brancos – realizaram um grande avanço político e social. Tentativa esta que sempre esteve presente em todos os quilombos.” (Movimento Negro Unificado, 1978).

Pense nisso!



Por que é importante saber toda essa história? Em uma perspectiva **decolonial** é necessário dar visibilidade aos diferentes atores, às diversas perspectivas, às contribuições de cada um, passadas e presentes, na construção da história. Nesse sentido, é essencial reconhecer esse processo de reivindicação e mobilização do Movimento Negro para desconstruir a percepção de que a ideia da Lei 10.639 surgiu apenas em 2003 quando da sua promulgação ou que ela se deve a boa intenção daqueles que participaram de sua publicação.



As lutas travadas pelo Movimento Negro e suas reivindicações não foram contempladas em sua totalidade até hoje. As disputas e mobilizações ocorridas até a promulgação da Lei 10.639 são frutos da resistência negra contra as violências e injustiças sofridas por séculos. As leis relacionadas à luta contra o **racismo** no Brasil são escassas. O Estatuto de Igualdade Racial e a Lei nº 10.639, são

algumas das legislações que pretendem combater o **racismo estrutural** vivido no país. É preciso conhecer o percurso histórico legalmente construído para compreendermos como chegamos até aqui. A história jurídica no Brasil mostra intensa destituição dos direitos da população negra. Assim, conquistas legais são imprescindíveis para se efetivar os direitos negados aos negros.

1888: Lei Áurea: Declarava extinta a escravidão no Brasil, processo de luta abolicionista, que teve participação maciça de homens negros e mulheres negras.

1940: Código Penal Brasileiro: O artigo 140, tipifica a injúria como crime, posteriormente, ela passou a tipificar a injúria racial.



1951: Lei Afonso Arinos - Lei 1.390: criminaliza a discriminação por raça ou cor. A lei foi criada porque a bailarina norte-americana, Katherine Dunham, sofreu uma situação de discriminação ao ser impedida de se hospedar num hotel em São Paulo em razão de sua cor, o que repercutiu na época na imprensa estrangeira.

1988: Constituição Federal: O artigo 3º IV, estabelece a promoção do "bem de todos sem preconceitos de origem, raça, sexo e cor. O artigo 4º VII, define que "as relações internacionais brasileiras se regem pelo repúdio ao terrorismo e ao racismo".

1989: Lei 7.716: Define os crimes de preconceito de cor e raça e estabelece penalidades para situações de discriminação racial praticada contra uma coletividade. Essa lei tornou o racismo crime imprescritível e inafiançável.

1997: Lei 9.459 : Promoveu alterações na Legislação que acrescentou a punição à incitação à discriminação por etnia, religião ou procedência nacional, além do preconceito de raça e cor já previsto.

2003: Lei 10.639: O diploma legal modifica a Lei de Diretrizes de Base da Educação, introduzindo a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas de ensino fundamental.

2023: Lei 14.532: Tipifica como crime de racismo e injúria racial, com a pena aumentada de um a três anos para dois a cinco anos de reclusão. Enquanto o racismo é entendido como um crime contra a coletividade, a injúria é direcionada ao indivíduo. Prever pena para o racismo religioso e recreativo e para o praticado por funcionário público.

A Lei 10.639/03 é aplicada ou está apenas em vigor?



Uma pesquisa realizada pelo **Instituto Geledés** em parceria com o Instituto Alana buscou responder essa pergunta analisando a implementação da Lei 10.639/03 junto às Secretarias Municipais de Educação. A pesquisa foi realizada por meio de questionários distribuídos e aplicados digitalmente e obteve uma amostra de 1.187 Secretarias Municipais de Educação, isto é, 21% do total de municípios brasileiros, obtendo respostas de todos os estados do país.

Das redes que responderam à pesquisa, a maioria afirmou que realiza ações com **objetivo de apoiar as escolas** e que suas unidades de ensino incluem os conteúdos em seus PPPs. Entretanto, 69% declararam que boa parte das escolas realizam atividades voltadas a esse tema apenas em novembro, no decorrer do mês ou da semana do Dia da Consciência Negra. 57% declararam que oferecem formação aos profissionais de educação.

Entretanto, de acordo com a pesquisa, o número de secretarias que acompanha os indicadores de desempenho e desigualdades educacionais divididos por raça/cor é baixo. Na maior parte dos casos, os materiais didáticos utilizados pelas escolas para abordar a temática são distribuídos por meio do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Porém, 1/3 menciona materiais específicos, oferecidos pelas secretarias, que podem ser comprados, doados ou produzidos pelos próprios educadores e coordenadores.

Diversidade cultural é o tema mais citado pelos gestores como o mais importante de ser trabalhado nas escolas. “Temas relacionados a “poder”, como construções de privilégios históricos e letramento sobre questões raciais, são menos priorizados” (Geledés e Alana, 2023, p. 61).

Ainda há muito a avançar para que de fato as resoluções apresentadas na Lei sejam implementadas nas escolas e, principalmente, contribuam para a aprendizagem dos educandos, apresentando novas perspectivas, rompendo com a visão única e com os padrões eurocêntricos. Uma das formas de contrapor a histórica única, o **eurocentrismo**, e ampliar as perspectivas dos educandos é apresentar grandes personalidades negras que contribuíram para a história do país. Dar visibilidade à essas pessoas e ecoar suas vozes contribui para a valorização do protagonismo negro e construção de referências positivas.



Educandos da EPG Amelia Duarte apresentaram uma dança Afro-Brasileira, o Maculelê, no evento de abertura do JEM - Jogos Escolares Municipais. Fonte: Portal SE, 2023.

Vozes expressivas



Uma dessas grandes personalidades é **Lélia Gonzalez**, professora, filósofa e antropóloga, que se tornou referência nos estudos e debates de gênero, raça e classe no Brasil e no mundo. É considerada uma das principais autoras do feminismo negro no país e uma das pioneiras a questionar o caráter classista e racista do feminismo **hegemônico**.



*Imagem Google

LÉLIA GONZALEZ (1935 – 1994)

Professora da Universidade Federal Fluminense (PPGS/UFF), doutora em Sociologia pela USP e pesquisadora do Afro/CEBRAP. Mulher negra, mineira de Belo Horizonte, filósofa, socióloga e ativista. Filha de Accacio Serafim d' Almeida, homem negro, trabalhador ferroviário e de Orcinda Serafim d' Almeida, mulher indígena, empregada doméstica que também foi mãe de leite para algumas famílias mineira.

Foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação e o Racismo (MNUCDR) e integrou a Assessoria Política do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras. Produziu diversos materiais como por exemplo: ensaios, periódicos feministas e negros, artigos e livros. Participou de conferências universitárias, encontros acadêmicos e eventos organizados pelas Nações Unidas.

[...] O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e indígenas na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças a sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento, tão bem analisada por cientistas brasileiros. Transmitida pelos meios de comunicação de massa e pelos aparatos ideológicos tradicionais, reproduz e perpetua a crença de que as classificações e valores da cultura ocidental branca são os únicos verdadeiros e universais [...] (Gonzales, 1988 a).

Produção do CEMEAD destinada à atividade 01 do curso: Jisike: Educação Antirracista, nossa luta inscrita no corpo. Guarulhos, agosto de 2023.



Ações da Rede

Existem algumas práticas na rede com o objetivo de fortalecer as ações de uma Educação Antirracista, veja um exemplo:



*Imagem: Portal da Secretaria de Educação de Guarulhos

Os educandos da EPG Patrícia Galvão, participaram de uma roda de conversa sobre Educação Antirracista, com a rainha Vania Oliveira. Acesse a matéria completa através do QR Code.



Inspirações Pedagógicas

Conhecer e compartilhar experiências e saberes, amplia nosso repertório e nos faz vislumbrar novas possibilidades. A reportagem de Carol Firmino na Revista Nova Escola apresenta o trabalho de educadores que utilizam reportagens, sambas enredo e biografias de abolicionistas para desconstruir os mitos da abolição. Acesse o QR Code e conheça.



Cá entre nós / Papo reto!

Você já se deu conta de quantas mobilizações e conquistas do povo negro são atribuídas a uma única ação de uma pessoa branca? Anos de reivindicação, luta e resistência são invisibilizados e reduzidos à assinatura de uma lei. Esse fato é ainda mais evidente na maneira como são retratadas a abolição e a promulgação da lei 10.639/03. Em uma perspectiva de Educação Antirracista **é necessário refletir sobre qual o papel da escola** na contramão desse apagamento e na valorização do protagonismo negro em sua própria história e em suas vitórias. De que forma é possível promover essas reflexões com os educandos?

Analisar reportagens e artigos de jornais da época, disponíveis na Hemeroteca Digital e em outros repositórios, apresentar a biografia de grandes personalidades abolicionistas e do Movimento Negro Unificado, evidenciar a importância dos quilombos, movimentos de resistência e contexto histórico e social, que contribuíram e até mesmo provocaram a assinatura da Lei Áurea e da Lei 10.639/03, são ações importantes que podem contribuir para ampliar a compreensão sobre o real desenrolar dos acontecimentos. Na educação infantil esse resgate também é possível, familiarizando os educandos com a cultura e história do povo africano e afro-brasileiro por meio de cantigas de roda, contos, brincadeiras e imagens diversas que retratem a representatividade negra na nossa história.

E agora, gestor?

Este é um espaço para falarmos sobre gestão escolar!

A Lei nº 10.639/03 enquanto instrumento de gestão escolar, traz respaldo às ações educativas de gestores e professores, no que se refere ao desenvolvimento de práticas pedagógicas intencionais sobre a história e culturas africanas e afro-brasileiras.



Não é mais uma questão opcional, mas sim uma obrigatoriedade!

É válido dizer que referente a Educação Antirracista, concepções humana e pedagógica ainda não caminham em

consenso e por isso, existem muitos equívocos, mas apesar disso, é possível afirmar que houve avanços.



Sem dúvidas, a Lei potencializou a luta e fomentou a consciência contra o racismo, porém **ação normativa, por si só, não é suficiente para eliminar o racismo, são necessárias quebras de paradigmas e mudanças de posicionamentos no ambiente escolar.**

Educação Antirracista e PPP, como vai esta parceria?

O trabalho sistemático, contínuo e permanente na perspectiva da Educação Antirracista deve integrar todo o currículo escolar, como a própria Lei 10.639/03 determina. Para isso, uma ação gestora interessante é acompanhar como estão ocorrendo as relações interpessoais. As interações humanas na escola são um elemento importante no desenvolvimento da Educação Antirracista. Elas revelam a dinâmica em que as relações se constituem. Observe intencionalmente se há desagregação decorrente da intolerância às diversidades culturais e étnico-raciais, ou se há atitudes ou pretensões de uma convivência respeitosa que visam a construção de relações mais justas e igualitárias. Acompanhe também, como as práticas pedagógicas se articulam com a: Proposta Curricular - QSN (2019): Este documento norteador, afirma que "a escola, como espaço de diversidade, deve promover o respeito a todas as diferenças representadas" (p.18).

Também destaca que o currículo escolar deve favorecer "práticas pedagógicas que rompam as barreiras que negam ou restringem o desenvolvimento de crianças, jovens e adultos em suas singularidades e diversidades" (p.18).

QSN - Saberes e Aprendizagens, que coadunam com a Educação Antirracista

PROPOSTA CURRICULAR



Educação Infantil: Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas, modos de vida e regras sociais.

Ensino Fundamental: Perceber a existência do racismo e das desigualdades sociais e sensibilizar-se. Compreender que fomos e somos marcados historicamente pelo racismo e pelas desigualdades sociais. Posicionar-se contra as discriminações raciais e desigualdades interseccionais.

PROPOSTA CURRICULAR



PROPOSTA CURRICULAR



Educação de Jovens e Adultos (EJA): Identificar as influências das matrizes culturais africanas e indígenas.

Ao pensar sobre **inclusão educacional**, na maioria das vezes, nos remetemos ao processo educativo dos educandos com deficiência.

Entretanto, no QSN (2019), afirma que a educação deve ser de qualidade, contemplando as especificidades de **todos** os envolvidos, independentemente da raça, do gênero, da classe social e/ou cultural. Considerar as especificidades de cada grupo social e de cada sujeito é essencial para promovermos equidade no processo educacional.

[...] Assim, preocupa-se tanto com o ingresso quanto com a permanência dos estudantes no sistema educacional, aspirando à transformação social para uma sociedade mais justa, participativa e igualitária. Para tal, pressupõe a valorização das diferenças humanas, considerando as diversidades étnicas, sociais, culturais, intelectuais, físicas, sensoriais, de gênero e de identidade dos seres humanos, sem exceções (Guarulhos, 2019, p.31).



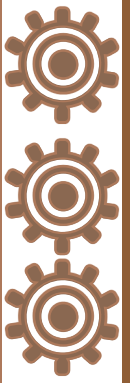
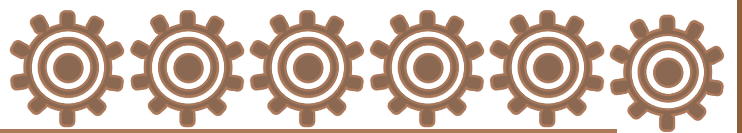
Para ler o texto na íntegra, acesse o QR Code.



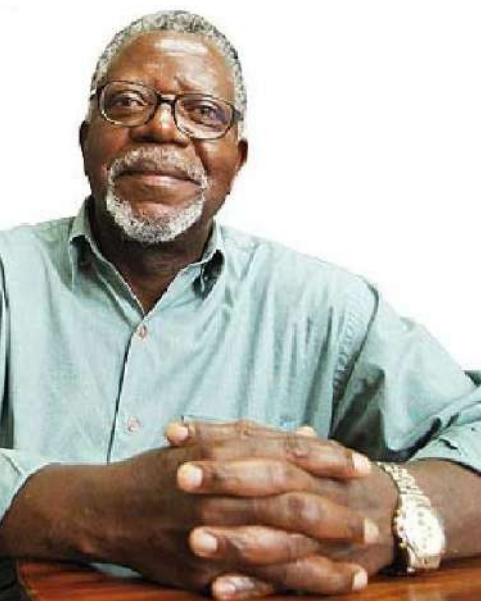
No vídeo Nossa Voz Ecoa os avanços e desafios da Lei 10.639 e da Educação

Antirracista são discutidos a partir de diferentes olhares. Acesse o QR Code, assista e confira!





Èniyàn Iaso: Os humanos são roupas, cobrindo os defeitos uns dos outros e confortando os infortúnios uns dos outros



*imagem Google

Quando cheguei aqui eu senti que os brasileiros não conheciam a África, nem colegas estudantes, jovens na universidade. Alguns perguntavam: – quantos instrumentos musicais você toca? Eu falei que não toco nenhum. – Mas você não é africano? Quer dizer que eles pensam que os africanos têm musicalidade no sangue, cada africano sabe tocar um instrumento musical... Alguns me perguntavam, – mas você já caçou um leão ou leopardo? E eu disse, mas não sou um caçador, como vou no mato caçar um leão ou leopardo? [...] Então, você já tem carro lá? [...] Já viu televisão? [...] Então a ideia que os brasileiros tinham da África era a ideia de Simba Safari, filme de Tarzan, mato, gorila, chimpanzé, era isso. Então tinha realmente uma ignorância total da África e um dos meus papéis aqui era ensinar também a África, mostrar a verdadeira África para os brasileiros (Munanga, 2023).

Em geral, as pessoas ao se referirem à África apontam ideias limitantes e/ou estereotipadas referendadas pelas notícias circulantes sobre o Continente Africano, que muitas vezes se restringem a conflitos, guerras, epidemias, fome, miséria, desorganização generalizada e natureza exótica.

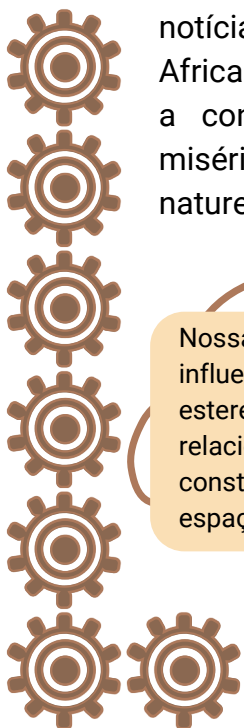
Nossa postura mental referente à África é influenciada pelos desconhecimentos, pelos estereótipos e pelos tecidos históricos relacionais, compartilhados com a África e construídos em um longo, médio ou curto espaço de tempo (Oliva, 2008, p. 141).

É possível afirmar que a perpetuação das representações sobre a África e a reprodução de ideias limitantes a respeito dos povos africanos, são construídas em razão das poucas ofertas de referências positivas.

Pense nisso!



A palavra que denota mais apropriadamente o significado do escasso repertório imagético que trazemos na memória sobre a África, ou seja, o cenário mental que temos registrado como memória sobre séculos de história, é: **esquecimento**.





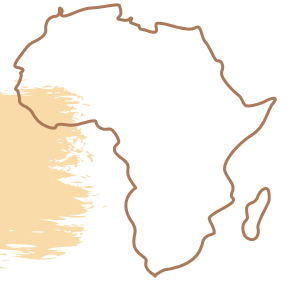
África passou a ser confundida com o espaço mítico de origem, gerando imagens que ficaram, muitas vezes, marcadas por uma forte carga ideológica. (...) esta também é uma imagem a-histórica, onde o continente e seus povos são colocados num freezer, onde a cultura se inscreve num tempo mítico, que se repete, onde não há criação, nem história (Zamparoni, 2004, p.41).

As projeções imagéticas sobre o continente africano que são elaboradas no imaginário coletivo, não colaboram em quase nada para o reconhecimento dos territórios africanos, ao contrário disso, trazem “olhares sonolentos” que não permitem uma leitura mais equilibrada e fundamentada sobre os espaços milenares e lugares contemporâneos desse continente.

Entre realidade e imaginário

Para evitar a ideia de que a “realidade” da África e dos africanos não está sendo considerada, é válido destacar que os impactos sobre os lugares e territórios africanos ocasionados por situações históricas como: a seca e a fome na **Etiópia**, a guerra civil na **Angola**, os massacres da guerra em **Serra Leoa**, são **alguns** dos fatos que constituem a história africana. Porém existem muitos outros **elementos constitutivos da história desses lugares e territórios. A Etiópia é um exemplo dessa diversidade de elementos culturais em um mesmo território.**

Etiópia



Oficialmente denominado de **República Democrática Federal da Etiópia**, é considerado o país mais antigo do continente africano.

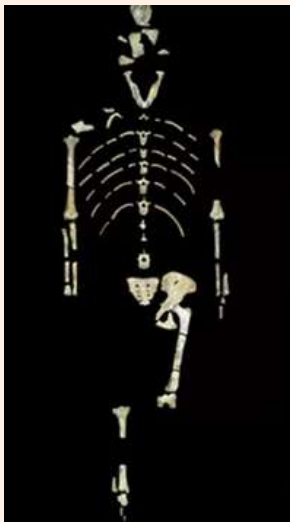


Addis Abeba, capital da Etiópia



Vilarejo etíope

Nele foi descoberto o **fóssil mais antigo** de um ancestral humano com mais de 3,2 milhões de anos, que ficou batizado como Lucy.



Esqueleto de Lucy

Vários festivais são realizados anualmente, além de um dos principais eventos esportivos da África, a **Grande Corrida da Etiópia**.



Foto: Ethio Afro Tours - Addis Abeba

Este país possui o **Lago Wonchi**, com duas ilhas, uma delas abriga um antigo **monastério** de nome Cherkos.



Foto: DeDuijn

Tem uma das mais antigas tradições cristãs, os ortodoxos coptas. Possui um local histórico e religioso, na **cidade de Lalibela**, com 11 igrejas monolíticas esculpidas em rochas.



Igreja de São Jorge/ Foto: Bernard Gagnon



Igreja de São Jorge/ Foto: Thomas Fuhrmann



Igreja de São Jorge

Axum é uma cidade milenar inscrita no Patrimônio Mundial da Humanidade pela Unesco em 1980. Nela está o histórico **Obelisco de Axum** de 1700 anos, com 24 metros de altura e pesando 150 toneladas. Em 1937 foi levado para a Itália pelas tropas de Mussolini e em 1947 foi estabelecido um acordo pela ONU para sua a devolução, porém, somente após quase 60 anos o obelisco retornou para o território etíope.



Obelisco Axum

O **Museu Nacional da Ethiopia** tem em exposição um acervo composto por arte moderna, pinturas de Lalibela, tronos dos imperadores, roupas e utensílios históricos.



Um país de intenso interesse de pesquisadores, com lugares onde a visitação turística está em rápido crescimento.



Curiosidade!



Calendário Etíope

Os etíopes estão no ano de 2016!
O Calendário Eritreu, é o principal calendário utilizado na Etiópia e está sete anos e oito meses atrás do calendário ocidental. Isso acontece porque o calendário etíope não foi submetido a retificação que ocorreu no ano 500 d.C. e possui uma organização dos dias distribuídos em 13 meses.

A África e suas diversidades



Na maioria das vezes, as pessoas associam o Continente africano a um único país, uma cultura isolada. Entretanto, a África está dividida em 54 países divididos em nações, que englobam a **África Oriental, Ocidental, Meridional, Central e Setentrional**. Cada região apresenta suas particularidades e identidades culturais, bem como os seus costumes, vestimentas, religiões e línguas oficiais.

A cultura africana tem uma característica principal: a diversidade. A África é o continente habitado há mais tempo em todo o planeta, é o ponto de origem do ser humano e, durante todo o tempo de evolução agregou uma enorme quantidade de idiomas, com mais de mil línguas diferentes, assim como religiões, regimes políticos, condições de habitação, de atividades econômicas e de cultura (Geledés, 2016).



África, berço da humanidade

A África é o verdadeiro berço da humanidade, estudos antropológicos indicam a ancestralidade africana da raça humana. Os fósseis de homínido mais antigos localizados, até o momento, são africanos e da África saíram também as primeiras rotas migratórias que ocuparam diversos lugares na Terra.

Durante muito tempo, por mitos e preconceitos de toda espécie inviabilizaram do mundo a real história da África. Desvendar o continente africano demonstra o quanto esses povos contribuíram para o desenvolvimento da agricultura, pecuária, tecnologias metalúrgicas de fundição de ferro e bronze, nas tecnologias marítimas entre outras.



Tudo tem história:

- Até o ano de 1880, a África era governada por vários regimes políticos. Em algumas regiões, o governo era organizado por reinos e impérios;
- Entre os anos de 1880 e 1935, várias mudanças aconteceram, pois o continente africano foi ocupado por potências imperialistas e o sistema colonial começou a ganhar espaço. Com exceção da Etiópia e da Libéria, a maioria do continente havia sido dominado;

- Em 1880, durante a expansão da Revolução Industrial na Europa, dentre as diversas invenções, destacamos a metralhadora Maxim que era utilizada para intimidação do povo africano;
- Em 1887, os africanos que possuíam melhores condições financeiras, enviaram seus filhos para estudarem na Europa, visando enriquecer sua formação e carreira profissional;
- Em 2001, aconteceu a Conferência de Durban e vários assuntos foram discutidos neste encontro, dentre eles, a luta contra o racismo e as diversas formas de discriminação, bem como algumas medidas de combate a tais atitudes.
- Em 2022, na cidade de Maputo, ocorreu a 18ª edição da MFW, que explorou o metaverso e as possibilidades tecnológicas no universo da moda. Entre os dias 5 a 11 de dezembro a MFW trouxe muita criatividade, beleza e originalidade.



Fonte: Luiz imagem e publicidade - Mozambique Fashion Week

Ao longo do evento passaram pela passarela muitas marcas, modelos e estilistas, a união entre tecnologia, moda e pessoas. Para saber mais sobre essa e outras edições da Mozambique Fashion Week. Acesse o QR Code.



Fonte: Luiz imagem e publicidade - Mozambique Fashion Week



Com o mote “My World”, queremos dinamizar a moda nacional e mostrar a criatividade única e original do nosso mundo para o mundo. O Mozambique Fashion Week quer mudar como as pessoas vivenciam a moda, criando um ambiente onde moda e tecnologia se unem. Criar uma experiência nova e diferente que possa diferenciar a nossa marca das demais (Mozambique fashion week, 2023).

E não é apenas em Moçambique que ocorre a Fashion Week, na África do Sul a moda também é pujante e mobiliza estilistas, marcas e modelos. Para conhecer a riqueza desse evento acesse o QR Code.



Fonte: Luiz imagem e publicidade - Mozambique Fashion Week

Conheça um pouco mais sobre o continente africano no mapa abaixo:





Alguns países africanos utilizam a língua portuguesa como língua oficial.

São eles: Cabo Verde, Guiné-Bissau, Angola, Guiné Equatorial, Moçambique e São Tomé.

Na África, as religiões mais praticadas são: o Islamismo, o Judaísmo e o Cristianismo. Porém, cerca de 8% da população, pratica as religiões consideradas tradicionais, entre elas, destacamos: a Mitologia Bantus, Vodum, a Religião de Iorubá, a Waaqeffanna, e a Religião Sã. Parte da população, principalmente as que habitam em Marrocos e Egito, apresentam costumes religiosos bem diversos, como por exemplo, a utilização do véu para as mulheres muçulmanas e a adoração a uma única divindade, o que chamamos de monoteísmo. Para saber mais sobre as religiões predominantes no continente Africano, assista o vídeo abaixo, através do QR Code.



Ao pensar em ciência e tecnologia você consegue pensar em África?

Os africanos que migraram, seja espontaneamente ou forçadamente, levaram consigo seus conhecimentos, sua cultura e seus modos de viver e esses saberes são disseminados pela diáspora.

Os povos escravizados não tiveram apenas seus corpos sequestrados, mas seus saberes, sua memória e identidade. Toda essa cultura, ciência e sabedoria foi usurpada e ainda é apagada, usurpa-se a descoberta, a tecnologia e o conhecimento de sua fonte e assim, saberes são embranquecidos.

A escrita é um exemplo desse apagamento. Ela aparece de forma sistematizada por volta de 3500 a.C., por meio da escrita cuneiforme desenvolvida pelos sumérios na Mesopotâmia. Nessa mesma época, surgem os hieróglifos no Egito. Essa forma de escrita era dominada apenas pelos poderosos da sociedade, tais como escribas e sacerdotes. Era a escrita predominante nos livros sagrados, bem como em outras obras fundamentais da literatura.



Muitas das produções intelectuais sobre matemática e arquitetura tiveram origem em Kemet. O antigo povo africano possuía um sistema de numeração que apresentava uma base de representação notadamente decimal, pois contava com símbolos que podiam se repetir até nove vezes, e utilizavam um outro símbolo que era alterado em ciclos de 10 em 10. Além disso, já utilizava seu conhecimento de geometria para resolver questões práticas, como na topografia e em construções e possuíam um calendário

oficial com 12 meses, de 30 dias cada, e com 5 dias no final do ano, que serviu de base para o calendário gregoriano ocidental. Os primeiros artefatos históricos relacionados à matemática também são provenientes da África.



O osso de Lebombo é o mais antigo, provavelmente de 35.000 anos a.C. Descoberto em uma caverna nos Montes Libombos, localizados entre a África do Sul e Essuatíni, o objeto apresenta entalhes feitos pelo homem de maneira intencional e acredita-se que era usado para calcular números, medir a passagem do tempo e no controle do ciclo menstrual. O osso de Ishango, apesar de ser mais recente, data provavelmente, de 20.000 anos a.C. é considerado o artefato matemático mais antigo, por apresentar uma aritmética concreta. O objeto traz três séries de entalhes agrupados e seu objetivo divide a opinião dos arqueólogos, alguns creem que os cálculos se referem a um jogo aritmético, outros acreditam ser uma espécie de régua de cálculo, e há ainda quem pense se tratar de um calendário lunar.



Essa ciência e tecnologia ficaram no passado? Tem inovação tecnológica e novas descobertas na África contemporânea?

Apesar da pouca divulgação e da notória dificuldade na arrecadação de recursos, a África continua apresentando inovações tecnológicas e científicas.

Em 2004, **Monty Jones**, doutor em Biologia Vegetal, ganhou o Prêmio Mundial de Alimentos por seu trabalho inovador no desenvolvimento do **Novo Arroz para África** (*New Rice for África – NERICA*). Este é um tipo de arroz de alto rendimento, resistente à seca e rico em proteínas. Nascido em Serra Leoa, Monty Jones tornou-se o primeiro africano a ganhar o prêmio.



Diante do número reduzido de cardiologistas em Camarões, **Arthur Zang** desenvolveu o **Cardiopad**, um *tablet* capaz de realizar exames de eletrocardiograma remotamente, podendo atender, por exemplo, as áreas rurais. Os resultados do exame são transferidos, sem a necessidade de fios, a um especialista. Após o desenvolvimento do **Cardiopad**, Arthur Zang recebeu uma assistência de 30 mil dólares do governo, o que possibilitou que o engenheiro criasse a *Himore Medical*, uma pequena empresa com o objetivo de desenvolver dispositivos médicos.



Uma das tecnologias para fornecimento de energia mais limpas do mundo é a eólica, porém as hélices utilizadas para gerá-la matam pássaros e podem interferir nas ondas de rádio. Para solucionar esse problema, a startup tunisiana de energia verde, **Saphon Energy**, desenvolveu uma turbina eólica sem pás, que foi batizada de “**Saphonian**”. Em forma de antena parabólica e balançando em um movimento de 8 ela pode ser até 2 vezes mais eficiente que as turbinas convencionais.



Muitos dos conhecimentos fundantes da nossa história e da nossa sociedade como a conhecemos, se originaram na África e foram apagadas ou embranquecidas, como se fosse necessário negar o conhecimento negro, africano e torná-lo branco, eurocêntrico.

Cá entre nós / Papo reto!

Você conhecia essa perspectiva da África? Em sua prática você aborda a história e a cultura africana sob qual olhar? Será que em sala de aula estamos contribuindo para ampliar conhecimentos sobre a África real, com seus avanços, conhecimentos e desafios ou reforçando estereótipos e mantendo sua invisibilidade?

Você já cantou alguma cantiga africana na roda de música? Já contou algum conto africano na roda de história ou ensinou uma brincadeira africana para os seus educandos? Já utilizou algum jogo africano para ensinar matemática ou promoveu um debate sobre a real história africana com sua turma? Para pensar...



Inspirações Pedagógicas

O fazer pedagógico se renova através da troca de experiências. Compartilhar saberes e práticas pode inspirar novas ações e ampliar possibilidades. Um exemplo de atividade que apresenta o conhecimento ancestral do Continente Africano e sua influência é o projeto **“África, o berço da Matemática”**, realizado pela educadora Andréia Viliczinski, da Escola Estadual de Ensino Médio Governador Celso Ramos, em Joinville (SC). A educadora utiliza as riquezas culturais do Continente como apoio no ensino da matemática em suas aulas. Conheça o projeto acessando o QR Code.



Símbolos Adinkras. Uma sabedoria ancestral

Ao longo do tempo, o povo Ashanti, conhecido pela exploração de minérios nas regiões africanas, criou várias simbologias para expressar seus valores e tradições. Atualmente, podemos encontrar esses símbolos em objetos, vestimentas, paredes, entre outros.

Existe uma infinidade de símbolos Adinkras, cada um com seu significado, acesse o QR Code e conheça.



Fique ligado!



Os Adinkras são, também, um conhecimento e uma tecnologia ancestral africana, que trabalha no campo da linguagem. Nesse sentido, são ideogramas que expressam valores tradicionais, ideias filosóficas, códigos de conduta e normas sociais. Podem ser divididos em algumas categorias, como animais, seres humanos, objetos artesanais, corpos celestiais, plantas e ideias abstratas (Veloso, 2022).

Vozes expressivas



Valorizar cientistas, pensadores, filósofos e grandes personalidades africanas também é uma maneira de dar visibilidade à potência intelectual do Continente Africano. Saiba mais sobre o Professor Emérito **Kabengele Munanga**, antropólogo de grande relevância nas questões relacionadas à identidade do povo africano e **afro-brasileiro**.



Kabengele Munanga



Nascido em 22 de junho de 1940, na República Democrática do Congo, graduado em Antropologia pela Universidade Oficial do Congo, realizou seu mestrado na Bélgica, na Universidade Católica de Lovaina. Chegou ao Brasil em 1975, a convite do professor Fernando Mourão, então diretor do Centro de Estudos Africanos da USP, para concluir seu doutorado em Ciências Humanas. Além de possuir diversas obras, é dono de um currículo extenso e uma das referências na atualidade em relação às questões étnico-raciais. Naturalizado brasileiro desde 1985, recentemente recebeu o título de Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP).

(...)Até hoje, na maioria das imagens atuais sobre a África, raramente são mostrados os vestígios de um palácio real, de um império, as imagens dos reis e ainda menos as de uma cidade moderna africana construída pelo excolonizador. As imagens geralmente exibidas mostram uma África dividida e reduzida, enfocando sempre os aspectos negativos, como atraso, selva, fome, calamidades naturais, doenças endêmicas, AIDS, guerras, misérias e pobreza. (Munanga, 2009, p. 11.)

Produção do CEMEAD destinada à atividade 02 do curso: Jisike: Educação Antirracista, nossa luta inscrita no corpo. Guarulhos, agosto de 2023.



Bruno Pastre Máximo convida a refletir o significado do que é civilização e sua relação com outras culturas. Acesse o texto pelo QR Code.

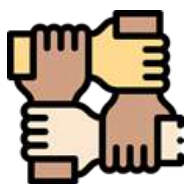


E agora, gestor?

Este é um espaço para falarmos sobre gestão escolar!

Aos gestores, a temática deve ser de particular interesse, não somente porque perceber o racismo e se posicionar contra ele, é uma decisão socialmente necessária, mas também pelo “simples” fato de que o campo de atuação profissional, é a escola, lugar de relações humanas e de aprendizagens constituídas pelas interações entre as pessoas.

Sendo a escola um contínuo da sociedade é comum manifestações de racismo em seu cotidiano. No entanto, uma vez que o direito à educação se dá no tratamento em igualdade para todas/os, pelo respeito às diferenças, é dever da escola utilizar de todos os recursos que dispõe para garantir o exercício desse direito de forma integral (Macedo, 2016, p.106).



Participar de espaços formativos é um modo potente de ampliar qualitativamente o engajamento discursivo para promover

discussões com entendimento, precisão e concisão com a equipe docente.

Assumir que a gestão escolar, enquanto um fazer docente, está para contribuir efetivamente com o exercício pedagógico desenvolvido pelos professores na escola, facilita a realização de uma organização curricular mais condizente com o antirracismo. Sabe por que? Porque quando a gestão escolar se propõe a agir na condução da equipe

docente em um trajeto seguro, onde as distorções de entendimento ocasionadas pelo senso comum, são problematizadas, questionadas e discutidas, abrem-se amplas perspectivas para a prática da Educação Antirracista.

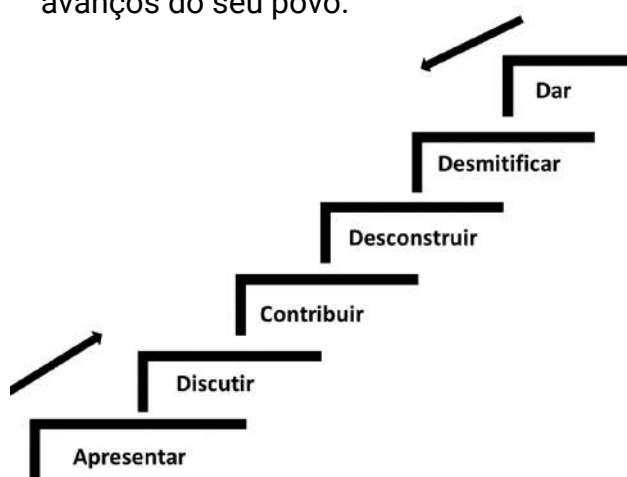


Conduzir é uma **ação gestora**, que pressupõe o conhecimento sobre o caminho a ser percorrido e a certeza de onde se quer chegar.

Por isso, resgatamos aqui o objetivo desta proposta e trazemos o

enfoque para cada um dos verbos de ação:

Apresentar e **discutir** temas que contribuam com práticas pedagógicas que desconstruam visões estereotipadas e eurocêtricas que povoam o imaginário sobre o continente africano, desmitificando o senso comum e dando visibilidade aos saberes, cultura e avanços do seu povo.



Perceba que existe uma crescente complexidade nas ações expressas nos verbos. Assim, todo o material desta proposta formativa foi criteriosamente elaborado e intencionalmente disponibilizado em uma sequência que possibilita o alcance destes objetivos.



Na prática gestora, o que isso significa?

Que ao mobilizar a discussão sobre Educação Antirracista na escola onde você atua, é necessário pensar em quais aprendizagens docentes referentes ao tema, você intenciona que os professores desenvolvam. Uma excelente forma para isso, é a seleção de verbos que representam as aprendizagens a serem desenvolvidas pela equipe docente. Exemplo:

Para **identificar** o racismo presente em expressões e músicas já veiculadas e popularizadas:

- **acessar** manuais antirracistas;
- **analisar** o conteúdo dos manuais;
- **ouvir** músicas ou ler histórias pré selecionadas;
- **identificar** expressões racistas;

Para **substituir** os termos e expressões racistas por um vocabulário antirracista:

- **problematizar** a naturalização social das expressões racistas;
- **refletir** sobre uso pessoal de termos e expressões racistas;
- **desconstruir** vocabulários racistas;
- **construir** um vocabulário e repertório antirracistas;
- retirar do uso escolar os materiais e repertórios com expressões racistas;
- **substituir** os termos e expressões racistas por um vocabulário antirracista.



Atenção, gestor!

Você sabia que por muito tempo, devido a naturalização, os termos e expressões racistas não foram vistas como ofensivas? A problematização e a reflexão foram os passos iniciais para que fossem repensados. As músicas que cantamos, as histórias que lemos e contamos, as vozes que ouvimos e as que silenciemos contribuem para a ampliação de saberes e conhecimentos ou para a reprodução de desconhecimentos, estereótipos e equívocos. A imersão em materiais como os Manuais Antirracistas e/ou em outros que também estabeleçam relação com a Educação Antirracista e a realidade escolar, oportuniza aos sujeitos docentes a compreensão da dimensão do racismo em nossa sociedade, provocando-os a refletirem sobre a responsabilidade de se posicionarem frente à seu combate.



Àgbájowó la fi n' sóyà - Unidos nós permanecemos

A autoestima é comumente associada a sentir-se belo, sentir-se forte, e ser seguro de si mesmo. Esses elementos são importantes e compõem a autoestima, porém, são objetivos finais. O desenvolvimento da autoestima não é linear ou unilateral, é um processo que envolve as diversidades culturais e o enfrentamento aos padrões estéticos socialmente “aceitáveis”, e que influenciam na constituição da própria identidade étnico-racial da pessoa negra. Os efeitos do racismo na autoestima dos afro-brasileiros, precisam ser problematizados.

A formação social brasileira é historicamente composta de estereótipos e discriminação, fato que naturaliza o constante discurso divulgado nas mídias, nos livros didáticos e nos diferentes ambientes sociais, inclusive na escola, que cria, reforça e reproduz as mais pejorativas condições que induzem ao falso entendimento de que a inferiorização, subordinação e desumanização são características “naturais de raça e cor” e o **protagonismo é uma rara concessão.**

Pense nisso!



Autoestima é construção social.

Isso significa que ocorre em interação contínua com a realidade constituída por uma sociedade, por meio de vivências cotidianas, como por exemplo, crenças, normas, conceitos, valores e principalmente as relações humanas. Sendo assim, é correto afirmar que as relações sociais implicam no desenvolvimento da autoestima e orientam sua formação.

Leia o relato da jornalista Karla Lopes, mulher negra, colunista da revista Exame:

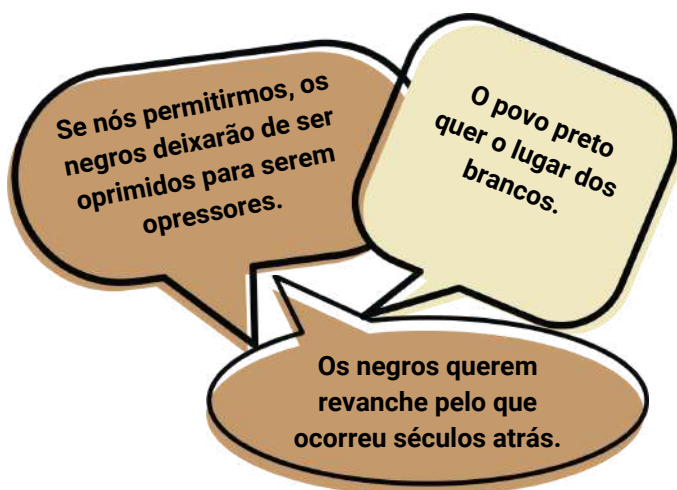
Fui criada em toda uma estrutura social que mostrava que a minha pele não era bonita. E ninguém precisava me dizer isso. Eu não me via na TV, não me via nas revistas, não via pessoas como eu em diversos lugares, se tinha um papel numa novela para uma pessoa negra, ele era para ser uma escrava ou doméstica completamente inferior e desrespeitada por pessoas brancas. Então, não tinha porquê eu achar a minha pele bonita...





A promoção da autoestima passa pelo acesso e reconhecimento às vivências semelhantes. A ausência da representatividade significativa nos diferentes espaços traz desencontros com a própria identidade, ou seja com a própria negritude.

É comum ouvirmos as frases:



A autoestima negra não se fundamenta na depreciação de pessoas brancas ou de qualquer outra identidade étnico-racial, mas sim em condições justas, equivalentes, imparciais e igualitárias, ou seja, equitativas.

A autoestima é um processo individual e coletivo, construído pelas relações estabelecidas com o outro e com a cultura, é influenciada pela maneira como o sujeito se vê e é visto, pelas representações sociais as quais ele tem acesso (**alteridade**).



Perceba a **cilada discursiva** presente nessa fala:

“A gente precisa trabalhar a autoestima da criança negra, dizendo que o cabelo dela é bonito, que ela precisa se aceitar.”

Sim, é verdadeira a compreensão da autoestima como parte do trabalho pedagógico desenvolvido na escola. A cilada consiste em estabelecer que toda criança afro-brasileira não se aceita e que a aceitação é responsabilidade da própria criança.

A baixa autoestima não é condição inata à pessoa negra. Os aspectos físicos e culturais sofrem impactos destrutivos a partir do olhar racista e da cruel imposição de padrões estéticos eurocêntricos.

O racismo no Brasil se caracteriza pela covardia. Ele não se assume e, por isso, não tem culpa nem autocrítica. Costumam descrevê-lo como sutil, mas isto é um equívoco. Ele não é nada sutil, pelo contrário, para quem não quer se iludir ele fica escancarado ao olhar mais casual e superficial. O olhar aprofundado só confirma a primeira impressão: os negros estão mesmo nos patamares inferiores, ocupam a base da pirâmide social e lá sofrem discriminação e rebaixamento de sua autoestima em razão da cor (Nascimento, 2013).



O racismo está no olhar e atitude do outro. A maneira como lemos e somos lidos socialmente tem grande influência na construção da autoestima.

Pense em uma cena de sala de aula, onde uma criança negra é envolvida com a leitura das histórias: “A princesa e o sapo” e “Anna e Elsa: uma aventura de Frozen”.



Será que uma menina negra que deseja ser a Frozen (rainha Elsa de Arendelle) tem problemas de autoestima e de identidade étnico-racial?

Refleta sobre as mensagens trazidas pelas animações:

- Frozen já é uma princesa que pode construir um castelo com um estalar de dedos, é corajosa, poderosa e herdeira de um reino;
- Tiana é uma sonhadora que trabalha todos os dias arduamente até tarde da noite para alcançar o sonho de possuir um restaurante;

Qual das personagens traz maior possibilidade ao encantamento, à magia, à fantasia e à imaginação? E ainda, qual das duas tem maior apelo?

Perceba que não é a criança que não está se reconhecendo ou tendo autoestima, mas é o padrão reforçado que induz à escolhas e desejos e isso precisa ser problematizado em uma perspectiva de Educação Antirracista. [...] **A identidade étnica e racial é um fenômeno historicamente construído ou destruído** (Carneiro, 2011, p. 27).

Como se dá construção da identidade étnico-racial do homem negro e quais os aspectos culturais envolvidos?



Fonte: Wikia Marvel Cosmic

Assim como as heroínas e princesas da Disney, que em geral são representadas de acordo com a perspectiva e o padrão eurocêntrico, os príncipes e heróis masculinos infantis também são majoritariamente brancos.

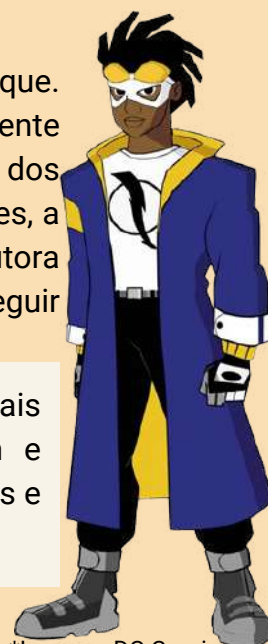
Os meninos negros, assim como as meninas negras, não se veem representados, por isso, é preciso que sejam apresentados a personagens e heróis com que se identifiquem.



Fonte: Marvel Comics

Um dos primeiros heróis negros que surgiu em 1993, é o Super Choque. Ele surge não por uma questão racial, mas porque o herói adolescente mais famoso da época, Homem-Aranha, já não discutia os problemas dos adolescentes. De acordo com *Dwayne McDuffie*, um dos seus criadores, a Marvel, não o utilizou. E apenas, após apresentação numa produtora pequena, esse herói aparece em episódios pontuais na DC, até conseguir ganhar evidência.

Os meninos e homens negros vivenciam o racismo de modo ainda mais agressivo, sendo que a cor é ligada a criminalidade, vadiagem e brutalidade, animalizando suas características desconsiderando todos e quaisquer aspectos humanos desses sujeitos.



*Imagem DC Comics

Pense nisso!



A **Educação Antirracista** é plural e por isso não se pode atribuir o enfrentamento ao racismo, somente a escola, todavia, o processo contínuo de construção identitária e desenvolvimento da autoestima da população afro-brasileira, perpassa por diferentes espaços de interações sociais, inclusive a escola. Sobre o envolvimento da escola com a Educação Antirracista, Emicléia Alves Pereira, mulher negra e coordenadora pedagógica da Escola Pluricultural *Odé Kayodê* afirma:

“É na rotina que temos a possibilidade de fazer diferente.”

Esse processo é influenciado pelas relações de poder que envolvem legitimação, dominação e resistência, ou seja, é também um processo social, histórico e político. Em um país como o Brasil, em que a miscigenação foi um projeto de governo, uma estratégia para o branqueamento da população e para a falácia da democracia racial, o apagamento da história do povo africano, e por consequência, dos **afrodescendentes**, com uma proposta de “identidade nacional”, torna essa construção ainda mais complexa.

Como formar uma identidade em torno da cor e da negritude não assumidas pela maioria cujo futuro foi projetado no sonho do branqueamento? Como formar uma identidade em torno de uma cultura até certo ponto expropriada e nem sempre assumida com orgulho pela maioria de negros e mestiços? (Munanga, 1999, p.14).

Identities, raça/etnia e afrodescendência

A identidade étnico-racial é continuamente construída e reconstruída individual e socialmente por meio das interações com o outro e com a cultura.



Fonte: Portal da Secretaria de Educação de Guarulhos.

Com o apagamento da identidade dos africanos escravizados, seus descendentes não têm acesso à sua **ancestralidade**, à sua origem e à sua cultura e, em contrapartida, são estimulados a negar sua negritude e abraçar a mestiçagem ou a ambiguidade identitária. O discurso do sincretismo cultural, a tentativa de se impor uma cultura única sob a ideia de união das culturas preponderantes no país: indígenas, africanas e europeias, mantêm a hegemonia branca e eurocêntrica, como aponta Sodré (1999). No processo individual e coletivo em que são constituídas as identidades, os sujeitos se reconhecem nas semelhanças e nas diferenças, nas representações e na maneira como veem e são vistos pelo outro (alteridade). O escravismo, o racismo e a maneira como o Brasil foi colonizado ainda marcam a constituição dessas identidades. Ao deparar-se com a realidade do povo negro no país, com as leituras e representações que compõem o imaginário coletivo sobre a negritude e com o racismo entranhado na sociedade brasileira, declarar-se negro e constituir e reconstituir a identidade negra no Brasil é um ato político, de resistência e (re) existência.

Um dos aspectos mais surpreendentes de nossa sociedade é o fato de a ausência de identidade racial ou a confusão racial reinante ser aceita como dado de nossa natureza. [...] Vem dos tempos da escravidão a manipulação da identidade do negro de pele clara como paradigma de um estágio mais avançado de ideal estético humano; acreditava-se que todo negro de pele escura deveria perseguir diferentes mecanismos de embranquecimento. Aqui, aprendemos a não saber o que somos e, sobretudo, o que devemos querer ser (Carneiro, 2011, p.63-64).

Fique ligado!



O texto "**Branqueamento social e suas implicações**" trata da tentativa de branqueamento da população brasileira. Leia o texto abaixo:



Branqueamento social e suas implicações

Com o fim do regime escravocrata, no período pós-abolicionista, o negro tornou-se livre perante a lei, mas essa liberdade não lhe garantiu os mesmos direitos e nem sua aceitação perante a sociedade. Após a abolição da escravatura, o negro foi largado a própria sorte, muitos deles não tiveram sua mão de obra aproveitada na fazenda em que eram escravizados, alguns fazendeiros optaram por trazer mão de obra da Europa ao invés de dar espaço e criar oportunidades ao negro, os deixando às margens da sociedade.

Com a chegada dos europeus para ocupar o lugar do negro e trabalhar nas fazendas, ao contrário dos escravizados, os novos trabalhadores tinham tratamento diferenciado e, não queriam de maneira nenhuma serem comparados aos negros, pois os consideravam uma sub-raça desprovida de inteligência. Assim, os conflitos étnico-raciais estavam ganhando mais força através dessa divisão, pois os europeus se sentiam superiores aos negros, mesmo realizando as mesmas atividades nas

fazendas, acreditavam que pelo fato de serem brancos, faziam parte de uma classe especial de pessoas.

Naquele contexto histórico, com uma visão eurocêntrica e totalmente etnocêntrica, surgiu uma das tentativas de eliminar e neutralizar o povo negro do cenário social brasileiro, chamada de **branqueamento social**.

O branqueamento social foi uma ideologia que permeou o Brasil no final do século XIX, cuja tentativa, era neutralizar a existência do povo negro em terras brasileiras. A humilhação social que acometeu o negro, foi além do seu estado de escravizado, chegando à anulação de sua identidade, sua cultura, sua crença.

De acordo com Nascimento¹ (1978), as tentativas de branqueamento da população brasileira, fizeram parte de um projeto de sociedade que tinha como base estratégica eliminar a população negra do cenário brasileiro, o objetivo era, de maneira estratégica extinguir o elemento negro da sociedade brasileira, com isso, que se “embranqueceria” paulatinamente. Estimava-se que em um período de até três gerações a sociedade brasileira se tornaria branca.

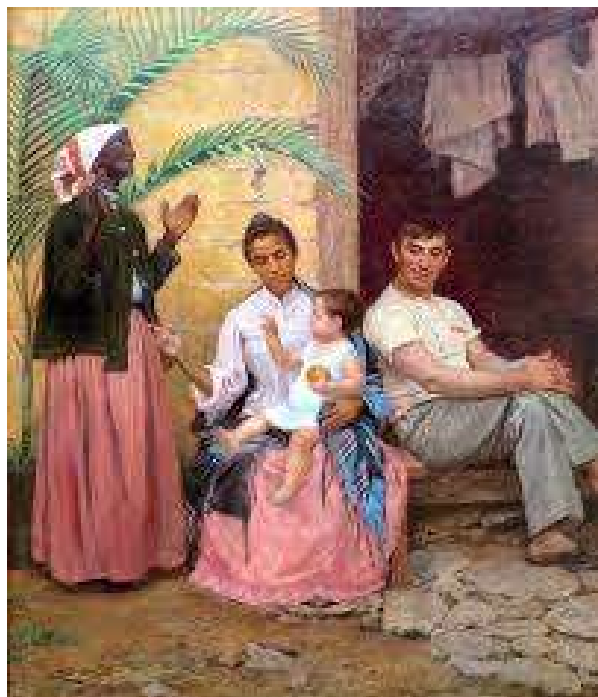
Diante dos fatos, naquele período histórico, surgiram alguns intelectuais que desejavam o branqueamento social no Brasil, dentre eles está Raimundo Nina Rodrigues (médico legista, psiquiatra, epidemiologista, professor, escritor, antropólogo e etnógrafo) que utilizava dos seus conhecimentos médicos para classificar, de maneira estereotipada, e inferiorizar o negro em todos os seus aspectos. Segundo ele, em uma visão totalmente darwiniana, o negro estaria em um estágio inferior de evolução.

Embora Raimundo Nina Rodrigues fosse

¹NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro, processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978. p. 1.

mestiço, não se via como tal e acreditava que a mistura entre as raças seria muito prejudicial para a formação psíquica, considerando, segundo ele, a inferioridade intelectual do negro. De acordo com suas convicções, Nina Rodrigues destaca que as três raças predominantes na formação do povo brasileiro (branca, indígena e negra) transmitiriam aos seus descendentes através dessa miscigenação, doenças mentais, o que resultariam em indivíduos desequilibrados, híbridos fisicamente, degenerados intelectualmente e com desvios comportamentais.

Uma das demonstrações da ideologia do branqueamento social, pode ser observada na pintura chamada “A Redenção de Cam” do espanhol Modesto Brocos. A pintura foi produzida em 1895, após o período abolicionista no Brasil, e traz consigo, a face revelada do preconceito étnico-racial, nela, é possível observar a tese do branqueamento social de que a população brasileira se “embranqueceria” em até três gerações.



A Redenção de Cam (1895) de Modesto Brocos, Óleo sobre tela, 199cm x 166cm, Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes.

Ao observar a pintura, às três figuras principais (a senhora negra, a mulher mestiça e a criança branca) representariam as três gerações necessárias para que o Brasil se tornasse um país branco. O homem branco à direita, ao que tudo indica, seria o companheiro da mulher ao centro e pai da criança, que a olha com admiração: ele foi o elo que permitiu o branqueamento dos descendentes da senhora negra, que levanta os braços em sinal de agradecimento. Esse era o retrato esperado para a sociedade brasileira através de um olhar eurocêntrico.

O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

No período entre o fim do século XIX e meados do século XX, após fracassadas as tentativas do **branqueamento social**, surge no Brasil, uma ideologia que tinha como objetivo, neutralizar, mesmo que de maneira superficial, toda forma de racismo e segregação. A intenção era elucidar que no Brasil as relações entre brancos, indígenas e negros seriam amistosas e não existiam conflitos, discriminações ou qualquer tipo de preconceito.

A tentativa de romantizar as relações preconceituosas entre brancos, indígenas e negros no período pós-abolicionista, foram relatadas por Gilberto Freyre² (1997), em sua obra *Casa Grande & Senzala*, onde de maneira superficial e com um linguajar peculiar, narra os abusos sofridos pelos negros. Com a intenção de mascarar a veracidade dos fatos, relatou uma falsa realidade, exaltando uma pseudo harmonia que sobressaia sobre as desigualdades e a violência escravagista, fazendo vistas

grossas e minimizando toda humilhação sofrida pelos negros e indígenas.

Naquele contexto histórico seria interessante passar uma visão para os outros países de que no Brasil, não existia mais aquele regime que oprimia, maltratava e desumanizava o negro em todos os sentidos, e sim, transmitir a falsa sensação de que viviam em harmonia e igualdade de direitos. A miscigenação entre o branco, o negro e o indígena, que antes fora abominada, de acordo com intelectuais daquele período, pois, traria malefícios cognitivos, psicológicos e sociais aos seus descendentes, passa ser, assim como um toque de magia, bem vista e necessária para a construção da identidade e perfil da sociedade brasileira, ou seja, a miscigenação não seria tão prejudicial assim, o quanto parecia e sim, se tornaria necessária para a construção de um “novo povo”, assim como defendeu Gilberto Freyre. Nascimento¹ (1978) com uma visão mais realista dos fatos, salienta que essa harmonia não passava de um discurso fantasioso, pois, a abolição não eximiu o negro da segregação e da exclusão social, pois ainda eram rejeitados. Uma das formas de discriminação estava associada as tentativas do negro em pleitear uma vaga de emprego, onde já era rejeitado e excluído ao depara-se com o requisito: “Não aceitamos gente de cor”, porém, após a instituição de uma lei que proibia utilizar esse tipo de critério na contratação do empregado, começaram a utilizar outra expressão nos anúncios de emprego, mas agora, o pré-requisito era outro: “ter boa aparência”, e assim, a exclusão social e o racismo eram vistos em sua forma mais velada, desfazendo a ideologia de **democracia racial**.

² FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

De acordo com Florestan Fernandes³ (2008), as questões relacionadas à democracia racial entre brancos, indígenas e negros são fantasiosas, pois a partir do momento em que não existe a igualdade nos direitos, não há democracia, dessa forma, torna-se um mito. **A democracia racial só será uma realidade quando houver, de fato, igualdade racial entre todos os povos e não existir nenhuma espécie de discriminação, de preconceito, de estigmatização e segregação, seja como classe, seja como raça.** Por isso, a luta de classes, deve caminhar com a luta racial propriamente dita.

Autodeclaração

Nesse cenário complexo, há uma confusão racial, a ausência de uma identidade racial, fato encarado com certa naturalidade em nosso país. Na tentativa de se afastar ou “ser afastado” da negritude, muitas nomenclaturas ganharam espaço no nosso vocabulário a fim de camuflar identidades, moreno jambo, moreno claro ou escuro, mulato. Esses são resquícios da **tentativa de branqueamento do povo**, a ideia de “purificação” da população por meio da miscigenação, é preciso afastar-se da negritude, negá-la, e esses termos são utilizados para esse afastamento. A autodeclaração adotada pelo IBGE para realização do Censo é um avanço no sentido de que a identidade étnico-racial não pode ser imposta pelo outro, ela é construída pelo sujeito, apesar de a maneira como somos lidos socialmente

e racialmente também ser algo importante, especialmente no Brasil.

Sendo assim, como demonstram os fatos apresentados, esse processo de construção nem sempre é fácil e há uma certa confusão racial, o que é chamado também de “**limbo racial**”, a dificuldade em reconhecer-se, em autodeclarar-se, especialmente para aqueles que se enquadram no que o IBGE classifica como “pardo”. Esse é um dos desafios na autodeclaração do IBGE, o instituto utiliza desde 1991 as categorias: branco, amarelo, pardo, preto e indígena, quatro cores e uma raça.

Desse histórico, importantes questões devem ser observadas. Nota-se que, desde sempre, a cor parda foi a mais permeável das classificações raciais (PIZA & ROSEMBERG, 2012): ora por agrupar um amplo e complexo gradiente que vai do branco ao preto, ora por supostamente incluir também os grupos indígenas e todas as misturas possíveis no caldo das “três raças”, os pardos atuaram como um coringa em uma nação multicolor cujo pertencimento racial, tão atravessado de outras variáveis imbricadas a relações de poder, é inevitavelmente um desafio (Senkevics, 2015).

A **autodeclaração** é um avanço, mas ainda há um grande desafio na constituição das identidades étnico-raciais, esse processo envolve um posicionamento político, uma decisão entre identidades enevoadas, passibilidade e aceitação ou o reconhecimento da identidade negra com todas as suas implicações. Em um país como o Brasil, em que o racismo baseia-se nas marcas, na cor, nos traços **fenotípicos**, na textura dos cabelos e nas características que aproxima o sujeito de sua ancestralidade africana, quanto mais

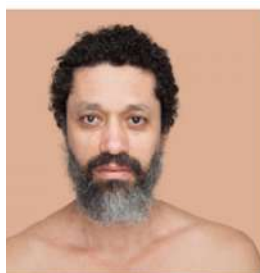
³FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes: o legado da “raça branca”. V. 1. 5ª ed. São Paulo: Globo, 2008.

escura é a pele, quanto mais proeminentes essas características, mais o racismo se manifesta. Esse fenômeno é chamado **colorismo**.

Uma das características do racismo é a maneira pela qual ele aprisiona o outro em imagens fixas e estereotipadas, enquanto reserva para os racialmente hegemônicos o privilégio de ser representados em sua diversidade. Assim, para os publicitários, por exemplo, basta enfiar um negro no meio de uma multidão de brancos em um comercial para assegurar suposto respeito à diversidade étnica e racial e livrar-se de possíveis acusações de exclusão racial das minorias. Um negro ou japonês solitários em uma propaganda povoada de brancos representa o conjunto de suas coletividades. Afinal, negro e japonês são todos iguais, não é mesmo? (Carneiro, 2011, p. 71).

Na imagem abaixo pode-se observar as fotos de quatro pessoas que possuem o mesmo tom de pele, mas características diferentes.

Essas características fenotípicas também compõem o colorismo e influenciam na maneira como as pessoas se identificam e como elas são lidas socialmente.



PANTONE. 58-6 C

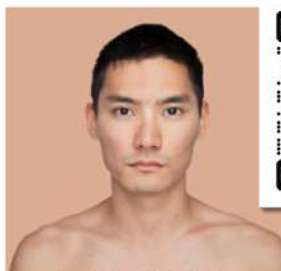


PANTONE. 58-6 C

Acesse o Qr Code e conheça mais a respeito.



PANTONE. 58-6 C



PANTONE. 58-6 C



A **branquitude** se reserva o direito de ser diversa, com suas individualidades, seus cabelos e olhos de diferentes tons, matizes e corpos diversos. Ao negro se atribui a uniformidade, o estereótipo.



Seus traços, suas matizes e sua diversidade lhe são negadas, mas elas não deixam de existir, somos todos diversos e nossas peles tem diversos tons, porém algo é inegável, quanto mais retinta a cor, mais racismo, menos representatividade.

Assista ao vídeo: Será que você sabe mesmo o que é colorismo? Aponte a câmera do celular para o QR Code e confira:



Relações inter-raciais

Diante de um processo histórico em que o **branqueamento racial** marca as relações, entender o impacto do racismo na formação afetiva das pessoas negras é importante, visto que demarca espaços, afetos e relações sociais. O Brasil historicamente tentou embranquecer sua população por meio de violências, abusos e exploração sexual de mulheres negras. É oportuno, lembrar que os primeiros filhos da miscigenação brasileira, foram filhos da violência praticada pelos colonizadores contra mulheres negras e indígenas no período colonial, onde os corpos, principalmente, negros foram hipersexualizados, o que após cinco séculos persiste.

O governo no final do século XX apoiado em ideias positivistas conferiu à população negra características hereditárias, que afirmavam que a população negra iria evoluir, melhorar e até sumir por meio da miscigenação. As gerações futuras seriam beneficiadas com a exterminação dos pretos do país e a eugenia passou a ser uma política social. Foram atribuídos aos fenótipos dos negros estereótipos que reforçaram a base do racismo e são reproduzidos até hoje. Assim como o racismo, as relações afetivas são socialmente construídas, o que significa que numa sociedade estruturalmente racista, os afetos relacionados as pessoas negras/pretas também sofrem impactos da discriminação e do racismo. A formação afetiva das pessoas negras, quando vista sob a ótica racista, é desenvolvida com prejuízos na identidade étnico-racial, alcançando até mesmo possibilidades traumáticas.

Cá entre nós / Papo reto!



Na maioria das vezes, ao perceber alguma situação de racismo, realiza-se intervenções individuais e/ou coletivas por meio de uma roda de conversa. Mas será que é só desta maneira que conseguimos desconstruir o **racismo estrutural**?

A roda de conversa é extremamente importante no processo educativo, principalmente, quando está atrelada à temáticas tão importantes como a **Educação Antirracista**.

Mas é necessário realizar boas perguntas e mediação que ajudem os educandos a refletirem. Além disso, uma única conversa pode não ser eficiente para transformar pensamentos, atitudes e valores.

A escola precisa ampliar as discussões, agregando em seu planejamento as temáticas antirracistas, a fim de criar: projetos, oficinas culturais, exposições, pesquisas, apreciações de obras de artes, rodas de leituras (principalmente com autores e/ou personagens negros). Assim, os educandos poderão conhecer a história e as contribuições do povo negro na sociedade, não apenas ao longo da história mas na contemporaneidade.

Inspirações Pedagógicas

O compartilhamento de práticas pedagógicas além de ampliar o repertório docente, é uma importante fonte inspiradora, que pode fornecer apoio e orientação a outros educadores.

Conheça o projeto **“Nobreza Negra”**, desenvolvido pela professora Perla da Silva Santos, da EMEF Lindovino Fanton, em Porto Alegre (RS), com o objetivo de trabalhar a história e a cultura do povo negro como potência, por meio da Educação Antirracista.

Acesse o Qr Code e conheça mais a respeito.



Na Educação Infantil também é possível abordar a temática. Observe o trabalho desenvolvido pela professora de Educação Infantil Vera Lúcia Luiz, do CEI Margarida Maria Alves, em Campinas, São Paulo. Vale ressaltar que, as atividades desenvolvidas por ela, podem ser adequadas para as outras modalidades de ensino.

Acesse o Qr Code e conheça mais a respeito.



As singularidades dos sujeitos devem ser consideradas eliminando-se estereótipos, crenças e visões hegemônicas de qualquer natureza. Não existe uma experiência universal, tal como um ponto de vista, uma teoria ou uma concepção; portanto, não existe neutralidade educativa e/ou política. Por isso, a EDH deve prezar a dialogicidade e a reflexão como fatores essenciais para a tomada de consciência e de criticidade. Excluir as **diferenças** é anular os sujeitos ou reduzi-los à padronização irreal do humano e suas culturas (Guarulhos, caderno introdutório, 2019, p.27)



Foto: Portal SE, 2023.

E agora, gestor?

Este é um espaço para falarmos sobre gestão escolar!

Se fosse realizada uma pesquisa de intenções referentes à prática de ações gestoras em prol do reconhecimento e valorização da cultura afro-brasileira, certamente os resultados seriam potencialmente positivos. A estimativa de um resultado positivo sobre as tais intenções, dispara um questionamento essencial:



Se no âmbito da gestão escolar existe o desejo de desenvolver ações na perspectiva da Educação Antirracista, então, por que na escola a efetivação destas intenções ainda caminha

com passos tão sonolentos?

Uma resposta plausível, é a ausência de conhecimentos sobre como fazer.

Práticas gestoras de enfrentamento ao racismo, pressupõem a criação de alternativas para a formação do próprio gestor e da equipe docente em temas referentes à história e cultura africana.

Na gestão escolar, o como fazer, envolve a constante busca que é própria do processo educativo, a pesquisa contínua que perpassa os fazeres gestores, e principalmente o trabalho coletivo, que na perspectiva da Educação Antirracista é um instrumento potente para a formação docente (gestores e professores).



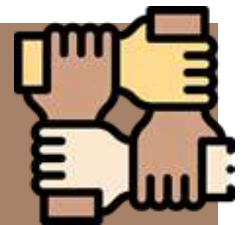


Atenção, gestor!

Não é necessário que o gestor saiba tudo sobre tudo!! Mas é imprescindível que a coletividade seja articulada, pois possibilita a socialização de saberes, a descoberta de vozes fortalecidas, o descortinar de experiências até então desconhecidas. Enfim... permite um trabalho de equipe no processo formativo. O como fazer está conectado com o trabalho coletivo. Para Vygotsky (1998), coletividade não é um processo

passivo, isto é, o sujeito não absorve, prontamente, do meio externo os elementos que vão propiciar seu desenvolvimento. Pelo contrário, trata-se de um movimento provocado, dinâmico, contínuo e dialético de (re)apropriação, (re)interpretação de informações, conceitos e significados. A experiência de trabalhar coletivamente, reafirma o respeito às opiniões, o gerenciamento de conflitos, a observação de pontos de vista discordantes e o desenvolvimento da escuta. E todas estas habilidades são necessárias para o desenvolvimento da Educação Antirracista na escola.

Vozes expressivas



Uma das intelectuais brasileiras que se debruçou sobre a construção e desconstrução das identidades étnico-raciais da população negra no Brasil é **Sueli Carneiro**. Atuante nas questões étnico-raciais e no enfrentamento do racismo e de suas vertentes fundou o Instituto da Mulher Negra - Geledés, organização política brasileira formada por mulheres negras em oposição ao racismo e **sexismo**.



Sueli Carneiro

Escritora, filósofa conhecida por suas ações efetivas na luta antirracista, é uma das maiores vozes femininas da atualidade, no que tange o ativismo negro. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), e uma das fundadoras do Geledés – Instituto da Mulher Negra e da Casa Sueli Carneiro. Ativista do Movimento Feminista e do Movimento Negro do Brasil e também membro do grupo de pesquisa “Discriminação, Preconceito e Estigma” da Faculdade de Educação da USP, membro do Conselho Consultivo do projeto Saúde das Mulheres Negras, além de possuir várias obras que contribuem com a discussão acerca de temas relacionados ao racismo e suas vertentes, ao sexismo e as desigualdades no Brasil.

Em qualquer dimensão da luta de classes, ser mulher negra coloca outras contradições, outras demandas que o feminismo teria que incorporar se quisesse representar as necessidades e os interesses do conjunto das mulheres brasileiras. E tendo em vista que as mulheres negras são maioria entre as mulheres brasileiras, então um feminismo nativo, um feminismo brasileiro, tem que, necessariamente, pôr em perspectiva, a agenda das mulheres negras. (Carneiro, 2017)

Kaa Kwa ushupavu

Aguyente firme

“O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois receberam uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence á todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos cotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um ao seu modo na formação de riqueza econômica e social e da identidade nacional. (Munanga, 1999, p.16)

Ao pensar em racismo, em geral vem à mente injúrias, violência física, psíquica ou verbal, mas o racismo no Brasil se manifesta de diversas formas, conhecê-las nos permite pensar em ações mais assertivas para combatê-las. Sendo assim, é necessário saber conceituar as diferentes situações.

Discriminação

É o ato de segregar, desconsiderar, ignorar, excluir alguém ou grupo. Ação individual e/ou institucional que distingue, exclui, restringe ou prefere alguém em razão da raça, etnia, cor, definição religiosa, descendência ou origem nacional...



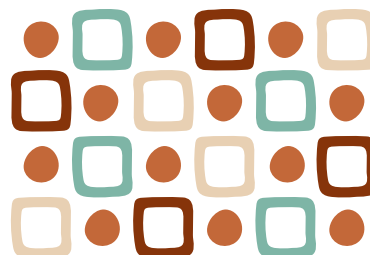
Injúria racial

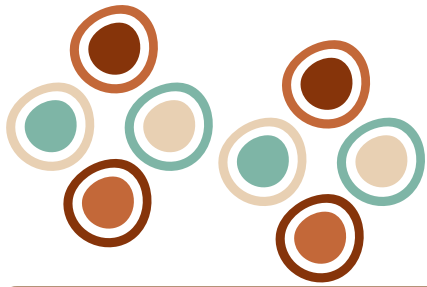
Se configura ao ofender, insultar, utilizar expressões que abalem o conceito que a pessoa ofendida tem de si, causando-lhe dor psíquica e/ou abalo moral. Ação que causa constrangimento, humilhação, vergonha, medo ou exposição indevida em razão da cor, etnia, religião ou procedência.



Preconceito

É o juízo de valor baseado em estereótipos atribuídos a um determinado grupo ou alguém. Esses valores são irrefletidos podendo se basear em julgamento negativo, suspeitas, intolerância, ódio e aversão.





Racismo

É fenômeno histórico-social que se caracteriza pela ideologia de supremacia de determinado grupo sobre o outro, na qual, a motivação exclusiva é a raça.

Racismo reverso

É uma tentativa de apagar as diferenças raciais existentes, desvirtuando o foco efetivo do enfrentamento às desigualdades raciais. Mesmo que pessoas negras tenham preconceito ou discriminação negativa em relação à pessoas brancas, essas não sentirão o efeito do racismo em suas vidas, isso porque o racismo se dá pelo poder de quem discrimina, ou seja, estes indivíduos não sofrerão os efeitos sistêmicos do racismo, como por exemplo, ser constantemente abordados pela polícia, em razão de sua cor, ter sua inteligência ou beleza questionada por serem negros. Racismo pressupõe hierarquia racial, e no Brasil a população branca sempre foi considerada superior à negra. **Portanto não há racismo reverso.**

Fique ligado!



Injúria racial ou **racismo** a Lei 14.523/23 altera a Lei 7.716/89 e, por consequência, o Código Penal, **equiparando o crime de injúria racial ao crime de racismo**. A lei prevê punição de 2 a 5 anos de prisão, podendo ser aumentada de acordo com o número de vítimas, e se torna inafiançável. Além disso, agora, os crimes de injúria racial são imprescritíveis. Apesar da nova lei equiparar injúria racial e racismo, em termos de legislação, é importante lembrar que estes são dois crimes distintos.



Racismo estrutural

Desde a escravização, até a abolição tardia e incompleta no Brasil, o racismo foi de tal forma naturalizado e “normalizado” que passou a estruturar as relações econômicas, sociais e políticas estabelecidas em nossa sociedade. Isso significa dizer que o racismo não se manifesta apenas através da violência física, psíquica e verbal, mas se expressa na ausência de pessoas negras na diretoria e chefia de grandes empresas, no corpo docente e discente das universidades, na hipersexualização dos corpos negros, em seu encarceramento em massa, nos índices de violência, vulnerabilidade e abandono escolar, nas

expressões, atitudes e discursos que são reproduzidos sem nenhuma estranheza. Com o **mito da democracia racial** no Brasil difundiu-se a ideia de que as relações étnico-raciais são harmônicas, contudo isso é uma inverdade, visto as variadas formas de expressão do racismo estrutural existentes de forma camuflada em nosso país.

Racismo linguístico

Ao longo do curso *Jisike: Educação Antirracista*, nossa luta inscrita no corpo, foram utilizados alguns termos, símbolos, expressões e provérbios africanos. Foram apresentados áudios que demonstram como esses termos são pronunciados a fim de ampliar conhecimentos.

Os termos causaram estranhamento, o que nos leva a refletir: será que o estranhamento ou dificuldade diante dessas expressões ocorre apenas por se tratar de termos em outro idioma?

Hot-dog, home office, download, fitness, fogazza, croissant, chalet, ballet, biombo ou karaokê estão presentes no nosso cotidiano e apesar de muitas vezes serem “abrasileirados” foram incorporados na rotina.

Pense nisso!

Por que, mesmo com a grande presença dos africanos e afro-brasileiros no nosso país, expressões e termos das diversas línguas africanas são tão incomuns ao nosso repertório e causam tamanho estranhamento? Esse fenômeno não ocorre por acaso...



Com o processo de colonização e escravização, o povo negro sequestrado e trazido de África foi obrigado a abdicar de sua cultura, sua língua e sua identidade. Tudo que remetia à sua origem no continente africano, foi proibido, invisibilizado e apagado. Até porque, mesmo diante da diversidade linguística africana, os escravizados desenvolveram uma forma própria de se comunicar e essa proibição era uma maneira de enfraquecê-los, desarticulando qualquer possibilidade de resistência e assim, garantindo seu domínio. Como afirma o autor Gabriel Nascimento, “[...] a visão de língua é, portanto, disciplinada por ideologias raciolinguísticas, em que as línguas são vistas como espaços de purificação e limpeza do projeto colonial” (Nascimento, 2019, p.104). Nesse sentido, a referência de língua constituída em nosso país tornou-se prioritariamente ocidental, patriarcal, eurocêntrica e cristã.

Para compreender melhor como se deu esse processo e os impactos do preconceito e do racismo linguístico assista ao vídeo Racismo linguístico, o que é e como combatê-lo, em que o professor Gabriel Nascimento explica e exemplifica o conceito.

Aponte a câmera do seu celular para o Qr Code e assista!



Racismo recreativo

De acordo com o professor e doutor em Direito, Adilson Moreira, **racismo recreativo** é uma das manifestações do racismo estrutural, disfarçado de “piadas” e “brincadeiras”, que associam as características, físicas e culturais, das pessoas negras com algo inferior ou desagradável. Carregado de estereótipos, utilizando termos e expressões racistas, através da “comédia”, ofendem, diminuem, desumanizam e depreciam o negro. Fazendo-se valer, entre outras coisas, de uma pseudo liberdade artística, criam personagens, e contam piadas nas quais geralmente, associam a figura do negro a animais ou a exposição em situações vexatórias.

O racismo recreativo, infelizmente, possui um grande alcance, através de programas televisivos, mídias sociais, filmes, músicas, festas ou comemorações populares. Nas imagens abaixo, estão algumas situações que, camufladas por um viés “cômico”, reproduzem atitudes racistas e de injúria racial.

De forma estereotipada, reproduzem cenas em que na maioria das vezes, o negro é representado por figuras espalhafatosas.



*Imagens Google



*Imagens Google

Tais caracterizações são denominadas *Blackface*, que por sua vez, é uma prática “teatral” que surgiu, nos Estados Unidos por volta dos anos 1840, e tinha como base, a ridicularização de pessoas negras, através da satirização de características físicas próprias de corpos negros. Atores brancos se “fantasiavam” de pessoas negras, utilizando tinta ou carvão para “enegrecer” a pele e atuarem em espetáculos de “humor” com comportamentos exagerados, carregados de características negativas. Na atualidade, ainda é possível observar esta prática presente em novelas, programas de televisão, desenhos animados e blocos de carnaval de rua.

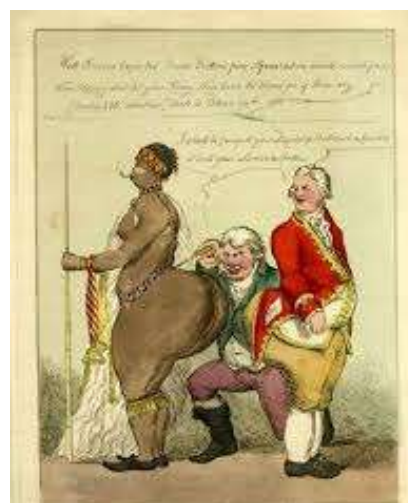
Com o advento das tecnologias, a propagação do racismo, preconceito e discriminação, obtiveram grande alcance, de maneira veloz, através das mídias sociais, um dos exemplos são figurinhas que circulam livremente em aplicativos de mensagens instantâneas. É importante destacar que existe um olhar do Ministério Público nesta questão. De acordo com Mariana Silva Nunes, coordenadora do Núcleo de Enfrentamento à Discriminação, é preciso conscientizar-se que tais figurinhas não podem ser taxadas como brincadeira, pois através delas é expresso racismo e passá-las adiante, pode configurar crime de racismo ou **injúria racial**.



além de ter suas partes íntimas tocadas pelo público. Por possuir nádegas protuberantes, *Saartje Baartman*, era a atração que rendia recursos financeiros aos donos do circo. Após 5 anos sendo a atração do espetáculo, aos 26 anos, foi acometida por uma enfermidade que ocasionou seu falecimento, partes de seu corpo (cérebro, esqueleto e órgão sexual) foram retiradas e expostas em um museu de Paris até 1974. Em 1994, o então presidente Nelson Mandela, solicitou formalmente que a França devolvesse os restos mortais. Depois de muita disputa legal, o pedido foi aceito. Seus restos mortais foram repatriados para sua terra natal e foram enterrados em agosto de 2002, mais de 200 anos depois de seu nascimento.

Quem foi Sarah Baartman?

Uma das mais perversas manifestações do racismo, foi o que aconteceu com *Saartje Baartman* ou *Sarah Baartman*, mulher africana que, enganada por um médico e um agricultor, virou atração de circo em Londres e em Paris, por longos 5 anos. Em 1810, Saartje foi levada da África para a Inglaterra com a promessa de trabalhar em um espetáculo, mas, mal sabia que sua vida se tornaria um pesadelo. Vale destacar que existem outras teorias acerca de sua chegada na Inglaterra, entre elas está, que fora vendida para um domador de animais e em outra, que teria assinado um contrato, vale ressaltar, que ela não era alfabetizada. Os tais “espetáculos”, consistiam em cenas grotescas e de exploração. Para entreter o público, Saartje, era apresentada em uma jaula, como se fosse um animal e realizava performances como parte do show, que incluía danças e exposição de sua nudez,



(Foto: British Museum/BBC)

Racismo Ambiental no Brasil existe mesmo?

Com a falta de investimento em construção de moradias e a especulação imobiliária, algumas pessoas são obrigadas a construir suas moradias em áreas com risco iminente, como por exemplo, perto de aterros sanitários,

encostas/morros ou até mesmo em ruas que sofrem com frequentes inundações, vivendo em situações precárias e de vulnerabilidade, sem conseguir usufruir de direitos básicos como: saneamento, energia elétrica, acesso à água potável, a coleta de resíduos, à educação, à saúde e ao emprego. Esse grupo é composto em sua maioria por negros.

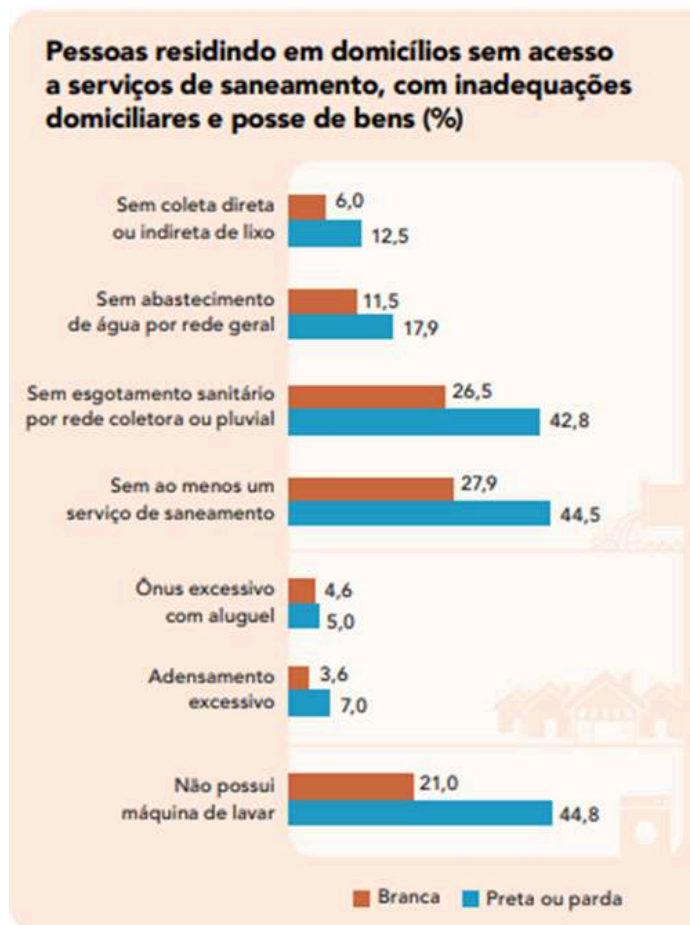


Imagens Google

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) verificou que cor ou raça impacta nas condições de moradia, tanto na distribuição espacial, quanto nas características individuais dos domicílios, assim como no acesso a serviços. Segundo as pesquisas realizadas nos Censos de 2010 e 2018, em comparativo a quantidade de pessoas brancas, existe mais do que o dobro de pessoas pretas ou pardas que residem em favelas e comunidades urbanas*. Os indicadores referentes a saneamento básico, apontam maior proporção da população preta ou parda residindo em domicílios sem coleta de lixo (12,5%, contra 6,0% da população branca), sem abastecimento de água (17,9%, contra 11,5% da população branca), sem rede coletora de esgoto (42,8%, contra 26,5% da população branca). Todos estes dados trazem implicações na condição de

vulnerabilidade, maior exposição a doenças e maior índice de mortalidade infantil.

Observe o gráfico:



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018.

Os anos se passaram e algumas mudanças aconteceram, mas ainda nos deparamos com discrepâncias sociais e, principalmente, com violações dos direitos humanos. Em um artigo publicado para o Jornal da USP, em 2021, Fluentes destaca o processo de discriminação e as condições precárias das comunidades, em virtude da degradação ambiental. De acordo com o autor, a expressão denuncia a desigualdade na distribuição dos impactos ambientais, sendo a população marginalizada e historicamente invisibilizada a mais afetada pela poluição e degradação ambiental (Fluentes, 2021).

Fique ligado!



* Desde 1991 o IBGE utilizava o termo “Aglomerados Subnormais” para referir-se aos territórios populares, porém a partir da divulgação do Censo Demográfico de 2022, o instituto retomou o termo “Favelas”, utilizado desde a década de 1950 até 1991.

Das senzalas às favelas Da liberdade ao esquecimento

“É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos.” Maria Carolina de Jesus, 1961.



Imagens Google

Após a Lei Áurea em 1888, que impôs o fim do regime escravocrata, a população negra passou a sofrer com a falta de recursos básicos, e conseqüentemente, passou a ocupar áreas de cortiços e residir em terras consideradas ilegais pelo Poder Público. Na maioria das vezes, as pessoas ocupavam os casarões abandonados, pertencentes às famílias

mais ricas e passavam a residir em pequenos cômodos, insalubres e superlotados, que eram vistos como foco de doenças e epidemias. Além disso, as pessoas que moravam nessas instalações eram consideradas “perigosas”, por se tratarem de escravizados. Foi nesse período que surgiu o discurso higienista, que buscava banir as classes populares e erradicar os cortiços, conforme afirma Gonçalves (2013):

Essa política visava, na verdade, controlar o espaço central da cidade com o banimento das camadas populares dessa região. Ela compreendia duas partes principais: a) a interdição e a erradicação progressiva dos cortiços nas regiões centrais e b) o incentivo, com redução de impostos, à construção de habitações para operários. A legislação revelou-se um instrumento fundamental para a implementação da política pública contra os cortiços. A partir de 1856, o Estado impôs normas sanitárias severas para a concessão de alvarás de construção. Os textos da lei foram pouco a pouco aumentando os perímetros de proibição de exploração de cortiços nas regiões centrais, estendendo, ainda, esse conceito a qualquer edificação precária, onde os pequenos quartos eram alugados às classes populares. Finalmente, foi proibida qualquer reforma nas casas coletivas existentes, mantendo-se assim a precariedade dessas construções (Gonçalves, 2013, p. 35).

Aos poucos, os cortiços foram sendo desocupados e demolidos e as pessoas foram obrigadas a buscarem outros locais para construir as suas moradias.

A maior parte dessa população, se deslocou para áreas mais afastadas, longe dos grandes centros, ocupando os morros.

Racismo Religioso

Racismo religioso e intolerância religiosa

Intolerância é a falta de compreensão ou aceitação em relação a algo, apresentando comportamento de repulsa, repugnância e ódio pelo que lhe é diferente. A intolerância religiosa se caracteriza pela falta de compreensão sobre o direito de cada ser humano em expressar sua crença ou não crença.

Racismo religioso esse termo ainda está em construção, pois enfatiza o condicionamento religioso com base na cor da pele dos indivíduos. De forma geral, racismo religioso tem sido caracterizado, no Brasil, por preconceito e/ou ato de violência contra adeptos das religiões de matrizes africanas, que são os principais alvos de violência religiosa no país.

Liberdade religiosa compreende a liberdade de crença, de culto e organização religiosa. Compreende a liberdade de não aderir a religião alguma, assim como a liberdade de descrença, a liberdade de ser ateu e de exprimir o agnosticismo. A Constituição Federal assegura o direito fundamental à liberdade religiosa. Afirmando que o Brasil é um Estado laico e que não há uma religião oficial, garantindo o livre exercício de todas as religiões.

Matrizes africanas, religiões constituídas no Brasil

Algumas religiões foram, ao longo da história, adaptadas culturalmente no Brasil: Quimbanda, Candomblé, Mina Maranhense e Umbanda. Aqui, vamos falar um pouco sobre uma destas religiões: o **Candomblé**.

Embora seja comum atribuir a origem desta manifestação religiosa ao continente africano, é uma religião de origem afro-brasileira, formada a partir das tradições dos povos lorubás ou Nagôs, dos costumes dos grupos Fons ou Jejes e também por outros grupos africanos minoritários.



Ilustração que representa os Orixás. Créditos Ilé Odé

Como forma de preservação da herança cultural da religião candomblecista, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional reconhece os espaços de expressão religiosa – os terreiros – como Patrimônio Cultural Brasileiro. Já foram tombados terreiros em Salvador, Itaparica e Cachoeira (BA) e São Luís (MA).



Em maio de 2023, o Conselho do Patrimônio Histórico, Artístico, Ambiental e Cultural de Guarulhos (CPHAACG) realizou o primeiro tombamento de um terreiro, reconhecendo-o como Patrimônio Cultural e Histórico de Guarulhos.

Para conhecer mais sobre esta religião afro-brasileira, acesse a página do "Museu Afro Brasil" pelo QR Code:



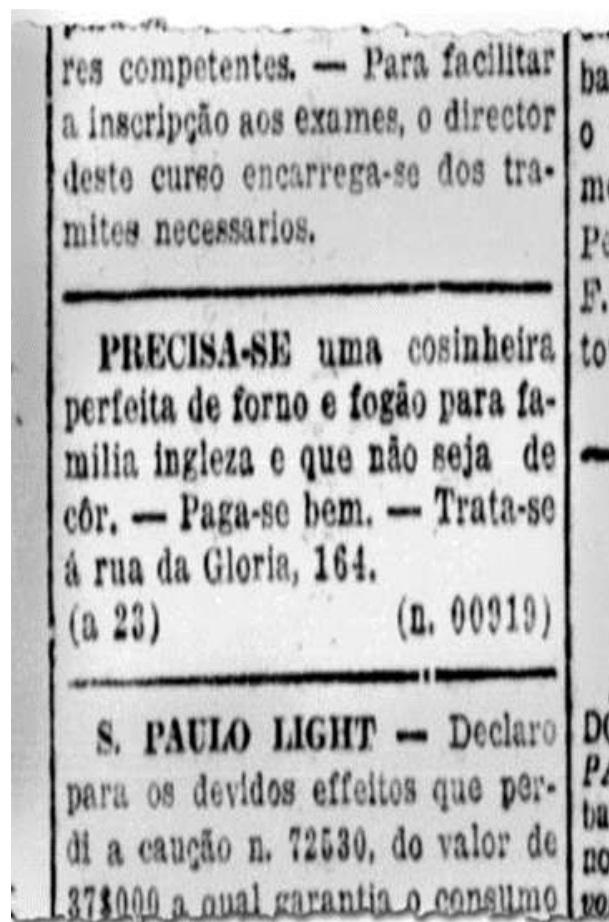
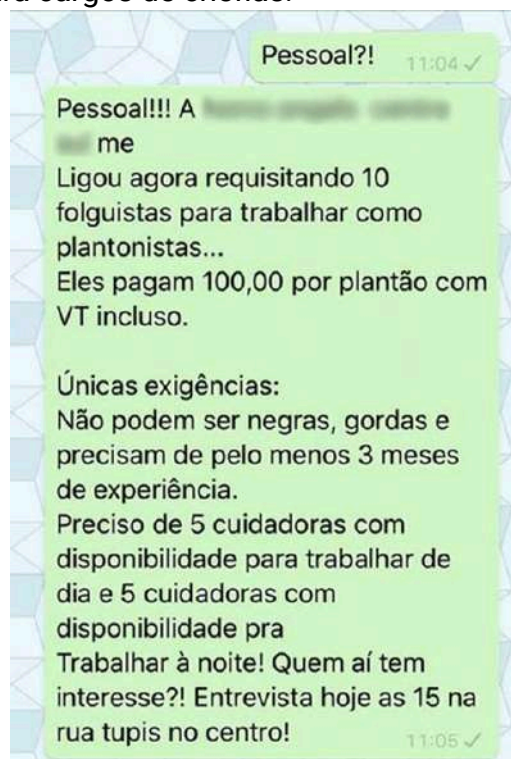
Racismo institucional

O **racismo institucional** ocorre quando uma organização, empresa, grupo, associação, ou instituição pública deixa de promover um serviço para determinada pessoa devido à sua cor, cultura ou origem étnica. Manifesta-se, também, por meio de normas, práticas e comportamentos discriminatórios realizados no cotidiano do trabalho. Podendo acontecer dentro da instituição entre seus membros e fora dela, tendo como alvo a população negra.

O racismo institucional é reflexo do racismo estrutural implantado nas instituições.

Políticas públicas que afetam negativamente, e diretamente a população negra podem configurar **racismo institucional**, mas as instituições privadas

são as que mais frequentemente o praticam, principalmente se relacionarmos ao trabalho, visto que criam barreiras da seleção para o emprego até a progressão para cargos de chefias.



Uma das manifestações de **racismo institucional** mais frequente é policial. Os negros são percebidos como potenciais criminosos, a intimidação policial e as sanções penais de maior severidade no tratamento aos negros configuram esse viés de racismo. A população negra é alvo dos policiais, fato que demonstra, não só o **racismo institucional**, mas a situação de vulnerabilidade e insegurança a que essa população é exposta.

Raio X do racismo no Brasil



Outro exemplo de **racismo institucional** ocorria na medicina, por meio do estereótipo de que as mulheres negras são mais fortes e resistentes que as mulheres brancas e, por isso, recebiam menos analgesia no trabalho de parto. O **racismo institucional** opera, institucionaliza e naturaliza a produção das desigualdades nas instituições, padronizando comportamentos, atitudes

e pensamentos socialmente reconhecidos, aceitos e legitimados pela sociedade.

A doutora em Educação Eliane Cavaleiro, no livro “Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação, na educação infantil” (1998) aponta que bebês negros são discriminados e tratados de forma distinta dos brancos que recebem mais afeto e colo, sendo assim, podemos compreender que as escolas também reproduzem o racismo institucional nas diferentes etapas e modalidades da Educação.

Compreender o racismo e suas diversas manifestações faz parte do **letramento racial**, mas afinal, o que isso significa?

Letramento racial - aprendendo a indignar-se frente ao racismo

O tema **letramento** é recorrente na Educação, inclusive em nossa rede que preconiza a alfabetização na perspectiva do letramento, reconhecendo que os bebês já nascem em um mundo letrado e que para além de codificar e decodificar símbolos é necessário compreender sua função, saber utilizá-los nas mais variadas situações.

O que isso tem a ver com **letramento racial**?



Faz parte do senso comum a ideia de que não é necessário combater o racismo ou abordar a temática na Educação Infantil porque os bebês e as crianças bem pequenas são incapazes

de praticar ou reproduzir o racismo. Porém, assim como os bebês já encontram um mundo letrado e são capazes de progressivamente perceber as funções da escrita no folheto do mercado, nas faixas e cartazes, nos letreiros das lojas e em tantas outras situações, eles encontram ao nascer um mundo permeado pelas relações sociais e raciais, e eles também conseguem “ler” e reproduzir essas relações. Ainda que em casa, na escola ou em família o racismo não esteja perceptível, a criança está imersa em uma sociedade racista, em que os ambientes frequentados, muitas vezes, estabelecem silenciosamente “os lugares de cada um”, o elevador de cada um, as ações de cada um. Em geral, os brancos festejam, usufruem e se divertem, os negros servem.

Esse conceito (letramento racial) remete à racialização das relações, ou seja, o estabelecimento arbitrário de direitos e lugares hierarquicamente diferentes para brancos e não-brancos, que legitima uma pretensa supremacia do branco. Portanto, o racismo pode (e precisa) ser desconstruído, combatido, o que implica necessariamente lutar para que todos sejam efetivamente reconhecidos como cidadãos e que tenham de fato seus direitos garantidos. [...] Como nos diz a psicóloga e pesquisadora Lia Vainer Schuman, o letramento racial está relacionado principalmente com a necessidade de desconstruir formas de pensar e agir que foram naturalizadas. Se não admitirmos que nossa sociedade é organizada a partir de uma perspectiva eurocêntrica e orientada pela lógica do privilégio do branco, trabalharemos com uma falsa e insustentável ideia de igualdade, porque o racismo é estrutural e institucional (Almeida, 2017).

Você já entrou em um restaurante, foi a um clube ou em algum evento e reparou que a maioria das pessoas ao



redor era branca? Se sua resposta for afirmativa, isso te incomodou? e lembra de quantos professores negros você teve? Se você pensar em sua escola ou mesmo na Secretaria de Educação, quantas pessoas são negras? Quantas estão em cargos de chefia?

Essa percepção e reconhecimento remete à racialização das relações e as crianças estão suscetíveis a ela desde o nascimento.

As disparidades raciais não ocorrem por falta de preparo, vontade ou disposição das pessoas negras ou não brancas, nem porque os brancos se esforçam mais, trabalham mais ou são mais inteligentes, como as teorias falaciosas da meritocracia e da **eugenia** querem que acreditem, mas sim pela maneira como o racismo estrutura as relações econômicas, políticas e sociais, como já mencionado nesta atividade.

E qual o papel da escola nesse processo?



É essencial reconhecer que o racismo está entranhado em nossa sociedade e se manifesta de diversas formas e a partir disso pensar em como podemos contribuir para combatê-lo no espaço escolar e formar pessoas antirracistas. Nesse sentido é preciso considerar que a escola, como espaço de formação e transformação deve ser bastante criteriosa na escolha dos materiais, na forma como conta a história, nos padrões que busca romper ou acaba por reforçar, nas vozes que ecoa e nas que silencia.

Perceber as diferentes manifestações de **racismo estrutural** nos permite planejar ações a fim de combatê-las. Compreender o **racismo ambiental**, por exemplo, saber como começaram as favelas e ocupações nos ajuda a entender por qual motivo o grupo em maior vulnerabilidade é composto em sua maioria por pretos e pardos e desconstruir o estereótipo de que as pessoas moram em áreas de risco porque querem. Apresentar termos e símbolos africanos, mostrar a origem

palavras que usamos no nosso dia a dia e fazer uma lista com essas palavras, são ações que contribuem para combater o **racismo linguístico**.

Mostrar as inovações tecnológicas e as descobertas que ocorreram na África é uma forma de combater o **epistemicídio**, bem como apresentar cientistas, designers, escritores, modelos e tantas outras referências positivas negras, contribui para a construção da autoestima das crianças e alarga suas perspectivas.

PROPOSTA CURRICULAR



Para além disso, é importante observar que em nossa Proposta Curricular Quadro de Saberes Necessários - QSN 2019, há saberes e aprendizagens relacionados à temática e que precisam ser construídos no percurso escolar, citaremos alguns. Note que os saberes apresentados envolvem um processo de aprendizagem, assim como os demais saberes e aprendizagens presentes no QSN. Tomemos como exemplo o quadro Interação Social e Empatia do Ensino Fundamental.

PROPOSTA CURRICULAR QSN | ENSINO FUNDAMENTAL

INTERAÇÃO SOCIAL E EMPATIA			
1º E 2º ANOS	2º E 3º ANOS	3º E 4º ANOS	4º E 5º ANOS
<p>SABER: Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar, e promovendo respeito ao outro e aos direitos humanos com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceito de qualquer natureza. (continuação)</p>			
Perceber a existência do racismo e das desigualdades sociais e sensibilizar-se.	Compreender que fomos e somos marcados historicamente pelo racismo e pelas desigualdades sociais.	Posicionar-se contra as discriminações raciais e desigualdades interseccionais.	

Para que o educando seja capaz de alcançar o saber proposto há um processo de aprendizagem que envolve primeiramente perceber a existência do racismo e das desigualdades sociais e sensibilizar-se. Depois é necessário compreender que fomos e somos das

marcados pelo racismo e pelas desigualdades sociais e por fim posicionar-se contra as discriminações raciais e desigualdades interseccionais.


Será que é possível posicionar-se contra o racismo, sem perceber sua existência ou sem



compreender a maneira como ele nos marca e afeta? Será que uma única atividade, um único projeto ou atividades esporádicas realizadas apenas no mês


de novembro possibilita esse processo de aprendizagem?

Observe a aprendizagem no quadro abaixo:

PROPOSTA CURRICULAR	HISTÓRIA			
	1º E 2º ANOS	2º E 3º ANOS	3º E 4º ANOS	4º E 5º ANOS
	<p>SABER: Reconhecer e valorizar, por meio da análise de diferentes fontes documentais, as contribuições das culturas indígena, africana, asiática, europeia e americana na formação do povo e na cultura brasileira. Identificar e analisar as ações do ser humano em sociedade e suas consequências em diferentes espaços e épocas, por meio do trabalho, da tecnologia, da cultura e da política.</p>			
	<p>Identificar e valorizar, a partir da análise de diferentes fontes documentais, as diversas manifestações culturais de matriz africana e afro-brasileira como patrimônio histórico, ambiental, econômico, político, cultural e religioso.</p>			


Quantas ações são necessárias para que o educando consiga identificar e valorizar, a partir de diferentes fontes documentais, as diversas manifestações culturais de matriz africana e afro-brasileira como patrimônio histórico, ambiental,

econômico, político, cultural e religioso? É necessário que ele saiba, entre outras coisas, analisar diferentes fontes documentais, compreender o significado de patrimônio histórico e cultural, bem como de matriz africana e afro-brasileira.

PROPOSTA CURRICULAR	PROPOSTA CURRICULAR QSN EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
	MUNDO DO TRABALHO E FORMAS DE ORGANIZAÇÃO POLÍTICA, SOCIAL E CULTURAL	
	CICLO I	CICLO II
	<p>Estabelecer relações entre a história da escravidão e o racismo no Brasil: políticas afirmativas.</p>	

O mesmo se aplica à aprendizagem relacionada ao Mundo do Trabalho e Formas de Organização Política, Social e Cultural, da Educação de Jovens e Adultos, destacada acima. Para que o educando possa estabelecer relações entre a história da escravidão e o racismo no Brasil: **políticas afirmativas.**

Ele precisa primeiro conhecer a história da escravidão no Brasil compreender o que é racismo e como ele se manifesta no Brasil, compreender o que são políticas afirmativas, identificá-las, para então estabelecer relações entre esses elementos.

PROPOSTA CURRICULAR	O EU, O OUTRO E O NÓS		
	BEBÊS	CRIANÇAS BEM PEQUENAS	CRIANÇAS PEQUENAS
	<p>SABER: Conhecer e respeitar as diferenças étnicas, culturais, de gênero e as deficiências. Conhecer e respeitar os diferentes papéis e funções sociais existentes em seu grupo de relações e sociedade. Desenvolver a construção de valores éticos, morais e de cidadania.</p>		

O saber do quadro O Eu, o Outro e o Nós da Educação Infantil também envolve muitas aprendizagens, tais como, compreender o que são diferenças, identificar papéis e funções sociais, reconhecer-se pertencente a um grupo e perceber suas relações, entre outros. Esses saberes e aprendizagens envolvem diferentes ações dos educandos e, por vezes, diferentes objetos do conhecimento. Por isso, são construídos ao longo do ciclo, requerem ações intencionais e atividades que possibilitem a construção desse “passo a passo”, ou seja, aprendizagens que se aprofundam e progressivamente dão condições para que os educandos alcancem o saber ou aprendizagem proposta. Cabe aos educadores considerar esse processo no planejamento para oportunizar aos educandos atividades com essa finalidade. Além disso, é necessário considerar os conhecimentos prévios da turma, acompanhar seu processo de aprendizagem, retomar conhecimentos, quando necessário, para então avançar.

Cá entre nós / Papo reto!



Você conhecia os saberes e aprendizagens apresentados? Já tinha pensado nessa complexidade e planejado ações e atividades considerando todas as ações necessárias para alcançá-los?

Muitas vezes, as aprendizagens atitudinais são encaradas de uma forma diferente das demais, acredita-se que elas não envolvem conceitos e não precisam ser avaliadas,

retomadas e aprofundadas, afinal elas ocorrem nas relações e interações. De fato, a interação com o outro e com a cultura é extremamente importante nessa construção, mas isso não significa que elas acontecem de forma natural, não precisam de mediação ou de acompanhamento. As ações intencionais, o registro, acompanhamento e aprofundamento são extremamente importantes.

Inspirações Pedagógicas

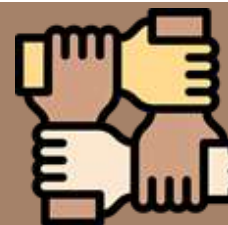
Conhecer práticas e experiências de outros educadores pode ampliar olhares e inspirar ações ao apresentar novas possibilidades. A professora de Educação Infantil Vera Lúcia Luiz, do CEI Margarida Maria Alves, em Campinas, São Paulo, relata como aborda a Educação Antirracista com seus educandos na creche. Para conhecer, clique no QR Code:



Conheça também, um programa antirracista realizado na Escola Embaixador Barros Hurtado, no Rio de Janeiro que inclui a temática no Projeto Político-Pedagógico da escola, visando o respeito e a valorização da cultura afro-brasileira.



Vozes expressivas



Uma das mais importantes escritoras brasileiras, que se destacou por suas contribuições relevantes na luta antirracista, pela igualdade racial e também pela desconstrução do racismo e suas vertentes é **Conceição Evaristo** poeta, contista, romancista e importante teórica de estudos literários e afro-brasileiros.



Conceição Evaristo

Uma das mais influentes escritoras do movimento pós-modernista no Brasil, nasceu em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país, suas obras se destacam nos gêneros da poesia, nos romances, nos contos e nos ensaios que trazem como enredo, a vivência das mulheres negras, pautadas em reflexões acerca das profundas desigualdades raciais brasileiras, misturando realidade e ficção, seus textos são valorosos retratos do cotidiano, instrumentos de denúncia das opressões raciais e de gênero, mas também se voltam para a recuperação da ancestralidade da negritude brasileira, propositalmente apagada pelos portugueses durante os séculos em que perdurou o tráfico escravista. Graduada em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996). Em 2011 concluiu doutorado na Universidade Federal Fluminense com a tese *Poemas Malungos – Cânticos Irmãos*. Recentemente, recebeu o prêmio Juca Pato – Intelectual do Ano de 2023, concedido pela União Brasileira de Escritores. Em 15 de fevereiro de 2024, foi eleita a nova imortal da Academia Mineira de Letras.

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

In: *Poemas de recordação e outros movimentos*, 3.ed., p. 24-25

Produção do CEMEAD destinada a atividade 04 do curso: *Jisike: Educação Antirracista, nossa luta inscrita no corpo* – Guarulhos, 15 de setembro de 2023.

E agora, gestor ?

Este é um espaço para falarmos sobre gestão escolar!

Impacto e indignação são necessários para provocar sensibilização frente ao racismo!

No que se refere às vivências, ratificamos sua importância dentro das aulas de Educação Física, assim como sua marca identitária dentro desse eixo.

É por meio dela que o educando consegue reconhecer, sentir, experienciar e imaginar as diversas práticas da cultura corporal, assim como atuar sobre elas, de maneira a reconstruí-las, por meio de modificações de regras, estrutura, espaço, gestualidade, objetos utilizados etc., considerando as peculiaridades do local onde estão ocorrendo.

PROPOSTA CURRICULAR



Considerando as manifestações corporais como formas de comunicação com o mundo e como um fator de identidade cultural, as vivências não devem se preocupar com performances motoras baseadas em padrões preestabelecidos.

Não existem técnicas melhores ou piores, a menos que usemos como referência um único modelo, algo que destoia de uma sociedade marcada pelo multiculturalismo (p.111).

Infelizmente, o racismo está muito presente nos esportes, seja na arquibancada, na quadra ou no campo. De caráter estrutural e sistêmico, as diferentes formas de racismos no Brasil são inquestionáveis e ainda persistem.



Imagem: Florian Plaucheur/AFP

Grafite retratando o jogador de futebol brasileiro Vinicius Junior.

Entre os fatores relevantes que alimentam essa triste realidade, está a fragilidade de políticas públicas e educacionais para o seu enfrentamento. Sabemos que a superação do racismo é um desafio de toda a sociedade brasileira e que a escola sozinha não consegue responder a todas as questões que envolvem essa problemática.



No entanto, a gestão escolar dentro de sua governabilidade, pode manter a constância de diálogos e ações práticas que provoquem novas vivências e que fomentem a realização de situações pedagógicas com

foco na diversidade étnico-racial.



Fonte: Portal da Secretaria de Educação de Guarulhos.

Ubuntu: Eu sou porque nós somos / A cosmovisão africana

Você conhece os aspectos da **cosmovisão** e filosofia africanas? Como elas afetam a maneira de entender a vida, o mundo, a ancestralidade e o futuro?

[...] do ponto de vista filosófico e antropológico, o ubuntu retrata a cosmovisão do mundo negro-africano. É o elemento central da filosofia africana, que concebe o mundo como uma teia de relações entre o divino (Oludumaré/Nzambi/Deus, Ancestrais/Orixás), a comunidade (mundo dos seres humanos) e a natureza (composta de seres animados e inanimados) (Malomalo, 2010, grifo nosso).

Cosmovisão / Cosmosensação / Cosmopercepção

Cosmovisão é um termo recorrente na filosofia, ciência e teologia usado para designar a maneira ou a perspectiva pela qual se enxerga e interpreta o mundo. Sendo assim, existem diferentes cosmovisões, diversas lentes pelas quais se pode ver e entender o universo, sua origem, a existência humana e a maneira como ela se desenvolve. Katiúscia Ribeiro Pontes, doutora em filosofia africana e a professora e pesquisadora nigeriana *Oyèrónkẹ Oyěwùmí* propõem a ampliação do termo adotando a cosmosensação e a cosmopercepção

como formas de ressaltar que essa perspectiva e percepção do mundo não está limitada a visão, especialmente em povos como os *iorubás* em que a oralidade é primordial. A leitura e interpretação do mundo envolve muitos outros sentidos e sensações. Inclui o ser físico e não físico, realidade, mítica e subjetividade. “O termo “cosmopercepção” é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais” (OYĒWÙMÍ, 2022, p. 3).

A **cosmovisão não é única ou exclusiva**, existem diferentes formas de enxergar, sentir e perceber o mundo e as relações. Ao tratar-se da cosmovisão ou cosmopercepção africana não é diferente. Por isso é preciso destacar que serão abordadas algumas dessas percepções que evidenciam um pouco da filosofia e da cosmovisão / cosmopercepção africana.

O termo cosmovisão é utilizado para referir-se aos aspectos mais gerais, mas você conhecerá alguns outros termos que remetem a elementos específicos da filosofia e a forma de compreender o mundo dos povos africanos. A cosmovisão africana é calcada em três elementos basilares:





O continente africano é imenso, diverso e compreende variados povos com diferentes concepções.

A cosmovisão africana e a religiosidade

Antes de começar, é importante conceituar os termos **religião** e **religiosidade**. Quando nos referimos a **religião***, é válido destacar que trata-se de um sistema organizado de crenças, práticas, rituais, cultos e valores que geralmente envolve divindades ou entidades espirituais. É estruturada em sua base por fieis e seguidores que compartilham das mesmas crenças e práticas.

Já o termo **religiosidade***, refere-se à expressão individual de fé, espiritualidade e devoção a uma divindade ou ao transcendental. Em outras palavras, é como uma pessoa vive e expressa sua fé.

A cosmovisão africana desempenha um papel fundamental na religiosidade do continente, moldando as crenças, práticas espirituais e valores das comunidades africanas ao longo de milênios. É importante ressaltar que a África é um continente vasto e diverso, com inúmeras culturas e tradições

*Fonte: Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica / Allan Johnson. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

religiosas diferentes. Portanto, uma única descrição não pode abranger todas as nuances das cosmovisões africanas na religiosidade. No entanto, podemos destacar alguns elementos comuns que caracterizam essa rica tradição espiritual.

Conexão com a natureza



Muitas cosmovisões africanas possuem profunda ligação com a natureza. Elementos como a terra, os rios, as árvores e os animais são frequentemente vistos como manifestações de forças espirituais. O culto à natureza é parte integral para essas crenças e, a harmonia com o ambiente natural é fundamental para a vida espiritual.

Ancestralidade

A crença na importância dos ancestrais é uma característica comum das religiões africanas. Acredita-se que os espíritos dos antepassados desempenham um papel ativo na vida cotidiana das comunidades. Eles são honrados e consultados por orientação e proteção.



Espiritualidade coletiva

As cosmovisões africanas frequentemente enfatizam a importância da comunidade e da coletividade. As práticas espirituais muitas vezes envolvem rituais comunitários, danças, músicas e festivais que reforçam os laços sociais e afetivos na comunidade.



Dualidade e equilíbrio

Muitas religiões africanas têm uma visão dualista do mundo, onde forças opostas, como luz e escuridão, bem e mal, estão em constante equilíbrio. A manutenção desse equilíbrio é crucial para a harmonia na vida cotidiana e nas práticas espirituais.



Xamanismo e cura espiritual



Xamãs e curandeiros desempenham um papel importante nas tradições africanas, atuando como mediadores entre o mundo espiritual e o mundo terreno. Eles são responsáveis por curar doenças físicas e espirituais e também, realizar rituais de adivinhação.

Mitologia africana

As cosmogonias* africanas, como descrito na atividade, são ricas em mitos e lendas que explicam a criação do mundo, a origem da humanidade, o papel dos deuses e espíritos. Essas histórias desempenham um papel fundamental na transmissão de valores e crenças espirituais.



Sincretismo religioso

Em muitas partes da África, as cosmovisões tradicionais foram influenciadas pela chegada do cristianismo, do islamismo e de outras religiões. Isto resultou no sincretismo religioso, onde elementos da tradição africana se fundiram com outros elementos trazidos através das diásporas.

É necessário destacar que as cosmovisões africanas na religiosidade são diversas e complexas, variando de uma região para outra. Além disso, essas tradições têm sido historicamente marginalizadas e estigmatizadas, o que levou a esforços de preservação e resgate de suas práticas e conhecimentos espirituais.

Relações sociais, comunidade e território

[...] na África, a felicidade é concebida como aquilo que faz bem a toda coletividade ou ao outro (Malomalo, 2010).

A concepção africana do mundo é antropocêntrica, onde o divino manifesta-se no humano. Dentro da ética Ubuntu, a responsabilidade pela manutenção do equilíbrio planetário é do ser humano, e este humano sabe que não é o centro do mundo e que nem tudo depende de sua vontade individual.

**Antropocentrismo
“relativista”**

A democracia participativa é tida como um valor de irmandade planetária, assim na comunidade todos precisam ser ouvidos, independentemente do campo profissional, do gênero ou da vertente política. Outro valor vivenciado, é a solidariedade, compreendida como importante conexão comunitária que serve para a convivência harmoniosa ou para o combate.

Minha roça, é roça de todo mundo

Na comunidade, a terra e tudo o que nela se produz é de uso de todas as pessoas. Desta maneira, as necessidades são providas e a consciência de que não deve existir prática individualista é fortalecida, além disso, se mantêm uma relação de contraposição ao desperdício e ao acúmulo.

Família

A vida e a família estão profundamente imbricadas na comunidade. **A família é o centro de todas as coisas.**

Viver em família está relacionado aos valores que são aplicados coletivamente em busca da proteção de um para com o outro. A lógica familiar está fundamentada na existência coletiva e espiritualizada, o que garante que cada indivíduo tenha uma identidade pessoal estruturada em noções de responsabilidade comunitária.

A referência que identifica uma estrutura familiar não é a presença de pais, avós, primos, (na ocorrência de situações adversas estes papéis podem ser realocados para madrinhas ou tios de consideração) mas sim, o modo de interagir com os valores que a comunidade carrega.

Cultura matrilinear

A mulher possui um papel central na organização familiar e a ascendência materna é compreendida como a mais importante, ou seja, os filhos pertencem à linhagem da mãe. As bases educacionais, sociais e religiosas são transmitidas por meio da herança materna, dando à mulher a responsabilidade e o direito de ser não apenas a genitora, mas sobretudo a que provê o conhecimento sobre a ancestralidade.

Da Ancestralidade ao Afrofuturismo

A ancestralidade consiste na valorização de quem se é, na compreensão do presente, e na construção do futuro. Reconhecer a importância da ancestralidade possibilita saber de onde se veio e como chegou ao presente. Portanto, pensar na ancestralidade é imergir nos aspectos religiosos, filosóficos, culturais, históricos e biológicos que se tentou apagar. Compreender a ancestralidade é mais do que saber de onde vieram os antepassados, é descobrir as identidades que foram desfiguradas durante anos de história que ajudaram na construção de uma identidade deturpada do que se é.





Sankofa simboliza essa reflexão: um pássaro que olha para trás e, busca uma pedra. Pedra que significa a ancestralidade, a busca de conhecimentos passados para ressignificar o presente e o futuro.

Pensar em ancestralidade, por vezes, liga-se à configuração genética da existência de um ser anterior que deu origem a outro. Ancestral ligado ao primitivo. No entanto, a **ancestralidade** compreendida pela cosmovisão africana, relaciona-se com o pluralismo.

A ancestralidade africana não se define por vertente única, já que se compõem pela comunhão do eu com o nós, dentro das diversidades e, se configura no bem viver de todos. Nesse sentido, a solidariedade, a felicidade e a harmonia entre os seres humanos é considerada como ética coletiva em que as pessoas são ligadas a natureza, as divindades, tudo se relaciona e todos devem ser respeitados.

Para compreensão da ancestralidade na perspectiva filosófica é necessário entender qual o papel do epistemicídio na história negra. O colonizador ao desconsiderar a humanidade, as vivências, crenças, visão de mundo, costumes dos negros sequestrados da África, não apenas lhe impôs violência físicas, mas matou os conhecimentos de um povo. Ao dispersar os escravizados, quebrando seus vínculos, não reconhecendo seus saberes, tratando-os como inferiores e objetificando-os, afastou-os de sua ancestralidade. Contudo, os navios transportavam mais que escravizados, junto a eles vinham seus deuses, línguas e histórias, que foram utilizados como fonte de resistência.

O **baobá** tem grande significado para os africanos, para algumas comunidades africanas é sua própria identidade social, onde suas raízes representam os ancestrais e memórias da comunidade, e seu tronco suas crianças e jovens. Sendo a própria ligação do ser com o mundo. E esse significado foi utilizado pelos colonizadores como uma forma de forçar os escravizados a quebrarem o vínculo com seu povo. Antes de entrarem nos navios os escravizados eram obrigados a circundar o tronco do **baobá**, o que significava renegar suas origens, ou seja, romper com sua essência. Afinal, nada nos costumes africanos é feito sem uma lógica, tudo tem seu simbolismo, uma representação.



O livro *O Pequeno Príncipe Preto* de Rodrigo França, traz em sua história uma concepção decolonial do Baobá, um contraponto à perspectiva eurocêntrica difundida no livro *Pequeno Príncipe* que retrata o Baobá como uma erva daninha, uma semente ruim que deve ser arrancada. O autor Rodrigo França resgata a relação entre a árvore e a ancestralidade, destacando a importância do Baobá e sua simbologia para o povo africano. Vale a pena conhecer!



“O futuro é ancestral!”

O Movimento Afrofuturismo compreende a existência negra ligada ao tempo futuro.

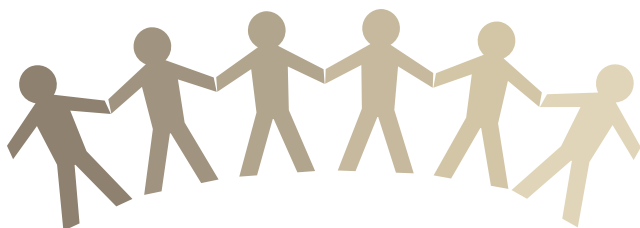
Segundo a filósofa africana Marimba Ani, o povo negro sobreviveu por séculos o holocausto e resistiu, sendo necessário agora pensar a existência de pessoas negras vivas no futuro, percepção distópica, visto que, o extermínio dessa população era certo.

Conectar-se com a ancestralidade implica entender o papel da cultura africana na nossa construção identitária de quem éramos, somos e seremos no futuro.



O Epistemicídio da filosofia africana

O epistemicídio promovido pela colonização que apagou e invisibilizou o conhecimento e as contribuições culturais dos povos africanos e implicou na consequente cristalização da hegemonia dos saberes eurocêntricos, cristãos e patriarcais.



Você conhece as obras da autora Lu Ain-Zaila? Já ouviu falar sobre ela? Também conhecida como Luciene, Lu é escritora afrofuturista/sankofista, ativista social e pedagoga, foi a primeira mulher brasileira a publicar uma obra afrofuturista, a duologia Brasil 2408, composta pelas obras (In)Verdades e (R)Evolução (2016-2017).

A autora insere em suas obras todas as suas referências afrofuturísticas, incluindo os saberes ancestrais africanos, seja como tema central das narrativas ou de maneira sutil, apresentando-os de forma que mesmo os leitores que nunca ouviram falar sobre o tema possam compreender suas histórias.



Fonte: Literafro, 2020

A filosofia africana também sofreu esse apagamento como é possível observar no vídeo Os gregos não inventaram a Filosofia do Prof. Dr. Renato Nogueira do Departamento de Educação e Sociedade (DES) que pode ser acessado pelo QR Code.



É importante conhecer e dar visibilidade a aspectos da cosmovisão e filosofia africana, provocar a reflexão sobre a riqueza destes saberes até para que se possa identificar a diversidade de formas de se perceber, sentir e viver no mundo. Formas específicas de compreender as

relações com a natureza, com a ancestralidade e a comunidade. Djamila Ribeiro em seu livro Lugar de Fala, aborda a relação entre a liberdade discursiva e as estruturas de poder. Quais vozes são valorizadas e quais são silenciadas?

Vozes expressivas



Neste espaço destacamos intelectuais negros que trouxeram grandes contribuições acerca das reflexões sobre as questões étnico-raciais, dessa vez, você conhecerá ou saberá um pouco mais sobre **Djamila Ribeiro**, uma das principais ativistas na causa feminista da mulher negra.



Djamila Ribeiro

Uma das principais vozes brasileiras no combate ao racismo e ao feminicídio. Natural de Santos, São Paulo, Djamila Taís Ribeiro dos Santos é graduada em Filosofia e mestre em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo. Ativista nas questões étnico-raciais, possui diversas obras que colaboram efetivamente com reflexões acerca do empoderamento e feminismo da mulher negra.


Ao longo de sua carreira, recebeu diversas premiações, em 2019, foi reconhecida como uma das 100 pessoas mais influentes do mundo abaixo de 40 anos, segundo a ONU. Em 2020, ganhou o Prêmio Jabuti, o mais importante do meio literário brasileiro, na categoria Ciências Humanas, pela obra *Pequeno Manual Antirracista*. Em 2021, foi a primeira pessoa brasileira da história a ser homenageada pelo BET Awards, concedido pela comunidade negra estadunidense. Em 2023 recebeu o Prêmio Franco-Alemão de Direitos Humanos.

O primeiro ponto a entender é que para falar de racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural. É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências. Deve-se pensar como esse sistema beneficiando economicamente por toda história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas. (Ribeiro, 2019, p. 5).


Produção do CEMEAD destinada a atividade 05 do curso: *Jisike: Educação Antirracista, nossa luta inscrita no corpo* – Guarulhos, 20 de setembro de 2023.



Observe os Saberes e as Aprendizagens que estão elencados no Quadro de Saberes Necessários (2019) e que contemplam a Educação Antirracista na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos.

PROPOSTA CURRICULAR  QSN QUADRO DE SABERES NECESSÁRIOS EDUCAÇÃO INFANTIL	ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES		
	BEBÊS	CRIANÇAS BEM PEQUENAS	CRIANÇAS PEQUENAS
	SABER: Ampliar o conhecimento de mundo e desenvolver atitudes de respeito e responsabilidade sobre ele e seus elementos.		
Explorar e apreciar elementos da cultura local e de outras culturas . 🙌🙌	Apreciar e familiarizar-se com costumes, hábitos, práticas e histórias da cultura local e de outras culturas . 🙌🙌		

PROPOSTA CURRICULAR  QSN QUADRO DE SABERES NECESSÁRIOS ENSINO FUNDAMENTAL	ARTES VISUAIS			
	1º E 2º ANOS	2º E 3º ANOS	3º E 4º ANOS	4º E 5º ANOS
	SABER: Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais, do clássico ao contemporâneo, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.			
Acessar, identificar e apreciar as diversidades nas artes visuais, contemplando as produções indígenas, americanas, africanas , europeias, asiáticas, e de diferentes épocas, cultivando a percepção, o imaginário, a simbolização e o repertório imagético.				

PROPOSTA CURRICULAR  QSN QUADRO DE SABERES NECESSÁRIOS EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	ANÁLISE LINGUÍSTICA/SEMIÓTICA	
	CICLO I	CICLO II
	SABER: Reconhecer e compreender as diversas literaturas, valorizando sobretudo a indígena, a africana e a brasileira.	
Reconhecer e compreender as diversas literaturas, valorizando sobretudo a indígena, a africana e a brasileira.	Reconhecer, compreender, contextualizar e analisar as diversas literaturas, valorizando sobretudo a indígena, a africana e a brasileira.	

Cá entre nós / Papo Reto



Você já conhecia a cosmovisão / cosmopercepção africana? Já tinha pensado na complexidade da ética Ubuntu? Quando não se conhece um assunto com profundidade e parte-se do senso comum tende-se a minimizar e simplificar conceitos que são muito importantes.

O **epistemicídio** a que esses saberes foram submetidos dificulta o acesso ao conhecimento ancestral e filosófico do povo africano e ao mesmo tempo desconsidera suas inovações e sua visão de futuro. A escola tem um papel fundamental em dar visibilidade a esses saberes e desconstruir a ideia de filosofia e cosmovisão universal, hegemônica. Existem muitas outras maneiras de perceber e compreender o mundo. Agora cabe a reflexão, a prática docente desvela esses conhecimentos ou contribui para o seu epistemicídio?

Inspirações Pedagógicas

As professoras Karla Monteiro Paranhos da EM Deodoro, no Rio de Janeiro e a especialista em estudos africanos e afro-brasileiros, Rosa Margarida de Carvalho Rocha, ampliaram discussões acerca da temática antirracista nas diversas áreas do conhecimento, com o objetivo de fortalecer e valorizar a cultura, as diversidades e as contribuições históricas dos negros ao longo do tempo. Acesse o QR Code e conheça:



E agora, gestor?

Este é um espaço para falarmos sobre gestão escolar!

Mas qual a relação do epistemicídio com a gestão escolar?



A conexão está na ação reflexiva sobre como os saberes ancestrais negros estão presentes no currículo desenvolvido na escola.

Sim, os esforços de enfrentamentos e resistências referentes ao epistemicídio, também se concentram no acesso ao currículo **decolonial!**

Currículo é uma questão de saber e de relação de poder. É lugar de disputa (Silva, 2002).

É preciso analisar e questionar o caráter histórico que fundamenta o currículo e que é oferecido aos educandos. É preciso insistir na realização da leitura crítica sobre o caráter cultural e discursivo que permeia os instrumentos que materializam o currículo.

Pense sobre isso, na escola em que você atua como gestor, as narrativas presentes no currículo, reforçam as marcas da herança colonial ou centram-se na diversidade, na representatividade, deslocando os sujeitos negros para um lugar de visibilidade e protagonismo histórico?

É importante conhecer e dar visibilidade a aspectos da cosmovisão e filosofia africana, provocar a reflexão sobre a riqueza destes saberes até para que se possa **identificar a diversidade de formas de se perceber, sentir e viver no mundo**. Formas específicas de compreender as relações com a religiosidade, com a ancestralidade e a comunidade.

Fique ligado!



Você já deve ter ouvido falar sobre o termo “Ubuntu”, mas sabe o que ele significa e qual sua relação com a cosmovisão africana? Assista ao vídeo: *Ética Ubuntu e conheça melhor o significado do Ubuntu para o povo africano*.



Mate Masie / Aya - Conhecimento e Resistência: O Movimento Negro Como Agente Pedagógico

O Movimento Negro foi protagonista de grandes mobilizações e conquistas ao longo da história. É notória a importância de suas lutas e seus êxitos em prol da emancipação social e pela democracia. **Mas você já pensou no Movimento Negro enquanto agente pedagógico, movimento educador?**

A professora Nilma Lino Gomes (2017) nos provoca a pensar:



O que a Pedagogia e as práticas pedagógicas poderiam aprender com o **Movimento Negro** enquanto produtor de saberes e sistematizador de conhecimentos sobre a questão racial no Brasil?

O Movimento Negro representa a trajetória e resistência de negros e negras que lutaram e lutam pela igualdade racial, superação do racismo e emancipação social. Os conhecimentos transformados em reivindicações, em políticas de Estado, em práticas sociais, podem e devem ser incluídos no pensamento educacional, visto que a Pedagogia que se projeta emancipatória está sempre aberta para novas reflexões.



O Movimento Negro e a Ditadura Militar

O golpe de 1964, tentou arrefecer e desarticular vários do Movimentos Sociais, inclusive o Movimento Negro, não apenas por meio da repressão e da perseguição aos seus membros, mas por ações voltadas a legitimar a ideia de harmonia racial. O **mito da democracia racial** foi amplamente propagado pela publicidade do governo, nos livros didáticos e manuais de professores que apresentavam uma romantização da escravização e da miscigenação. É possível observar essa manipulação no trecho do Guia de Civismo, manual destinado aos professores de Educação Moral e Cívica do ensino médio:

Não podendo submeter os silvícolas, os portugueses começaram a trazer, em navios negreiros, da África, gente afeita ao clima quente, ao sol dos trópicos, a fim de labutar na lavoura. começou uma nova espécie de miscigenação: a da raça africana, preta, já que os lusos se tinham misturado, através de ligações mais ou menos ligeiras, com as filhas nativas do país. Nos engenhos, nas fazendas e senzalas, o sangue português se mesclava ao sangue africano, enquanto nas selvas se misturava ao sangue tapuia, ao tupi, ao nuaruaque. (Valle, 1971, p. 60).

Essa tentativa de justificar e suavizar as atrocidades ocorridas ao longo da história, deslegitimando a luta do povo negro por liberdade e justiça, apagando suas conquistas e tratando Palmares como um caso isolado, era recorrente à época e toda e qualquer manifestação contrária era vista como insurgência, obstáculos à integração nacional, ameaças à paz social, podendo ser motivo de prisão.

Vale lembrar que a ditadura militar brasileira retomou a ideologia da “democracia racial” como um de seus eixos de integração nacional autoritária. Para a ditadura e seus ideólogos, a racialização das desigualdades no Brasil e as pautas do movimento negro eram antipatrióticas, imitação superficial e descontextualizada do movimento negro estadunidense. Afirmava-se que aqui não existia racismo. Portanto, o surgimento de uma “consciência negra”, expressa num grupo [...] que não media as palavras para denunciar o racismo explícito e oculto da sociedade brasileira, era um duplo desafio para a ditadura antirracista e anticomunista (Memórias da ditadura, sd).

O Movimento Negro, militantes e intelectuais utilizaram o meio cultural para expor e protestar contra o racismo, a desigualdade e a violência sofrida pelos negros e negras nesse período. Intelectuais como Florestan Fernandes e Joel Rufino dos Santos teceram críticas ao mito da democracia racial, refletindo sobre a forma como se deu a abolição inacabada e a integração dos negros à sociedade urbana e industrial, mantendo a dupla exclusão, social e racial.

A imprensa negra, mesmo antes do período da ditadura, foi muito importante ao romper com o imaginário racista que, baseado no racismo científico, considerava o povo negro inferior intelectualmente.

Jornais como: Cruzada Cultural, A Voz da Raça, Tribuna Negra, O Novo Horizonte, e outros que compunham a imprensa negra paulista, foram grandes produtores e veiculadores de conhecimentos emancipatórios acerca da raça e a situação de vida do povo negro.



*Imagem Google

Foram também espaços de reivindicação e luta por demandas da população negra como acesso à educação e valorização da cultura afro-brasileira. No final do século XIX e início do século XX, os jornais informavam e politizavam a população negra sobre os rumos da construção de sua integração na sociedade.

As escolas de samba, tornaram-se locais de articulação e valorização das raízes e cultura negras e africanas. E passaram a ser censuradas e perseguidas. Reforçou-se a tentativa de afastá-las da cultura negra e torná-las uma manifestação da cultura nacional, de todo o povo brasileiro. Exponentes da *Black Music* como Tim Maia e Toni Tornado também abordaram explicitamente a luta contra o racismo e a discriminação. Em 1974, o bloco *Ilê Aiyê* celebrou o carnaval em Salvador cantando *É o Mundo Negro que viemos mostrar a você*.

Em 1970 o Movimento Negro ressurgiu de forma articulada e politizada. Em 1978, como visto na sensibilização, com a fundação do **Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial** (MNU), a questão racial ganha ainda mais força por meio do protagonismo de militantes negros de formação universitária.



Fonte: Movimento Negro Unificado

A fundação do MNU reuniu 2 mil pessoas em um ato público realizado no dia 7 de julho de 1978 nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo em resposta à ocorrência de violência policial contra negros e à discriminação sofrida por quatro atletas negros em um clube esportivo de São Paulo. Em seu 1º congresso, realizado em dezembro de 1979 no Rio de Janeiro, o movimento se estrutura nacionalmente e propõe apoio a candidatos em futuras eleições parlamentares. O Programa de Ação do MNU, composto por 16 itens, reivindicava, entre outras coisas, a realização de uma reforma agrária, proteção dos acampamentos dos sem-terra, uma reforma geral do ensino e o direito à sindicalização dos trabalhadores.

O Segundo congresso do MNU foi realizado em Belo Horizonte em 1980 e priorizou a denúncia contra a violência policial e o desemprego. Além disso, o Movimento Negro Unificado abarcou a luta das mulheres negras que sofrem com o racismo e o machismo. A ideia de raízes africanas, o Pan-Africanismo e a necessidade de conectar-se com outros movimentos negros deram o tom da luta do MNU nas décadas de 70 e 80.

Teatro Experimental do Negro

A arte foi amplamente utilizada como ferramenta de luta e mobilização e o Teatro Experimental do Negro (TEN) constitui-se um espaço de formação, articulação e construção de saberes extremamente rico.



Fonte: Fundação Palmares



Ruth de Souza e Abdias do Nascimento em Oteló, no Festival Shakespeare. Teatro Fênix (RJ), 1949

Idealizado por Abdias do Nascimento, o projeto tinha o **objetivo de opor-se à discriminação racial**, valorizar a cultura afro-brasileira e formar atores e dramaturgos negros. De acordo com Nilma Lino Gomes (2017), a educação era uma grande preocupação do TEN e a reivindicação do ensino gratuito para

todas as crianças, o incentivo governamental para a admissão de estudantes negros nas escolas secundárias e nas universidades, o combate ao racismo por meio da cultura, da instrução e da evidenciação do protagonismo do negro no decorrer da história eram elementos importantes do seu programa educacional. Além disso, o TEN, alfabetizou seus primeiros participantes e incentivou uma mudança de atitude com maior criticidade e questionamentos sobre a forma como a população negra era vista e o espaço que ocupava no cenário nacional. Nilma destaca ainda que o Teatro Experimental do Negro “deixou herdeiros e saberes” já que a luta pelo protagonismo e representatividade de negros e negras na cena artística e cultural, na literatura e na mídia permanece até os dias atuais.

Movimento Negro Brasileiro como agente político

Cada vez mais a realidade mostra que a luta contra o racismo deve acontecer de forma articulada, solidária, politizada. O enfrentamento às desigualdades raciais, precisa ser uma construção conjunta entre os diferentes setores da sociedade. Esta coletividade possibilita a construção de diferentes demandas e o efetivo desdobramento de ações nas esferas populares, sociais e políticas. Neste cenário, o Movimento Negro é entendido como agente político, por sua trajetória histórica na luta por uma sociedade democrática, mais justa e igualitária, onde todos sejam reconhecidos em suas diferenças e tratados igualmente em seus direitos.

Aqui, se torna necessário dizer que Movimento Negro enquanto agente político, é integrado por **pessoas negras politicamente posicionadas na luta contra o racismo**, que se organizam e se articulam de diferentes formas em grupos acadêmicos, culturais, religiosos, políticos e artísticos.



Raça
Potência de
emancipação

O Movimento Negro estabelece a ideia de raça como construção social e evidencia como ocorre sua atuação na construção de identidades étnico-raciais.

Especificamente no Brasil, ressignifica e politiza a raça afirmativamente, dando-lhe um trato **emancipatório e não inferiorizante**.

Ao politizar e estabelecer uma visão emancipatória sobre a ideia de raça, o Movimento Negro torna possível visualizar as relações de poder que envolvem a construção social de raça e rompe com a negativa naturalização sobre a história, cultura, práticas e conhecimentos dos negros.

Ao ressignificar a raça, esse movimento social indaga a própria história do Brasil e da população negra em nosso país, constrói novos enunciados e instrumentos teóricos, ideológicos, políticos e analíticos [...] Além disso, dá outra visibilidade à questão étnico-racial, interpretando-a como trunfo, e não como empecilho [...] (Gomes, 2017, p. 21).

O Movimento Negro trouxe o debate sobre o racismo para as esferas públicas e questionou o comprometimento político com a superação das desigualdades raciais. Este ato de coragem e enfrentamento colocou este movimento social em lugar legítimo de **existência afirmativa** no Brasil.

O **Movimento Negro** denunciou a ausência de pessoas negras nos cursos superiores brasileiros, dando início às lutas pelas políticas de ações afirmativas no Brasil.

Normas regulamentadas pelo Estado brasileiro para promoção de ações afirmativas:* Lei 10.639/03 estabelece a obrigatoriedade no currículo oficial o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira; Lei 11.096/05, regula o Programa Universidade Para Todos (PROUNI); Lei 12.288/10, institui o Estatuto da Igualdade Racial; Lei 12.711/12, regulamenta o sistema de cotas;

Compreender que o Movimento Negro tem caráter **emancipatório, reivindicativo e afirmativo** é essencial para o entendimento de seu papel enquanto **agente político**.

Educação espaço de intervenção e emancipação social

A educação foi sistematicamente um direito social negado aos negros e as negras brasileiras. Para superar esta invisibilização histórica de um coletivo étnico-racial o Movimento Negro elegeu a educação como campo de combate, enfrentamento e superação do racismo.

A Educação não é um campo fixo e nem somente conservadora. Se configura como um espaço-tempo inquieto, indagador e indagado pelos coletivos sociais diversos (Gomes, 2017, p.25).

Para provocar a reflexão sobre as ações, denúncias e conquistas do Movimento Negro enquanto agente político em prol do campo educacional, destacamos

cronologicamente algumas ações consideradas centrais:

1. Pós-abolição da escravatura em 1888 e Proclamação da República em 1889

Deixar de ser marcado socialmente como “ex-escravo”, vivenciar a cidadania e ter acesso aos direitos de modo igualitário era um sonho perseguido pela população negra. As reivindicações feitas pelos setores organizados tomavam como ação prioritária, o direito à educação, pois o analfabetismo e a vagarosa inserção das pessoas negras nas escolas se constituíam como principal impedimento para inserção no mercado de trabalho.

2. Início do século XX

A inclusão da população negra nas escolas públicas aparecia nos debates, nos fóruns decisivos da política educacional. Na tramitação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Lei 4024/61, o termo raça chegou a constar no texto legal, porém, a discussão ficou apenas como recurso discursivo nos ideais universalistas de uma educação para todos. Embora a raça e a classe social fossem fatores de diferenciação no processo de escolaridade, nos documentos oficiais não constava explicitamente se a população negra teria acesso a escola pública e gratuita. Com a instauração da ditadura militar e da Lei 5.692/71, a questão racial perdeu lugar nos princípios que fundamentavam a educação nacional. Após intensas lutas do Movimento Negro, a centralidade das questões raciais foi retomada com a nova LDB - Lei 9394/96 com a conquista histórica que culminou com a inclusão

dos artigos 26-A e 79-B pela Lei 10.639/03.

3. Década de 1980

Nesta década o discurso do Movimento Negro referente à educação era mais universalista, porém o movimento constatou que as políticas públicas de educação não atendiam a população negra, assim suas reivindicações tornaram-se mais específicas. Foi nesse momento que as ações afirmativas passaram a ser uma demanda reivindicativa.

4. Década de 1990

Em um período de efervescência política no país, os movimentos sociais estavam em busca da reconstrução do Estado democrático de direitos. A raça em centralidade social e política, ganhou releitura e ressignificação emancipatória pelo Movimento Negro, que neste cenário extrapolou os coletivos de militância e conquistou espaços de pesquisas científicas e acadêmicas.

Entre as diversas ações destaca-se a “Marcha Nacional Zumbi dos Palmares contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida”, em Brasília, no dia 20 de novembro e a entrega do “Programa para superação do racismo e da desigualdade étnico-racial”, ao presidente da república.

5. A partir dos anos 2000

Fato marcante foi a participação do Movimento Negro na “III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância”, promovida pelas Organizações das

Nações Unidas - ONU, em 31 de agosto de 2001, em Durban, África do Sul, onde o Estado brasileiro reconheceu internacionalmente a existência do racismo no Brasil e se comprometeu com a superação por meio de ações afirmativas na educação e no trabalho.

Em 2003 uma demanda educacional que o Movimento Negro reivindicava há décadas foi contemplada: **a Lei 10639/03 foi sancionada tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas públicas e privadas.**

Estas ações evidenciam o legítimo papel de agente político do Movimento Negro e descrevem sua ativa atuação por meio de diferentes esferas, entre elas a política e em especial a educação. Por seu caráter emancipatório, reivindicativo e afirmativo, em sua pauta principal estão lutas, conquistas históricas e o alcance de direitos negados às pessoas negras.

Movimento Negro e seus saberes

Nilma Lino Gomes, destaca que o Movimento Negro traz consigo a busca pela transformação da realidade do cenário étnico-racial. Nesse sentido, ao se falar em agente educador, refere-se à **construção de saberes oportunizada por reflexões do próprio Movimento.** Gomes (2017), classifica esses saberes como conjuntos de conhecimentos, experiências e perspectivas que desempenham um papel fundamental na conscientização e na promoção da igualdade racial, entre eles estão: **os saberes identitários, políticos e estéticos/corpóreos.**

Movimento Negro e seus saberes

Identitários

Estes saberes referem-se ao conhecimento construído a partir das experiências, identidades e culturas de grupos historicamente marginalizados, como afrodescendentes e indígenas, assim como, destaca a importância de reconhecer e valorizar a diversidade cultural e étnica que envolve o reconhecimento das diversas formas de pertencimento, como raça, etnia, gênero, classe social, orientação sexual, entre outros, e como essas identidades influenciam a experiência e a trajetória de vida de cada pessoa.

Políticos

Os saberes políticos envolvem a capacidade de analisar as estruturas de poder, as políticas públicas, as questões de gênero, raça, classe e outras dimensões da desigualdade, bem como a participação ativa na vida política e social, contribuindo para transformações e mudanças sociais que promovam a equidade e a inclusão. Em outras palavras, estes saberes referem-se ao conhecimento e à consciência das dinâmicas políticas, sociais e culturais que afetam os indivíduos e os grupos em uma sociedade.

Corpóreos/estéticos

Estes saberes referem-se ao corpo em movimento, suas potencialidades, simbolismos, representações, ao conhecimento e à compreensão das dimensões físicas e estéticas da identidade e da cultura de um grupo social ou de um indivíduo. É a apreciação e valorização da expressão corporal das tradições e dos símbolos que constituem parte essencial da identidade de um povo ou de uma comunidade.

*Fonte: GOMES, Nilma Lino. Movimento negro, saberes e a tensão regulação-emancipação do corpo e da corporeidade negra. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n. 2, p. 37-60.



Um dos agentes multiplicadores desses saberes foi Abdias do Nascimento, intelectual brasileiro, foi deputado, senador e há mais de 4 décadas já apresentava projetos de Lei para a implementação de cotas e ações afirmativas na educação, mercado de trabalho e todos os setores do serviço público. Grande defensor dos direitos cívicos e humanos da população negra, foi um dos fundadores do Movimento Negro Unificado e do Teatro Experimental do Negro, o TEN.

Movimento Negro

Construção de conhecimentos sobre:

- cultura afro-brasileira,
- resistência histórica,
- educação étnico-racial,
- políticas afirmativas,
- promoção da igualdade racial.

Cá entre nós / Papo Reto

Você já tinha pensado no Movimento Negro enquanto agente pedagógico? Consegue perceber os saberes produzidos pelas reflexões, demandas e conquistas do Movimento Negro? Em sua escolarização esses saberes estavam presentes? Você teve acesso a essa perspectiva da História?

É importante reconhecer o apagamento desse protagonismo e dessas conquistas e refletir sobre o

porquê dessa história não ser contada, o porquê desses saberes não estarem presentes na escola e como podemos transformar isso. Em uma perspectiva decolonial, é essencial dar visibilidade a esses saberes, aprender o quanto o Movimento Negro em suas décadas de existência e mobilização foi e é essencial para as conquistas alcançadas pelo povo negro, para a superação do apagamento de sua história, identidade e cultura e para a garantia dos direitos da população negra. Como a sua prática pode contribuir para isso?

E agora, gestor?

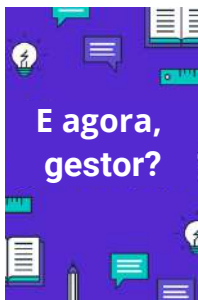
Este é um espaço para falarmos sobre gestão escolar!

O entendimento da escola como uma comunidade amorosa nos provoca a imaginar e produzir um currículo antirracista. Empretecer o currículo significa quebrar estereótipos e produzir outros imaginários sobre a população negra, seja brasileira ou afrodiáspórica. Se a representação negra no currículo tradicional é marcada pela vitimização, submissão, subalternização ou pela exotização dessa população, reforçadas pelas datas comemorativas, a Lei n. 10.639/2003 possibilita forjar outras representações emancipatórias. (Silva e Rosa, 2023, p.55, grifo nosso).

O perigo da história única

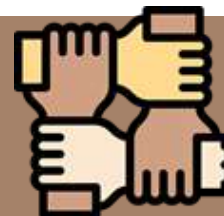
Escutar sensivelmente os diferentes grupos étnicos existentes na escola, não é uma tarefa fácil, já que historicamente o conhecimento não branco foi violentamente suprimido.



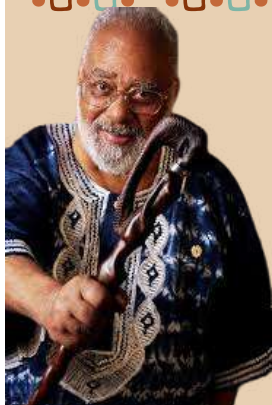


Especificamente no Brasil, os saberes dos povos pretos foram considerados como inapropriados e irrelevantes pelos colonizadores europeus e ainda hoje, continuam sendo invisibilizados pela colonialidade do currículo escolar. A história também foi escrita pelos negros! É necessário que a escola conte esta história. Empretecer o currículo significa quebrar estereótipos e produzir outros imaginários sobre a população negra, seja brasileira ou afrodiaspórica.

Vozes expressivas



Alguns intelectuais negros brasileiros, de forma efetiva, através de suas obras e ativismo, trouxeram inúmeras contribuições na luta antirracista em prol da igualdade racial. Atuante nas questões étnico-raciais e no enfrentamento do racismo e de suas vertentes, está, **Abdias do Nascimento**, uma das personalidades mais expressivas que buscava elucidar os mitos oriundos, acerca das relações étnico-raciais, desde o período escravocrata.



Abdias do Nascimento

Considerado um dos mais importantes intelectuais negros do Brasil, nasceu em Franca, São Paulo, no dia 14 de março de 1914. Foi poeta, ator, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras. Fundou entidades pioneiras, entre elas estão o Teatro Experimental do Negro (TEN), o Museu da Arte Negra (MAN) e Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO). Idealizador do Movimento Negro Unificado (MNU), atuou em movimentos nacionais e internacionais, como a Ação Integralista Brasileira (AIB) e a Frente Negra Brasileira. Recebeu os títulos de Professor Emérito da Universidade do Estado de Nova York em Buffalo, EUA, e Doutor Honoris Causa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1990) da Universidade Federal da Bahia (2000).

Em 2001, recebeu o prêmio “Herança Africana”, oferecido pelo Schomburg Center for Research in Black Culture, o prêmio UNESCO, categoria Direitos Humanos e Cultura da Paz e o prêmio “Cidadania Mundial”, oferecido pela Comunidade Baha’i do Brasil. Faleceu no dia 24 de março de 2011, aos 97 anos de idade e deixou várias obras e grandes contribuições que colaboram com a promoção da consciência sobre a história e a cultura afro-brasileira.

Como poderiam as ciências humanas, históricas – etnologia, economia, história, antropologia, sociologia, etc. – nascidas, cultivadas e definidas para povos e contextos socioeconômicos diferentes, prestar útil e eficaz colaboração ao conhecimento negro – sua realidade existencial, seus problemas e aspirações e projetos? Seria a ciência social elaborada na Europa ou nos Estados Unidos tão universal em sua aplicação? A raça negra conhece na própria carne a falaciosidade do universalismo e da isenção dessa “ciência”. Aliás, a ideia de uma ciência histórica pura e universal está ultrapassada. O conhecimento científico que os negros necessitam é aquele que os ajude a formular teoricamente – de forma sistemática e consistente – sua experiência de quase quinhentos anos de opressão (Nascimento, 1980, p. 261-262).

Produção do CEMEAD destinada a atividade 06 do curso: Jisike: Educação Antirracista, nossa luta inscrita no corpo – Guarulhos, 20 de setembro de 2023.

Sankofa: Educação Antirracista do apagamento ao reencontro

Reconhecendo a urgência de uma Educação Antirracista, que contemple a história, a cultura e os saberes dos povos africanos e afro-brasileiros na escola, surge o questionamento: **como os aspectos culturais e tradicionais dos povos africanos podem ser abordados e suas expressões estimuladas na escola, em conformidade com a Lei 10.639/03 e com uma concepção de Educação Antirracista?**

Para começar é necessário conhecer um pouco mais sobre essa história, compreender melhor os significados de alguns importantes aspectos dessa cultura.

Tranças: africanidades, resistência, negritude!

Uma trança, um penteado ou um turbante são encarados por muitos apenas como acessórios ou recursos estéticos, mas eles representam muito mais do que beleza e possuem muitos significados.

As tranças africanas entrelaçam o passado e o presente e são um meio de resistência dos negros e negras.



Tranças são referências étnicas e indicam as tradições centenárias dos povos pretos.

Os diferentes estilos de trançado feito nos cabelos, identificam características civis e sociais e revelam aspectos históricos que elevam as tranças a um patamar que ultrapassa o estético criativo e revela a força da cultura negra.



Tranças da liberdade

O conhecimento divulgado pela tradição oral conta que nos tempos da colonização, a coragem e a bravura das mulheres negras possibilitaram a criação de um refinado sistema de codificação com representação visual de mapas da liberdade que mostravam aos homens negros, caminhos que os tornavam livres da crueldade da escravização e da opressão imposta pelos colonizadores. As mulheres escravizadas eram obrigadas a caminharem de fazenda em fazenda para cumprirem árduas tarefas, então estrategicamente elas observavam os locais e memorizavam as rotas.

Estes caminhos eram reproduzidos no trançado dos cabelos das meninas, assim as tranças eram transformadas em um eficiente meio de comunicação sobre o trajeto que deveria ser utilizado como escape pelos homens escravizados.

Para planejar as fugas, as mulheres se reuniam em torno das cabeças das mais jovens, nas quais desenhavam seus mapas. Elas desenhavam com tranças, por exemplo, uma trança enrolada indicava uma montanha; aquelas que eram como cobras, sinuosas, indicavam que havia uma fonte de água, um riacho ou um rio; uma trança grossa indicava que naquela seção havia um destacamento de soldados (Valencia, 2023).

Os mapas desenhados com cabelos, traziam orientações geográficas que levavam os negros para os quilombos, espaços onde poderiam viver longe de seus opressores e subjulgadores.

Os homens 'liam' os códigos que elas usavam em seus penteados, desde a testa, que demarcava o local onde se encontravam, até a nuca, que representava a montanha, o local para onde deveriam ir em sua fuga (Vargas, 2003).

Os pontos de encontro eram marcados com várias tranças que indicavam diversos caminhos possíveis e que convergiam no mesmo local. Se o encontro ocorresse debaixo de uma árvore, o cabelo era trançado na vertical e para cima de modo que ficasse em pé, mas se o encontro fosse à margem de um rio, a trança era feita em direção a uma das orelhas. Para comunicar aos mais fortes a necessidade de protegerem os mais vulneráveis, as tranças eram feitas em espessuras diferentes.

Além disso, às vezes havia tranças de comprimentos diversificados, comunicando a grupos distintos até onde deveriam ir ao longo do caminho.



Fonte: Bibliotecas do Maranhão

As tranças simbolizavam a tradição, a cultura da mulher africana e traziam mensagens de esperança e liberdade.



Fonte: Bibliotecas do Maranhão



A beleza estética também era considerada. As tranças eram usadas como forma de proteção contra os danos causados pelo clima quente e seco de algumas regiões. O entrelaçamento mantinham os cabelos belos, saudáveis e hidratados.

Para conhecer um pouco mais sobre os significados das Tranças, assista ao vídeo abaixo: "Tranças e penteados no cabelo da mulher africana" acesse pelo QR Code.



Trançar cabelos: bem cultural do patrimônio afro-brasileiro

Cabelos trançados fazem parte das intervenções corporais estéticas da vida das pessoas negras. Adornar os cabelos com penteados trançados é uma prática que se repete de geração em geração como modo de cuidado estético e de identidade étnico-racial, geralmente aprendida no contexto familiar ou em outros espaços de sociabilidades negras.

As técnicas de entrelaçamento para cabelos foram apontadas pelo Movimento Negro como símbolos estéticos afirmativos de construção das identidades negras, e como parte da memória africana apresentada e traduzida nos corpos negros. Por serem significativas para os grupos negros e ocuparem lugar de destaque nos debates de formação identitária, as tranças (prática e técnicas) são denominadas como bem cultural do patrimônio imaterial afro-brasileiro.



Tipos de Tranças RELAÇÃO COM AS CIDADES DE ORIGEM



Tranças Nagô

Como o nome já sugere, esse penteado descende da cultura do povo Nagô (Iorubá), que levou essa tradição em sua diáspora como memória de seus ancestrais

Dreads

Originários do antigo Egito e popularizado pelos "rastas" na Jamaica, os dreads são um sinônimo de resistência.



Afro Bantu

O penteado Afro Bantu é uma herança da África subsaariana e carrega consigo o significado de realeza

Box Braids

Sendo em sua origem chamado de tranças soltas, as tranças Box Braids, assim como os dreads, tiveram origem na África e no antigo Egito.



Produção: Universidade Federal de Pelotas

Trançar os cabelos na cultura afro-brasileira são modos de criar sobre o corpo, fazer e reviver os cuidados ancestrais. Os cabelos nunca foram considerados como simples atributos da natureza para os povos africanos.

O seu significado social, estético e espiritual constitui um marco identitário que se tem mantido forte por milhões de anos. É o testemunho de que a resistência e a força das culturas africanas perduram até hoje entre nós através do simbolismo do cabelo (Gomes 2006, p.37).

Pensar nas tranças como prática cultural que representa um percurso histórico de lutas, contestações políticas, estética, estratégia de sobrevivência dos povos negros, é trazer visibilidade a todos os esforços e desafios enfrentados pela comunidade negra para manutenção do seu legado.

Trançadeira: ofício feminino negro

Adornar os cabelos com tranças é uma arte praticada por mulheres negras, que por meio de técnicas manipulam os fios com agilidade e destreza e produzem belezas com práticas ancestrais.

A linha tênue entre o entrelaçar das tranças do cabelo e o sentimento como autocuidado e a reconstrução da autoestima de pessoas racializadas é uma das principais missões de um trançista, que junto com seu trabalho carrega a essência de um passado de muita coragem (Rolim, 2021).

O ofício de trançadeira tem papel fundamental na constituição de imagens positivas sobre a estética corporal negra e na reconstrução da identidade auto afirmativa dos corpos negros.

Você sabia que os turbantes e os dreadlocks também possuem forte representação histórico- cultural?



DreadLocks: estilo, negritude e história reunidos em um penteado milenar.

Dreadlock ou lock-dread, rasta ou simplesmente dread. É preciso conhecer para romper com o estigma social que envolve este símbolo de resistência africana.

Acesse o QR Code e leia a matéria produzida pelo projeto Afreaka:



Turbante, um traço cultural que resistiu ao colonialismo e simboliza resgate da ancestralidade e conhecimento da negritude.



Ancestralidade e multiculturalidade

A Lei 10.639/03, veio para estreitar e resgatar os laços culturais entre o Brasil e o Continente africano, através da integração da história e cultura africana e afro-brasileira no currículo da Educação Básica, destacando a importância da multiculturalidade na formação dos educandos.

O **multiculturalismo** previsto na legislação, favorece a promoção da equidade social, valorizando outras culturas e colaborando também, com a desconstrução do etnocentrismo cultural que permeou por muito tempo na sociedade brasileira.

Inspirações Pedagógicas

Um exemplo da importância da ancestralidade e do multiculturalismo foi vivenciado pelos educandos da EPG Dorcelina de Oliveira Folador (2023), no desenvolvimento de um projeto intitulado **Dorcelina em Ação: 20 anos da Lei 10.639/03**, que tem como um dos seus objetivos principais, o desenvolvimento da consciência étnico-racial de toda a comunidade escolar, com enfoque no convívio com as diferenças e na equidade de direitos, por meio da discussão **antirracista**, enfatizando a formação identitária das crianças negras, a partir do respeito e da valorização cultural trazidas pelos povos africanos.

Durante o desenvolvimento do projeto, a escola e os educandos puderam contar com a visita inédita e ilustre do rei *Tchongolola Tchongonga-Ekuikui VI*, líder do maior grupo étnico de Angola, que dentre outras coisas, reforçou a importância da do resgate histórico-cultural e enfatizou que **sua vinda ao Brasil foi o cumprimento de um desejo dos ancestrais, que sonhavam em visitar seus filhos que foram retirados da África de uma maneira muito brutal e explicar que os negros escravizados trazidos para cá, não são filhos de escravos e sim, filhos de reis e rainhas da África.**



Fonte: Portal SE, 2023.



Para saber mais sobre a visita do rei em Guarulhos, acesse o QR Code e veja a reportagem completa.



Outro exemplo de **multiculturalismo** e **ancestralidade** foi vivenciado pelos educandos dos estágios II da Educação Infantil e dos 1º anos do Ensino Fundamental da EPG Patrícia Galvão - Pagú, ao receberem a visita da rainha do bloco afro Malê Debalê e mestra em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) Vania Oliveira, para uma roda de conversa sobre **Educação Antirracista**.



Fonte: Portal SE, 2023.

De acordo com Nilma Lino Gomes, os **saberes estético corpóreos** são partes fundamentais para a construção da identidade étnico-racial. Através da roda de conversa com a rainha Vânia, os educandos puderam experienciar momentos de descobertas culturais e corporais, além da possibilidade de ampliar suas potencialidades e simbolismos que possibilitam a interação com diversas culturas, o aprendizado, o respeito e a valorização das diferenças.

O que tudo isso tem a ver com a Lei 10.639/03 e com a escola?

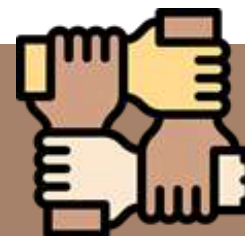
Não há ilusão de que apenas sete tópicos irão esgotar todas as discussões para implementação da Lei 10.639/03. Contudo, é certo que pode constituir-se num espaço para reflexão e que há caminhos para construção de uma Educação Antirracista.

O entendimento das temáticas propostas é de suma importância para possibilitar ações pedagógicas que promovam o combate ao racismo. Ações essas que auxiliem o desenvolvimento do respeito às diferenças e diversidades e valorização das culturas e histórias do povo negro.

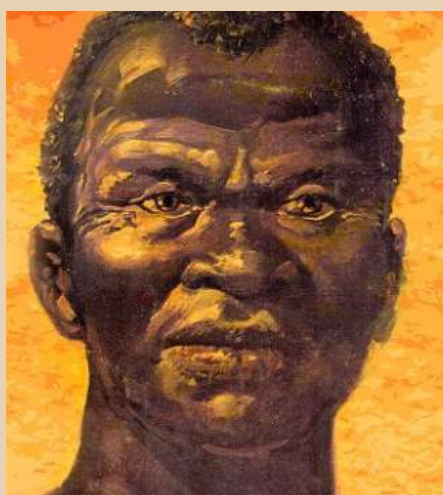
Trazer personalidades como o Rei Tchongolola Tchongonga-Ekuikui VI e apresentá-lo às crianças, possibilitando o diálogo entre os educandos e o líder do maior grupo étnico de Angola, conhecer um pouco de sua cultura, tradições e o idioma umbundu é abordar a ancestralidade, a filosofia e a história africana e afro-brasileira na escola, valorizar grandes personalidades negras, desmitificar a ideia de que negros e negras são descendentes de escravizados e mostrar que educandos negros e negras descendem de reis e rainhas negros e negras. No mesmo sentido, ao convidar a Rainha Vania Oliveira, ativista em experiência performática de Ensinagens Negras, especialista e mestra em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) para performar na escola junto aos educandos e mostrar um pouco da música e da dança afro, valoriza os **saberes estético corpóreos** do Movimento Negro e o protagonismo do povo negro em seus modos de expressão de sua cultura e arte.



Fonte: Portal SE, 2023.



No decorrer da revista, apresentamos personalidades negras que se destacaram na luta antirracista. Para finalizar, traremos um dos mais importantes personagens na luta antirracista e contra a escravização de pessoas em nosso país. **Zumbi dos Palmares**, um símbolo de força e resistência, um dos heróis nacionais.



*Ilustração de Zumbi dos Palmares

Zumbi dos Palmares

Nasceu em Palmares, Alagoas, no ano de 1655. Ícone da resistência negra à escravização, liderou o Quilombo dos Palmares, comunidade formada por pessoas negras escravizadas que conseguiram se desvencilhar dos maus tratos e dos trabalhos forçados nas fazendas no Brasil Colonial. Zumbi, ou Zambi, ganhou esse nome como referência a entidades espirituais. Sabe-se também que o nome Zumbi pode derivar de nzumbi, termo africano que significa fantasma. Suas habilidades e notoriedade geraram mitos em torno dele, pois alguns acreditavam que era imortal.

Embora tenha nascido livre, foi capturado aos sete anos de idade e entregue a um padre católico, do qual recebeu o batismo e o nome Francisco. Aprendeu a língua portuguesa, o latim, foi submetido à religião católica e ajudava diariamente na celebração das missas. Apesar destas tentativas de aculturá-lo, escapou em 1670 e, com quinze anos, retornou ao seu local de origem, onde se tornou conhecido pela sua destreza e astúcia na luta, pois era um estrategista militar respeitável, um guerreiro Jaga. Em 1695, foi vítima de uma emboscada que ocasionou sua morte, em forma de humilhação, teve sua mão cortada e sua cabeça foi decepada, salgada e levada para Recife, onde ficou em exposição em praça pública, para que o mito acerca de sua imortalidade fosse desmistificado. A morte de Zumbi aconteceu no dia 20 de novembro de 1695, no século XX, tornou-se um grande símbolo de resistência em determinados grupos políticos. Essa apropriação de sua história, fez com que o dia de sua morte fosse convertido no Dia da Consciência Negra.

Ao longo do curso, refletimos sobre as lutas, conquistas e contribuições do Movimento Negro na inserção do ensino da Cultura Africana e Afro-Brasileira no contexto educacional.

Com base nas considerações apresentadas, destacamos um trecho que está disponível no QSN (2019) e que reforça a importância de tais legislações e pareceres para um ensino pautado na Educação Antirracista:



Há ainda que se considerar as Diretrizes Nacionais para Educação das relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e africana (Parecer CNE/CP nº 3, de 10

de março de 2004), que discorrem, para além da efetivação da Lei 10.639/2003, sobre a notoriedade da construção das identidades positivas, em que se promove o pertencimento étnico-racial, seja ele qual for.

Também há que se levar em conta o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, o qual orienta os sistemas educacionais na efetivação de uma educação antirracista. “ (QSN, 2019, p. 32).

Cá entre nós/ Papo Reto

Após essa jornada formativa, você percebe possibilidades de superar os desafios destacados nas atividades ou ampliar os avanços já alcançados?

Percebe ações possíveis de serem realizadas no cotidiano escolar com o foco na formação de pessoas antirracistas? Consegue observar como as relações raciais são estabelecidas na escola e planejar intervenções e ações que potencializam a comunidade escolar?



Cristiane Inocêncio



Débora Philomeno



Daniel Alexandre



Raquel Carapello



Angélica Oliveira



Lilian Negreiros

E agora, gestor?

Este é um espaço para falarmos sobre gestão escolar!

Você já pensou em como a sua prática gestora deixa marcas e pode transformar realidades?

É necessário que o Projeto Político Pedagógico (PPP) contemple a Educação das Relações Étnico-Raciais, coadunando com o combate ao preconceito, racismo e discriminação em prol da redução das desigualdades e da valorização das múltiplas raízes culturais que consolidam as identidades nacionais.

Para isso, é essencial a efetivação da **Lei 10.639/2003**, que altera a **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9.394/1996**, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana, afro-brasileira para o Ensino Fundamental e Médio. Cabe aqui enfatizar a **Lei Municipal nº 6.494/2009**, que institui a obrigatoriedade da temática também na Educação Infantil da Rede de Ensino de Guarulhos.



Há ainda que se considerar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (**Parecer CNE/CP nº**

3, de 10 de março de 2004), que discorrem, para além da efetivação da Lei 10.639/2003, sobre a notoriedade da construção das identidades positivas, em que se promove o pertencimento étnico-racial.

Também há que se levar em conta o **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**, o qual orienta os sistemas educacionais na efetivação de uma Educação Antirracista

Esticando a conversa...

Ao iniciarmos essa jornada questionamos quais avanços e desafios para a implementação da Lei 10.639/03 eram possíveis reconhecer na escola. Trouxemos reflexões e saberes que são importantes em uma Educação Antirracista que objetive o combate ao racismo, o ensino e a valorização da história e da Cultura Africana e Afro-brasileira, bem como a construção e fortalecimento das identidades étnico-raciais e autoestima dos educandos. Vamos compartilhar a seguir algumas vivências de educadores:

“Na escola e nas brincadeiras de rua quando criança eu ouvia todos os dias que eu, quando grande, seria “lixreira”, presidiária, doméstica e sempre sob o olhar sorridente e pacífico dos pais dos colegas e pior, das professoras e professores que tive. Alguns destes, negros também. Eu não entendia nada.”

“No Ensino Médio eu sofria bullying por ter o cabelo enrolado. Eu sofria o processo de despersonalização, pois alguns meninos associavam meu cabelo a pelo de cachorro.”(SIC)

Em contrapartida, algumas nos chamaram a atenção por se tratarem de **equívocos** que, infelizmente, algumas pessoas ainda têm em relação a temática e a dificuldade em discernir os conceitos de racismo, injúria racial, discriminação e bullying. Observe alguns desses **equívocos**:

"[...] O racismo não é exclusividade somente das pessoas negras, eu por exemplo, sofro racismo na minha escola por ser PEI [...]."

"[...] Sofro racismo na minha escola por ser evangélica [...]."

"[...] Na verdade, para mim, esse negócio de racismo não passa de mimimi, sempre sofri racismo, cresci sendo chamada de leite azedo[...]."

"[...]Ao meu ver, essas questões raciais não passam de politicagem [...]."

"[...]Sempre sofri racismo durante minha vida inteira, mesmo sendo branca, mas por ser gorda, ter os dentes para frente e usar óculos fundo de garrafa [...]."

Estes relatos e **equívocos**, demonstram o quanto o racismo ainda impacta a vida das pessoas, o quanto ele ainda está presente no cotidiano escolar e o quanto há a avançar na promoção de uma Educação Antirracista.

O desconhecimento embrutece, aprisiona e silencia. **A escola é espaço de vozes, conhecimento e transformação.** Sendo assim, não pode continuar a se omitir diante das violências e injustiças que afetam os educandos negros, não apenas em seu desenvolvimento intelectual, mas na sua condição humana. É preciso que cumpra seu dever na construção do respeito à diversidade racial, reconhecendo e valorizando a dignidade e a história desses sujeitos.

Todos os profissionais envolvidos com educação devem se questionar se consciente ou inconscientemente silenciam, mantêm ou propagam o racismo, preconceitos e discriminações. A implementação da Lei 10.639/03 foi um avanço no processo da luta antirracista, contudo é necessário reformular e efetivar práticas planejadas para que a conquista do Movimento Negro (obrigatoriedade do ensino da história da África e Afro-brasileiro) não se torne inócua.

Agradecemos sua companhia e atenção. Desejamos uma jornada incrível, repleta de descobertas e aprendizados. Até mais!



Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Tradução Júlia Romeu. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, N. A. de. Letramento racial: um desafio para todos nós, por Neide A. de Almeida. Portal Geledés, 28 de out. de 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/letramento-racial-um-desafio-para-todos-nos-por-neide-de-almeida/>. Acesso em: 19 de set. de 2023.

AZEVEDO E COSTA. Duane Brasil Costa e Uly Castro de Azevedo. Das senzalas às favelas: Por onde vive a população negra brasileira. 2016. Disponível em: https://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2016/07/Socializando_2016_12.pdf. Acesso em: 19/09/2023.

BARBOSA, Gerrio; FRANÇA, Michael; PORTELLA, Alysson. Desigualdade racial na educação básica. Texto para Discussão 14. Núcleo de Estudos Raciais do Insper, São Paulo, 2023. Disponível em: https://arquivos.insper.edu.br/2023/pesquisa/artigo/Relatorio_Desigualdade_racial_na_educacao_basica.pdf. Acesso em: 11 jul. 2023.

BENEDITO, Beatriz Soares; CARNEIRO, Suelaine; PORTELLA, Tânia (orgs.). Lei 10.639/03: a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira. São Paulo: Instituto Alana, 2023. Disponível em: [Pesquisa Inédita apresenta dados sobre a aplicação da Lei 10.639 \(geledes.org.br\)](https://www.geledes.org.br/negros-de-pele-clara-por-sueli-carneiro/). Acesso em 11 jul. 2023.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 01/09/2023.

BRASIL. DECRETO Nº 4.887, de 20 de Novembro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em : 01/11/2023.

BRASIL. Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm. Acesso em: 20/09/2023.

BRASIL. Lei nº 10.639/2003, de 09 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 10 mar. 2019.

BRASIL. Nações Unidas. Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 04/10/2023.

BRASIL. Nações Unidas. Objetivos de desenvolvimento sustentável. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 30/10/2023.

BRASIL. DECRETO Nº 4.887, de 20 de Novembro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em : 01/11/2023.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Lei nº 14.532, de 11 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2023/lei-14532-11-janeiro-2023-793685-norma-pl.html>. Acesso em: 20/09/2023.

CARNEIRO, Sueli. Negros de pele clara. Portal Geledés, 2004. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/negros-de-pele-clara-por-sueli-carneiro/>. Acesso em 31 ago. de 2023.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CASTRO. Lavini. Formação de professores e o mito da democracia racial: barreiras a serem vencidas. Nova Escola. 30 ago.2023. Disponível em : <https://novaescola.org.br/conteudo/21741/formacao-e-o-mito-da-democracia-racial-barreiras-a-serem-vencidas>. Acesso em: 31 ago.2023.

CASTRO. Márcio Sampaio de. Portal Geledés. 25/10/2009. Quilombos Urbanos. <https://www.geledes.org.br/quilombos-urbanos/>. Acesso em: 31 out 2023.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 1998. 240 f. Dissertação (Mestrado em educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo Faculdade de Educação, São Paulo, 1998.

Centro de Referências de Educação Integral. Combatendo o racismo na escola: abordagens possíveis. 17/11/2017. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/metodologias/combate-ndo-o-racismo-na-escola-abordagens-possiveis/>. Acesso em: 31 ago.2023.

CRUZADA CULTURAL. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Imprensa Negra. Memória da Imprensa. Disponível em: <https://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/periodicos/jornais/WG19500500.pdf>. Acesso em 25 de Dez. de 2023.

DARAMOLA O & JEJE, A. em Awon à sà ati Òrìsà ile Yorubá. Ìbàdàn, Onibon – Oje Press, 1975.

DASS, Angélica. Humanae. Disponível em: <https://angelicadass.com/pt/foto/humanae/>. Acesso em: 04 de set. de 2023.

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA. Centro de Referências em Educação Integral, 2021. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/glossario/educacao-antirracista/> Acesso em: 11 jul 2023.

ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG. Uma breve história da escrita. 2020. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/historia-escrita/>. Acesso em 22 ago.2023.

FERNANDES, Cláudio. Hieróglifos egípcios. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/hieroglifos-egipcios.htm>. Acesso em: 23 ago.2023.

FLUENTES. Patrick. Racismo ambiental é uma realidade que atinge populações vulnerabilizadas. Jornal da USP. Publicado em: 09/12/2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/racismo-ambiental-e-uma-realidade-que-atinge-populacoes-vulnerabilizadas/>. Acesso em: 20/09/2023.

GALVÃO. Jornal da USP. Dados do IBGE revelam a necessidade de ampliar políticas públicas para comunidades quilombolas. 22/08/2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-revelam-a-necessidade-de-ampliar-politicas-publicas-para-comunidades-quilombolas/>. Acesso em: 30/10/2023.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro, saberes e a tensão regulação-emancipação do corpo e da corporeidade negra. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n. 2, p. 37-60.

GOMES, Nilma Lino; MIRANDA, Shirley Aparecida de. Dossiê: Educação na Década Internacional dos Afrodescendentes (2015-2024). Educação em Revista, v. 34, 2018.

GONÇALVES. Rafael Soares. Favelas do Rio de Janeiro: História e direito/Rio de Janeiro: Pallas: Ed. PUC- Rio, 2013.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de Negro. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, Lélia. “Por um feminismo afrolatinoamericano”. Revista Isis Internacional, Santiago, v. 9, 1988, p. 133-141.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, p. 223-244, 1984.

GRALHA, Julio. Múmias? Mas, que ideia! Revista Ciência Hoje, ano 25, nº 239, p. 3-6, out. de 2012.

GUARULHOS. A escola como protagonista na construção de uma Educação Antirracista. Disponível em: <https://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br/siseduc/portal/site/listar/arquivo/>. Acesso em: 09/11/2023.

GUARULHOS. Encontro das Artes e Novembro Negro. Disponível em: <https://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br/siseduc/portal/site/listar/categoria/86/>. Acesso em: 09/11/2023.

GUARULHOS. Proposta Curricular Educação Infantil. Secretaria de Educação de Guarulhos. 2019. Disponível em: <https://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br/siseduc/portal/site/listar/categoria/8/>. Acesso em: 22/09/2023.

GUARULHOS. Proposta Curricular. Ensino Fundamental. Secretaria de Educação de Guarulhos. 2019. Disponível em: <https://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br/siseduc/portal/site/listar/categoria/8/>. Acesso em: 22/09/2023.

GUARULHOS. Secretaria de Educação. http://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br/wp_site/abriliterario/sugestoes-literarias. Acesso em: 03/10/2023.

NASCIMENTO, Abdias do. O Negro Revoltado. Rio de Janeiro: Edições GRD,1968.

NASCIMENTO, Abdias do. O Quilombismo. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

NASCIMENTO, G. Racismo Linguístico: Os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NYAKARUNDI, Henri. *lee conecting the unconnected*, s.d. Disponível em: <<https://ctu.ieee.org/bios//henri-nyakarundi/>>. Acesso em: 23 ago.2023.

OLIVEIRA, Elton Soares de. Origens da presença negra em Guarulhos : a África em nós / Elton Soares de Oliveira, José Abílio Ferreira. – São Paulo : Noovha América, 2013. Bibliografia. ISBN 978-85-7673-328-7 1. Afro-brasileiros - História 2. Escravidão - Guarulhos (SP) - História 3. Negros - Guarulhos (SP) - História I. Ferreira, José Abílio. II. Título.

OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. Estudos Avançados, v. 18, n. 50, p.57- 60, abr. 2004. Fap UNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142004000100006>. Acesso em: 23 out. 2019.

OLIVEIRA, Ruan. Educação antirracista: websérie aborda questões raciais sob viés histórico. São Paulo, 20/12/2022. Disponível em: <https://porvir.org/educacao-antirracista-webserie-aborda-questoes-raciais-sob-vies-historico/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

ONU. Brasil. No Rio de Janeiro, quilombo urbano resgata história de ancestrais. Disponível em: https://youtu.be/v6M9SBqn21Q?si=_6VYkRhIZQ5rljH5. Acesso em: 01/11/2023.

OYĒWŪMÍ, Oyèrónké. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects in: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de wanderson flor do nascimento.

PORTAL GELEDÉS. Conheça a rota das tradições e cultura africana no Brasil. 24/11/2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/conheca-rota-das-tradicoes-e-cultura-africana-no-brasil/>. Acesso em: 24 ago.2023.

PORTAL GELEDÉS.10 Inovações Tecnológicas Desenvolvidas na África. 18/03/2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/10-inovacoes-tecnologicas-desenvolvidas-na-africa/>. Acesso em: 23 ago. 2023.

OLIVA, Anderson Ribeiro. Notícias sobre a África representações do continente africano na Revista Veja (1991-2006). Afro-Ásia, n. 38, p. 141-178, 2008.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da Ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira. Curitiba: Editora gráfica Popular, 2007.

PANTOJA, Selma; ROCHA, Maria José (orgs.). Rompendo Silêncios: História da África nos currículos da educação básica. Brasília: DP Comunicações, 2004.

PARANÁ. Universidade Federal. Livro de Passatempos (recurso eletrônico). Cientistas negras: brasileiras, volume 1. Projeto de Extensão Universitária “Meninas e Mulheres nas Ciências”, UFPR, 2020.

PEREGUM. Instituto de referência Negra. Seta- Sistema de Educação por uma transformação antirracista. Sumário Executivo sobre o racismo no Brasil/ 2023. Disponível em: <https://percepcaosobreracismo.org.br/>. Acesso em: 31 ago 2023.

Portal Centro de Referências de Educação Integral. Professora alfabetiza crianças a partir de rodas de conversa e educação antirracista. 22/07/2021. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/experiencias/professora-alfabetiza-criancas-partir-de-rodas-de-conversa-e-educacao-antirracista/>. Acesso em: 31 ago.2023.

PORTAL G1. Religião e Poder na África Contemporânea: evento sobre história do Sudão discute cidadania e fé. 07/08/2023. Disponível em:<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/08/07/religiao-e-poder-na-africa-contemporanea-evento-sobre-historia-do-sudao-discute-cidadania-e-fe.ghtml>. Acesso em: 24 ago.2023.

PREFEITURA DE GUARULHOS. Disponível em: http://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br/wp_site/saberesemcasa/minha-biblioteca/ Acesso em : 12 jul. 2023.

RODRIGUES, B. O; REZENDE, T. F.; NUNES T. G. Movimento Negro e a pauta quilombola no Constituinte: ação, estratégia e repertório. Revista Direito e Práxis, Rio de Janeiro, Vol. 10, N. 1, p. 198-221, 2019.

SANTIAGO. Ana Luisa Melo. Quilombo. Infoescola Navegando e Aprendendo. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/quilombo/>. Acesso em: 19/09/2023.

SANTOS, Jefferson. Países do Continente Africano: Egito. Matemática Fácil, 2021. Disponível em: <<https://www.matematicafacil.com.br/2021/03/paises-do-continente-africano-egito.html>> Acesso em: 23 ago.2023.

SANTOS, Victor. Educação Antirracista: Como desenvolver projetos nos Anos Iniciais do Fundamental? Revista Nova Escola; 28/06/2022. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21284/educacao-antirracista-como-desenvolver-projetos-nos-anos-iniciais-do-fundamental>. Acesso em: 14 jul. 2023.

SANTOS, Victor. Revista Nova Escola. Educação Antirracista: caminhos para trabalhar a temática nos Anos Finais do Fundamental. 11/08/2022. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21321/educacao-antirracista-caminhos-para-trabalhar-a-tematica-nos-anos-finais-do-fundamental>. Acesso em: 04/10/2023.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagem para a educação étnico-racial na educação infantil, ensino fundamental e médio / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo : SME / DOT, p. 19, 2008.

SCIULO, Marília Mara. Conheça 5 religiões tradicionais de povos da África. Galileu. 2020 - Disponível: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/12/conheca-6-religoes-tradicionais-de-povos-da-africa.html#:~:text=Atualmente%2C%20predominam%20no%20territ%C3%B3rio%20africano,segundo%20a%20World%20Christian%20Encyclopedia>. Acesso em: 25 ago.2023.

SENKEVICS, A. A cor e a raça nos censos demográficos nacionais. Portal Geledés, 23 fev. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/cor-e-raca-nos-censos-demograficos-nacionais/>. Acesso em 04 set. 2023.

SILVA, Elizângela Napoleão da. ROSA, Ester Calland de S. Professores sabem o que é bullying? um tema para a formação docente. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, v. 17, n. 2, p.329-338, jun. 2013.

SILVA, Wilson Honório da. O mito da democracia racial: um debate marxista sobre raça, classe e identidade. São Paulo: Sundermann, 2016.

SODRÉ, Muniz. Claro e Escuros - identidade, Povo e Mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUSA, Rafaela. "Países da África". Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/paises-da-africa.htm>. Acesso em: 21 ago.2023.

TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO (TEN). Fundação Cultural Palmares, 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/teatro-experimental-do-negro-ten>. Acesso em 25 out. 2023.

UNESCO. História geral da África, VII: Universidade Federal de São Carlos. África sob dominação colonial, 1880-1935 / editado por Albert Adu Boahen. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010.. UNESCO III. Brasil. Ministério da Educação IV.

UNIDAS. Nações. Objetivos de desenvolvimento sustentável. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em : 06/11/2023.

VELOSO. Abraão. Tecnologia Ancestral Africana: Símbolos Adinkra/ 16 de agosto de 2022. Espaço do Conhecimento UFMG. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/tecnologia-ancestral-africana-simbolos-adinkra/>. Acesso em: 28 ago.2023.

VIVAGREEN. Turbina sem hélice: o futuro da energia eólica. 2016. Disponível em: <https://vivagreen.com.br/energia/turbina-sem-helice-o-futuro-da-energia-eolica/>. Acesso em 23 ago.2023.

ZAMPARONI, Valdemir. A África, os africanos e a identidade brasileira. In: PANTOJA, Selma; ROCHA, Maria José (orgs.). Rompendo Silêncios: História da África nos currículos da educação básica. Brasília: DP Comunicações, 2004.

Glossário

Afro-brasileiro / Afrodescendente

Afrodescendente é um termo mais amplo, que se refere a todos que descendem dos povos africanos. O termo afro-brasileiro engloba os afrodescendentes nascidos no Brasil.

Alteridade

Do latim alter, que significa “outro”, a alteridade é “o exercício de reconhecer o outro em sua diferença, sem que isso implique qualquer julgamento de valor” (BOMENY et al., 2016, p.41). Motivada pela interação com o outro e com as diversidades, trata-se do respeito ético às singularidades e às diferenças.

BOMENY, Helena; FREIRE-Medeiros, Bianca; EMERIQUE, Raquel Balmant; O'DONNELL, Julia. Tempos modernos, tempos de sociologia. 3ª edição. São Paulo (SP): Editora do Brasil, 2016.

PORFÍRIO, Francisco. Alteridade. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/conceito-alteridade.htm>. Acesso em 24 de fevereiro de 2022.

Ancestralidade

De acordo com o artigo: Ancestralidade: genética, herança e identidade (2022):

“O termo ancestralidade é amplo e pode ter múltiplos significados - cultural, religioso e até mesmo político. Embora percebida em diferentes contextos, a ancestralidade está relacionada com o sentido de herança, e expressa a nossa conexão com os nossos antepassados. Do ponto de vista genético, tem um significado mais específico: os ancestrais são os indivíduos dos quais cada um descende biologicamente. A ancestralidade é a informação sobre tais indivíduos numa relação genética” (Kimura; Lemes & Nunes, 2022. p.22)

KIMURA, Lilian; LEMES, Renan Barbosa & NUNES, Kelly: Ancestralidade: genética, herança e identidade. Genética na Escola – ISSN: 1980-3540. Sociedade Brasileira de Genética. a | Vol. 17 | Nº 1 | 2022. p. 42. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7637501/course/section/6483881/Kimura_Lemes_Nunes_2022%20%281%29.pdf. Acesso em: 15/10/2024.

Autodeclaração

A autodeclaração étnico-racial é um processo em que um indivíduo se identifica como pertencente a determinada raça ou etnia. É uma forma de reflexão e afirmação da própria identidade racial, muitas vezes é usada para promover políticas de ação afirmativa, políticas públicas, pesquisas demográficas, entre outros. No Brasil, por exemplo, a autodeclaração racial é utilizada em diversos contextos, como em universidades que adotam políticas de cotas raciais, entre outros.

O QUE É AUTODECLARAÇÃO ÉTNICO-RACIAL? Educa mais Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticia/s/o-que-e-autodeclaracao-etnicoracial>. Acesso em: 17 out. 2024.

Branquitude

Em sua tese de doutorado, a pesquisadora em Psicologia Social Lia Vainer Schucman, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) afirma,

A branquitude é entendida aqui como uma construção sócio-histórica produzida pela ideia falaciosa de superioridade racial branca, e que resulta, nas sociedades estruturadas pelo racismo, em uma posição em que os sujeitos identificados como brancos adquirem privilégios simbólicos e materiais em relação aos não brancos (Schucman, resumo, 2012).

Em um evento realizado pelo Comitê Pró-Equidade de Gênero e Raça da Fiocruz, Schucman declara,

A branquitude é sempre um lugar de vantagem estrutural do branco em sociedades estruturadas pelo racismo, ou seja, todas aquelas colonizadas pelos europeus, porque a ideia de superioridade surge ali e se espalha via colonização. Dessa forma, colocam as definições vindas da branquitude como se fossem universais (Schucman, 2019).

SCHUMAN, Lia Vainer. Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia). Área de Concentração: Psicologia Social – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

FARIAS, Erika. Pesquisadora explica conceito de branquitude como privilégio estrutural. Agência Fio Cruz. Rio de Janeiro, 17 mai. 2019. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/pesquisadora-explica-conceito-de-branquitude-como-privilegio-estrutural>. Acesso em: 20 set. 2024.

Colorismo

[...] Um sistema sofisticado de hierarquização racial e de atribuição de qualidades e fragilidades que, no Brasil, é oriundo da implantação do projeto colonial português quando da invasão do território. Um sistema de valoração que avalia atributos subjetivos e objetivos, materiais e imateriais, segundo um critério fundamentalmente eurocêntrico.

Seja em torno do fenótipo, seja com relação à carga cultural expressa pelo sujeito, a categorização do quanto um indivíduo é negro só ocorre após a leitura de que ele não é branco (Devulsky, 2021, p.21-22).

DEVULSKY, Alessandra. Colorismo. Feminismos Plurais, São Paulo, 2021.

Cosmopercepção

É a forma de compreender o mundo por meio de sentidos que não sejam apenas o visual. Essa seria uma maneira mais inclusiva de evidenciar a ideia de concepção de mundo e como ocorre sua construção em diferentes grupos.

Cosmovisão

Segundo Roberto Thomas Arruda (2023, p. 4):

Cosmovisão é um termo que deve significar um conjunto de fundamentos dos quais emerge uma compreensão sistêmica do Universo, seus componentes como a vida, o mundo em que vivemos, a natureza, o fenômeno humano e suas relações. [...]

Uma cosmovisão não é um conjunto de ideias, hipóteses e suposições, mas um sistema baseado em observação, análise, evidência e demonstração.

Nenhuma cosmovisão pretende definir, estabelecer, propor, mas apenas compreender, analisar e interpretar [...].ARRUDA, Roberto Thomas. Cosmovisões e realidades a filosofia de cada um. São Paulo: Terra à Vista 2023.

Decolonização

Indica um caminho de luta constante de identificar e visibilizar os efeitos da colonialidade e construir alternativas para corrigir e romper com essas sequelas coloniais. Catherine Walsh (2009) nos provoca a pensar na ideia de negação que o prefixo "des" significa no castelhano e que é possível verificar também no português. Para a autora suprimir a letra "s" é indicar que não se trata de negar o colonial e suas marcas, nem passar de um momento colonial para um não colonial, como se fosse possível negar a sua existência,

mas evidenciar e provocar uma atitude permanente de rebelar-se, resistir e romper com a colonialidade.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar/Abya Yala, 2009.

Diferença

"[...] a diferença é um processo linguístico e discursivo. Além disso, a diferença é sempre uma relação: não se pode ser 'diferente' de forma absoluta; é-se diferente relativamente a alguma outra coisa [...]. Na medida em que é uma relação social, o processo de significação que produz a 'diferença' se dá em conexão com as relações de poder (SILVA, 2002, p.86-87)". Como trata também Ropoli et al (2010, p. 7-8) "Ambientes escolares inclusivos são fundamentados em uma concepção de identidade e diferenças, em que as relações entre ambas não se ordenam em torno de oposições binárias (normal/especial, branco/negro, masculino/feminino, pobre/rico). Neles não se elege uma identidade como norma privilegiada em relação às demais". [...] "A educação inclusiva questiona a artificialidade das identidades normais e entende as diferenças como resultantes da multiplicidade, e não da diversidade, como comumente se proclama".

ROPOLI, Edilene Aparecida; MANTOAN, Maria Teresa Eglér; SANTOS, Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos; MACHADO, Rosângela. A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva. SEE, MEC, Brasília (DF), 2010.

Diversidade

"A diversidade é um dado - da natureza ou da cultura. A multiplicidade é um movimento. A diversidade reafirma o idêntico (SILVA, 2000, p. 101)", ou seja, na diversidade há algo que exista identificação com aspectos comuns. Conjunto de diferenças e valores compartilhados pelas pessoas no cotidiano social.

As sociedades não são homogêneas, afinal abrigam indivíduos diferentes, que possuem crenças, valores, origens e interesses diversos. Questões relacionadas à diversidade surgem no princípio de acontecimentos marcados por discriminação, preconceito e intolerância, por isso um dos grandes desafios dos sociólogos é compreender como diferentes grupos lidam com essa pluralidade (BOMENY, 2016).

BOMENY, Helena; FREIRE-Medeiros, Bianca; EMERIQUE, Raquel Balmant; O'DONNELL, Julia. Tempos modernos, tempos de sociologia. 3ª edição. São Paulo (SP): Editora do Brasil, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). Identidade e Diferenças. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

Epistemicídio

Boaventura Souza Santos foi quem primeiro utilizou o termo, afirmou que ao longo da modernidade houve "uma espécie de epistemicídio, ou seja, a destruição de saberes locais e inferiorização de outros, promovido pelo colonialismo".

Sueli Carneiro, sistematizou o conceito em sua tese ao definir como a negação da história e o apagamento dessa história. Episteme - conhecimento; cídio - morte. Epistemicídio a morte do conhecimento negro. Carneiro, afirma que quando se mata o conhecimento de um povo, mata-se esse povo, não o reconhece como humano, pois o conhecimento é da humanidade.

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado de Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SANTOS, Boaventura Souza; MENISES, Maria Paula (org.). Epistemologia do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.

Equidade

"[...] o equitativo é considerado o mais justo, não de acordo somente com a lei, e sim como uma correção da justiça legal que não deixará lacunas sociais – pois irá prever particularidades e diferenças não observadas pelo tratamento generalizado da lei. A partir disso, podemos compreender que o princípio da equidade exige o reconhecimento das desigualdades existentes entre os indivíduos para assegurar o tratamento desigual aos desiguais na busca da igualdade. Há, então, uma necessidade de conferir a determinados grupos uma proteção especial e particular em face de sua própria vulnerabilidade (IGNACIO, 2020, sp.)"

IGNACIO, Julia. Igualdade, Equidade e Justiça Social: o que significam?. Politize!. Disponível em: <https://www.politize.com.br/igualdade-equidade-e-justica-social/>. Acesso em: 23 fev. 2022.

Étnico-racial

O termo *ethnikos* é proveniente do grego, adjetivo *ethos* e se refere a nação. É um agrupamento de humanos que se diferenciam de outros por suas características socioculturais, língua, religião, costumes e tradições. Raça é uma diferenciação humana provocada a princípio cientificamente para conferir a ideia de que os mais fortes sobrevivem e derrotam os mais fracos, utilizando a obra de Charles Darwin, classificando e hierarquizando os distintos grupos humanos. Sistema que classificatório com base no fenótipo, como cor da pele, estatura, textura de cabelo etc., transmitida hereditariamente. Raça, atualmente, não está ligada ao conceito biológico, mas a uma construção social, política, e cultural e histórica.

Segundo esses dois conceitos tem como desdobramento etnocentrismo e o racismo, que estabelecem uma hierarquia entre etnias e raças discriminando, segregando, dominando, chegando ao

ponto de exterminarem os outros por considera-los inferiores.

BOMENY, Helena; FREIRE-Medeiros, Bianca; EMERIQUE, Raquel Balmant; O'DONNELL, Julia. Tempos modernos, tempos de sociologia. 3ª edição. São Paulo (SP): Editora do Brasil, 2016.

SANTOS, Jorge Luís Felizardo dos; Uma avaliação dos 15 anos da Lei 10.639/2003. 1ª edição. Curitiba: Appris, 2021.

Etnocentrismo

É julgar a cultura do outro pelos critérios da sua cultura. Caracterizado pelo julgamento do modo de vida, costume, visão de mundo, de um grupo não é o seu através de seus valores, sua visão de mundo e costumes de sua própria cultura.

Exemplo disso é considerar que a comunidade indígena é atrasada, porque vive através dos princípios e valores que são julgados são inferiores.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. Filosofando: introdução à filosofia. 6ª edição. São Paulo (SP): Moderna, 2016.

BOMENY, Helena; FREIRE-Medeiros, Bianca; EMERIQUE, Raquel Balmant; O'DONNELL, Julia. Tempos modernos, tempos de sociologia. 3ª edição. São Paulo (SP): Editora do Brasil, 2016.

Eugenia

O termo Eugenia foi criado por Francis Galton (1822-1911), que o definiu como: "O estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente."

A eugenia consistia em uma série de medidas e crenças que tinha como foco influenciar e manipular a reprodução humana a fim do melhoramento da espécie humana.

No Brasil afirmavam que a população negra era causadora de uma série de epidemias e que a eugenia seria a forma de realizar uma espécie de higiene social.

Porto Editora – eugenia no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora.

Fenótipo

Se refere às características externas dos sujeitos, ou seja, o fenótipo determina a aparência do indivíduo (em sua maioria, as características observáveis) e a combinação resultante da interação com o meio em que este sujeito se desenvolve. Temos como exemplos de fenótipo: o formato dos olhos, a tonalidade da pele, cor e textura do cabelo, dentre outros.

Hegemônico

Hegemônico é originado do termo hegemonia que se refere a uma forma particular de dominação na qual uma classe torna legítima sua posição e obtém aceitação, quando não apoio irrestrito, dos que se encontram abaixo.

Até certo ponto, toda dominação baseia-se na coerção e no potencial de uso da força. Este tipo de poder, no entanto, é relativamente instável. Para que a dominação seja estável, a classe governante precisa criar e manter estilos de ampla aceitação de pensar sobre o mundo que define sua dominação como razoável, justa e no melhor interesse da sociedade como um todo.

Dicionário de Sociologia. / Allan Johnson. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. Dicionário do Pensamento Social do Século XX.

Ílosiwájú

1. Avanço
2. Progresso

Isonomia

O artigo 5º da Constituição Federal estabelece o princípio da isonomia, no qual define que todos são iguais perante a lei. Isso significa que o Estado deve tratar todos os cidadãos de maneira igualitária, sem discriminação de qualquer natureza. No entanto, esse princípio observa os sujeitos e a construção histórica, social e política, pois em alguns casos, a simples igualdade perante a lei não assegura condições igualitárias de acesso.

Dessa forma, entende-se que "o tratamento deve ser igual para iguais e desigual para os desiguais, na medida de suas desigualdades". O princípio da isonomia, portanto, contempla os desequilíbrios que podem existir na simples aplicação da igualdade e prevê que as desigualdades sejam reparadas de maneira justa entre as partes. Assim, busca-se o equilíbrio e a justiça no acesso aos direitos.

LENZA, Pedro. Direito Constitucional. Coleção Esquemático. 20 edição. São Paulo. Saraiva Jur, 2017.

MORAES, Alexandre de. Direito Constitucional. 39 edição. São Paulo. Atlas, 2022.

Jisike

1. Segurar firme
2. Agente firme
3. Não desista
4. Boa sorte
5. A expressão é utilizada como encorajamento em situações difíceis ou desafiadoras (cansaço, frustração, luto, doença, desânimo...) para perseverar diante de situações desencorajadoras ou desanimadoras.

Movimento Negro

Movimento negro é a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural.

Para o movimento negro, a "raça", e, por conseguinte, a identidade racial, é utilizada não só como elemento de mobilização, mas também de mediação das reivindicações políticas. Em outras palavras, para o movimento negro, a "raça" é o fator determinante de organização dos negros em torno de um projeto comum de ação (Domingues, 2006).

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. Tempo. V.23, N.12, p. 100-122, mar. 2007.

Negro

Neste curso utilizaremos o termo "negro", de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que considera a população negra composta pelas pessoas que se autodeclararam pretas e pardas.

Preto

O termo preto é utilizado em referência a cor de pele mais escura, retinta. A categoria de raça negra engloba pretos e pardos.

Racialização

A visão contemporânea de "racialização" ou "formação de raça" parte da premissa de que "a raça é uma construção social e categoria não universal ou essencial da biologia. Raças não existem fora da representação. Em vez disso, elas são formadas na e pela simbolização em um processo de luta pelo poder social e político".

A ideia de racialização refere-se às situações nas quais "as relações sociais entre as pessoas foram estruturadas pela significação de características biológicas humanas, de tal modo a definir e construir coletividades sociais diferenciadas" (SILVÉRIO, 2013, p. 34-35).

SILVÉRIO, Valter Roberto. Multiculturalismo e metamorfose na racialização: notas preliminares sobre a experiência contemporânea brasileira. in BONELLI, Maria da Gloria; LANDA, Martha Diaz Villegas de (Orgs.). Sociologia e mudança social no Brasil e na Argentina. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2013. 340p.

Sexismo

O sexismo é uma forma de discriminação baseada no gênero, geralmente favorecendo os homens e limitando as oportunidades das mulheres em diversas áreas da sociedade.

Ele pode se manifestar de maneira hostil, com atitudes abertamente agressivas, ou de forma benevolente, disfarçado de elogios que reforcem papéis tradicionais de gênero.

Essas atitudes sexistas aparecem em comportamentos explícitos, como disparidades salariais, e em microagressões cotidianas, como piadas e estereótipos (Campos, s.d.).

CAMPOS, Tiago Soares. "Sexismo". Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/sexismo.htm>. Acesso em 19 de setembro de 2024.

Terras devolutas

Terras devolutas são terras públicas sem destinação pelo Poder Público e que em nenhum momento integraram o patrimônio de um particular, ainda que estejam irregularmente sob sua posse. O termo "devoluta" relaciona-se ao conceito de terra devolvida. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2023-set-21/polastr-miranda-alienacao-concessao-uso-terras-devolutas>. Acesso em: 28 fev. 2024

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

Rua Claudino Barbosa, 313 - Macedo - Guarulhos/SP

CEP 07113-040 - TEL.: 2475-7300

<http://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br>



CIDADE DE
GUARULHOS